

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALLOYSE RODRIGUES BOBERG

**GLOBO REPÓRTER: UMA INVESTIGAÇÃO
SOBRE O ESTILO TEXTUAL DA REPORTAGEM TELEVISIVA**

**CURITIBA
2008**

ALLOYSE RODRIGUES BOBERG

**GLOBO REPÓRTER: UMA INVESTIGAÇÃO
SOBRE O ESTILO TEXTUAL DA REPORTAGEM TELEVISIVA**

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora do Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Estudos Lingüísticos, da Universidade Federal do Paraná, como requisito para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Iara Bemquerer Costa.

**CURITIBA
2008**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

PARECER

Defesa de dissertação de mestrado de ALLOYSE RODRIGUES BOBERG para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

As abaixo assinadas IARA BEMQUERER COSTA, LÍGIA NEGRI e MARIA LAURA MAYRINK SABINSON argüiram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação:

“GLOBO REPÓRTER: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ESTILO TEXTUAL DA REPORTAGEM TELEVISIVA”

Procedida a argüição, segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
IARA BEMQUERER COSTA		aprovada
MARIA L. MAYRINK SABINSON		aprovada
LÍGIA NEGRI		aprovada

Curitiba, 25 de agosto de 2008.

Prof. Dr. Raquel Illescas Bueno
Vice-Coordenadora

Aos meus pais, por me estimularem a alcançar desafios tão grandes.
Ao meu marido, por ser meu grande parceiro nesta empreitada.

AGRADECIMENTOS

Faço um agradecimento especial à minha orientadora, pela dedicação e atenção dada em todos esses meses de estudo e pesquisa.

Agradeço também a professora Cláudia Mendes Campos, pela contribuição a esta pesquisa.

Aos professores, por me apresentarem uma ciência tão fascinante.

BOBERG, Alloyse Rodrigues. *Globo Repórter: uma investigação sobre o estilo textual da reportagem televisiva*. 2008. p.120. Dissertação. (Área de concentração em Estudos Lingüísticos) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2008.

RESUMO

Numa época em que os “acontecimentos” são disponibilizados ao público praticamente vinte e quatro horas por dia, o jornalismo de televisão certamente foi escolhido como fonte de informação por boa parte da população brasileira. A televisão trouxe a democratização da informação ao país, já que utiliza uma linguagem acessível ao público, independentemente do nível cultural. A linguagem adotada pelos telejornais se caracteriza como uma forma objetiva de transmitir os acontecimentos e também uma maneira didática de informar. Esta pesquisa de mestrado tem por objetivo investigar as características estilísticas da linguagem jornalística de televisão, que fazem com que tal linguagem seja facilmente compreendida pelo público. O *corpus* de análise consiste em duas edições do *Globo Repórter*, programa semanal da Rede Globo de Televisão. Serão investigados os recursos lingüísticos mobilizados pelos jornalistas, na elaboração dos textos, que criam efeitos de naturalidade e espontaneidade, com o propósito de tornar a informação mais clara ao público.

Palavras-chave: Estilo lingüístico. Reportagem de televisão. Gêneros do discurso.

In times news are available to people twenty four hours a day, certainly brazilian population choose television journalism to be informed. The television brought the information democracy, since its uses an accessible language to the public, no matter the cultural level of the population. The language adopt at news characterize an objective form to transmit the events as well a didactic way to inform the news. This master research has the objective of investigate the stylistic journalism language characteristics, who takes this language easily understanding to the public. The analysis *corpus* consists in two Globo Repórter editions, a weekly program of Rede Globo Television. This work will investigate the linguistics resources accessed by journalists to create texts with the effect of naturally, with the objective to turn the information clearly to the viewer.

Keyword: Linguistics style. Documentary television. Genre studies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 01 - A LINGUAGEM JORNALÍSTICA DE TELEVISÃO	12
1.1 A NECESSIDADE DE INFORMAÇÃO	12
1.2 A TELEVISÃO NO BRASIL	15
1.3 O TELESPECTADOR E A LINGUAGEM JORNALÍSTICA	18
1.4 A LINGUAGEM DO GLOBO REPÓRTER	21
1.5 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA REPORTAGEM DE TELEVISÃO	24
1.6 REPORTAGENS FACTUAIS E ESPECIAIS	28
CAPÍTULO 02 - QUADRO TEÓRICO: GÊNEROS, ESTILO E AUTORIA NA REPORTAGEM DE TELEVISÃO	32
2.1. OS GÊNEROS DO DISCURSO	33
2.2 O ESTILO DO GÊNERO E O ESTILO DO AUTOR	37
2.3 O ESTUDO DO ESTILO A PARTIR DA ANÁLISE DO DISCURSO	42
2.4 A ANÁLISE DO ESTILO EM TEXTOS COM AUTOR COLETIVO	46
2.5 A HETEROGENEIDADE MOSTRADA	52
CAPÍTULO 03 - ANÁLISE DOS TEXTOS DO GLOBO REPÓRTER	56
3.1 MARCAS QUE PERMITEM RECONHECER O ETHOS DO PROGRAMA	59
3.2 MARCAS QUE MOSTRAM A REPRESENTAÇÃO DE UM LEQUE HETEROGÊNEO DE TELESPECTADORES	67
3.3 O GERENCIAMENTO DE VOZES NO GLOBO REPÓRTER	71
3.3.1 O cruzamento de vozes revelado através dos verbos de dizer.....	74
3.3.2 As vozes reveladas pelo discurso direto	76
3.3.3 As vozes reveladas pelo conectivo “mas”	79
CONCLUSÃO	83
REFERÊNCIAS	87
ANEXOS	90

INTRODUÇÃO

A intenção desta pesquisa de mestrado é investigar o estilo da linguagem jornalística em duas edições do Globo Repórter, programa semanal da Rede Globo de televisão. A escolha deste objeto de estudo se deve ao fato de o programa estar há mais de trinta anos em exibição e ser assistido em todo o território nacional. Considera-se que a linguagem do Globo Repórter seja um dos pilares para a ininterrupta exibição do programa.

Para identificar as características estilísticas dessa linguagem, serão analisados textos transcritos de dois episódios do Globo Repórter. O motivo de a escolha recair sobre apenas dois programas, justifica-se pelo volume de textos encontrados, o que permite revelar uma gama significativa de características estilísticas dessa linguagem, contendo dados suficientes para a identificação de seu estilo.

Um trabalho com tal abordagem requer a utilização de ferramentas de áreas da Lingüística e da Comunicação Social, uma vez que para analisar o estilo de linguagem de um programa de televisão brasileiro é preciso: a) demonstrar o funcionamento da área jornalística, à luz de teóricos da comunicação; b) analisar mais profundamente a construção textual do programa, com a contribuição de teóricos da Lingüística.

O primeiro capítulo se ocupará em apresentar as características textuais das reportagens de televisão, dando ênfase aos critérios utilizados para a construção dos textos do jornalismo televisivo. Para tanto, será necessário realizar, primeiramente, um breve relato da história do jornalismo e também abordar a evolução da linguagem jornalística até atingir um padrão de escrita hoje utilizado pelas emissoras de televisão de todo o país. Como se verá mais adiante, a difusão da televisão nos lares brasileiros permitiu que o jornalismo televisivo ganhasse cada vez mais a adesão dos telespectadores, ao longo de décadas. A nacionalização do jornalismo, por sua vez, exigiu dos comunicadores mais critérios na criação textual, para atingir um

público variado. Por isso, a necessidade de se estabelecer uma forma padrão de textos jornalísticos.

As noções a respeito do jornalismo televisivo serão baseadas nas concepções de teóricos da área da comunicação, como Lage (1997) e Medina (1988), além de Paternostro (1997) que ajudarão a esclarecer algumas questões a respeito da linguagem televisiva.

Neste capítulo ainda o leitor encontrará detalhes sobre a linguagem do Globo Repórter, que é o objeto de estudo desta pesquisa. Devido ao caráter de um telejornal especial, as reportagens passam por um processo diferenciado na sua elaboração e também durante a produção textual. A denominação “especial” se deve justamente ao fato das reportagens do Globo Repórter receberem um tratamento conferido à produção da reportagem e também ao processo de criação textual diferente das reportagens exibidas nos telejornais diários. Seria interessante observar como são planejadas as opções estilísticas para a composição dos textos do programa.

A maneira como as reportagens são estruturadas e disponibilizadas ao público também ajudam a conferir um estilo textual próprio ao programa. A investigação sobre tais características deve ser feita com base em algumas reflexões de Van Dijk (1996) a respeito da superestrutura do discurso noticioso. Para o autor, o discurso noticioso possui estruturas esquemáticas globalizadas, que consistem em categorias que auxiliam na organização do texto jornalístico.

No segundo capítulo será apresentada a parte teórica do trabalho, com subsídios para a investigação do gênero “reportagem de televisão”. Tal investigação não deve ser debatida pelo viés da Comunicação, uma vez que esta área não possui ferramentas adequadas para um exame mais aprofundado do estilo textual das reportagens televisivas. Assim, a investigação deve ser realizada à luz de teóricos da Lingüística e estudiosos da língua, como Bakhtin (1997). As idéias do autor a respeito dos gêneros do discurso são fundamentais para se compreender como o gênero reportagem de televisão é constituído. Em *Estética da criação verbal*, Bakhtin aponta que o enunciado¹ é composto de três elementos: conteúdo temático, estilo e

¹ Bakhtin conceitua enunciado como unidade concreta e real da comunicação discursiva.

construção composicional, que se fundem e que são marcados em cada situação de comunicação. “Cada nova esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 1997, p. 279, grifo do autor). A partir dessa noção de gênero, é possível identificar as características do gênero “reportagem de televisão”, que distinguem o programa Globo Repórter e que revelam o estilo aí empregado.

Observando ainda a concepção de gênero, será possível confrontar este estilo ao estilo do autor. Quanto ao estilo de gênero, segundo Bakhtin os elementos que compõem o enunciado ajudam a empregar estilo ao gênero. Para se investigar as marcas reveladoras do estilo do gênero em questão, serão analisados cada um dos elementos caracterizadores do enunciado – no caso o enunciado jornalístico: tema, estilo e construção composicional.

A investigação sobre o estilo do autor dos textos do Globo Repórter será realizada considerando-se a noção de “marca do autor”, identificada por Possenti (1993), quando afirma que o sujeito realiza as escolhas dos recursos disponíveis para “trabalhar a língua” e atingir o que intenta. Portanto, as marcas do indivíduo são o resultado do “trabalho” do usuário na linguagem. “E nisto reside o estilo. No *como* o locutor constitui seu enunciado para obter o efeito que quer obter” (POSSENTI, 1993, p. 158 – grifo do autor). Como se observará, contudo, não é possível afirmar que a autoria da reportagem de televisão seja atribuída apenas ao repórter, devido ao processo de construção das reportagens que envolve vários profissionais. Será interessante observar que o autor (repórter) segue um estilo textual que direciona o seu próprio estilo de escrever, e que se sobrepõe ao estilo individual.

Pode-se afirmar, portanto, a existência de um autor coletivo para os textos do Globo Repórter, pois o jornalista apenas assume a posição de autor do discurso do programa. A investigação do estilo desse autor coletivo, será realizada a partir das noções de *ethos*, *pathos* e *logos*, originárias da Retórica Clássica e incorporadas à Análise do Discurso por diversos autores, entre os quais Fiorin (2004). Segundo o autor, ao contrário do pensamento da Retórica Aristotélica, o *ethos* não é a imagem real do orador,

mas a imagem construída de um enunciador. Sendo assim, o *pathos* não é o auditório em si, mas a imagem que o enunciador tem do enunciatário. Como se verificará, o *ethos* do Globo Repórter é a imagem atribuída a um grupo de jornalistas que visa transmitir informações ao público, de maneira didática, com a pretensão de também educar o telespectador através dos assuntos abordados no programa. Já o *pathos* do Globo Repórter é representada pela imagem da nação brasileira, um grupo variado de pessoas, com diferenças regionais, diferentes níveis de escolaridade e escolhas religiosas divergentes. As concepções de *ethos* e *pathos* permitem, ao leitor, visualizar a relação existente entre a “imagem dos jornalistas do Globo Repórter” que elaboram um estilo de texto para atender à demanda de seu público, no caso o *pathos* do alocutário do programa.

E, por último, ainda no segundo capítulo, será observada mais uma característica reveladora do estilo dos textos do programa: o cruzamento de vozes no fio discursivo do repórter. Segundo Authier-Revuz (1990), todo discurso é heterogêneo porque o sujeito também o é. A autora toma por base conceitos da Psicanálise e também do dialogismo bakhtiniano para estudar a heterogeneidade enunciativa. As formas de heterogeneidade propostas pela autora serão bastante úteis no processo de investigação das vozes presentes no texto do programa.

O terceiro e último capítulo se ocupará com a análise das características textuais do Globo Repórter. As análises serão separadas em três partes: a primeira visa investigar as características reveladoras de um perfil pedagógico do programa e concretizadoras do *ethos* do Globo Repórter; a segunda visa demonstrar as características reveladoras do público heterogêneo do programa. Por último, será feita uma investigação do cruzamento de vozes nos textos do Globo Repórter.

A primeira parte das análises observará os recursos lingüísticos mobilizados pelos jornalistas para criar o efeito de simplicidade e naturalidade nos textos do programa, que são marcas que permitem reconhecer o *ethos* pedagógico do Globo Repórter. Na segunda parte das análises, serão destacados recortes de textos que apresentem marcas textuais que permitem identificar a heterogeneidade do público do programa. Como se verá nesta análise, em alguns momentos as informações transmitidas estão

direcionadas a um público mais escolarizado, enquanto em outros percebe-se a intenção de “dialogar” com telespectadores menos escolarizados.

A terceira e última parte das análises enfoca a presença do Outro nos textos do programa, à luz de Authier-Revuz (1990), nos seus trabalhos sobre a Heterogeneidade Enunciativa. A investigação do cruzamento de vozes será realizada em três partes: a primeira busca identificar a presença do Outro no texto do repórter, através dos verbos de dizer; a segunda parte pretende observar a heterogeneidade, buscando exemplos de formas de discurso direto do entrevistado. E, no último item, a heterogeneidade será observada pela presença do conectivo “mas”.

Espera-se que esta pesquisa possa trazer subsídios para estudiosos da linguagem que se interessam pela veiculação da língua nas diferentes mídias, principalmente num país em que a “linguagem televisiva” se faz tão presente no cotidiano dos brasileiros, seja influenciando positivamente ou não a fala e modos de expressão, seja como veículo de informação que ganha confiabilidade graças ao estilo lingüístico adotado.

CAPÍTULO 01 - A LINGUAGEM JORNALÍSTICA DE TELEVISÃO

Este capítulo abordará a evolução da linguagem jornalística até a caracterização de uma forma padrão de escrita, passando também por um breve histórico do jornalismo no mundo e no Brasil. Também serão apresentados os motivos que levaram a escolha do Globo Repórter como objeto desta pesquisa.

1.1 A NECESSIDADE DE INFORMAÇÃO

Desde a criação da televisão, nos anos 40, a população mundial passou a incorporar esse meio de comunicação aos hábitos cotidianos. Ao longo de décadas, o equipamento não só ganhou espaço dentro dos lares brasileiros, como também passou a fazer parte da rotina da população.

No Brasil, a televisão chegou nos primeiros anos da década de 1950. A programação televisiva daquela época era composta por uma variedade de programas, como telejornais, programas de auditório, seriados, novelas. Ou seja, a televisão era uma forma de lazer e também de se manter informado. Atualmente, a televisão continua sendo uma forma de entretenimento, mas com um espaço maior dedicado ao jornalismo.

A indagação sobre os motivos que levaram a população brasileira a eleger a televisão como um hábito cotidiano e como um dos principais veículos de informação encontra resposta nas palavras de Kovack & Rosenstiel (2004), considerados os maiores críticos dos meios de comunicação norte-americanos. Os jornalistas acreditam que estar informado é uma necessidade básica para a sobrevivência do ser humano e a televisão seria um meio farto para que os indivíduos pudessem atingir esse objetivo. Para os jornalistas,

[...] as pessoas precisam de informação por causa de um instinto básico do ser humano, que chamamos de Instinto da Percepção. Elas precisam saber o que acontece do outro lado do país e do mundo, precisam estar a par dos fatos que vão além de sua própria experiência. O conhecimento do desconhecido lhes dá segurança, permite-lhes planejar e administrar suas próprias vidas. Trocar figurinhas com essa informação se converte na base para a criação da comunidade, propiciando a ligação entre as pessoas. (KOVACK & ROSENSTIEL, 2004, p. 36)

Os autores lembram que mesmo antes da imprensa, quando as conversas entre as pessoas eram mais comuns, a troca de informação era fundamental para que os sujeitos planejassem suas vidas: “A informação produziria um sentido de coesão e metas comuns” (KOVACK & ROSENSTIEL, 2004, p. 36). No século XVII, passou a ser uma prática corriqueira as reuniões de pessoas em cafés e bares de cidades como Londres e Nova Iorque, para fazer relatos de viagens e debater assuntos do cotidiano. Os jornalistas contam que os primeiros jornais de que se tem notícia surgiram a partir dessas conversas de bares, que ficavam registradas em livros especiais, aos quais os frequentadores tinham acesso livre. Esses registros eram versões rudimentares do jornal impresso.

As informações começavam, a partir de então, a ganhar roupagem nova. Com a evolução da imprensa, manter-se informado tornou-se mais fácil, já que não era mais necessário frequentar bares ou restaurantes para estar a par dos acontecimentos. O surgimento de algumas tecnologias, como as prensas e posteriormente o grande maquinário que hoje faz rodar os jornais, fez acelerar ainda mais o acesso das pessoas às informações.

Oficialmente, a imprensa brasileira surgiu com a chegada ao país da família real. Duzentos anos depois, o país se tornaria um grande mercado de comunicação, abrigando emissoras de rádio, jornais impressos, revistas e grandes emissoras de televisão, algumas das quais são consideradas as maiores do mundo, como é o caso da Rede Globo.

É inegável, hoje, a relevância da televisão na vida dos brasileiros e é notável a influência que este veículo exerce. Uma pesquisa realizada anualmente pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) demonstra uma evolução da presença da TV nos lares brasileiros, na última década.

Segundo a pesquisa, em 2001², o número de residências com televisão no Brasil ultrapassou o de habitações com rádio. As estatísticas do Instituto apontam que, naquele ano, o percentual de lares brasileiros que possuíam um aparelho de televisão era de 89% em relação a toda a população nacional. Os rádios, aparelhos mais baratos e, portanto, mais fáceis de serem adquiridos, estavam presentes em 88% das casas brasileiras. A Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílios, do IBGE, apresenta uma queda no número de rádios entre os anos de 2001 e 2006. No ano de 2005, o rádio passou a estar presente em 88,4% dos lares brasileiros, mas teve uma queda no ano de 2006, perfazendo 88,1% das residências do país. O consumo de rádio no Brasil manteve-se estável nos últimos anos. Já os aparelhos televisores tiveram um acréscimo constante. Os equipamentos que estavam presentes em 88% dos domicílios brasileiros, em 2001, passaram a ocupar 93,5%, em 2006.

Em suma, é digno de nota que a televisão foi eleita pela população do país como um dos principais veículos de comunicação, pois é encontrada em quase 100% dos lares brasileiros. Como demonstra a pesquisa do IBGE, é o meio eletrônico informativo mais presente na vida dos cidadãos do país.

A televisão se tornou, a partir da década de 1960, o suporte do discurso, ou dos discursos que identificam o Brasil para o Brasil. Pode-se mesmo dizer que a TV ajuda a dar o formato da nossa democracia. (BUCCI, 2004, p. 31-32)

A afirmativa de Eugênio Bucci, jornalista e crítico da televisão brasileira, permite visualizar a transformação pela qual a televisão passou, desde sua origem até a atualidade e ainda a relevância e a força que este veículo tem entre a população brasileira.

Mas, o aprimoramento da televisão até atingir a representatividade que tem hoje foi se concretizado ao longo das últimas décadas. Nos primeiros anos, programas de entretenimento, de humor e os de auditórios dominavam a programação das poucas emissoras existentes. Com a introdução do *vídeotape* nos meios televisivos, entre as décadas de 60 e 70,

² Pesquisa Nacional por Amostras em Domicílio do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Ano de 2002, referente ao ano de 2001.

as programações, que antes eram realizadas exclusivamente ao vivo, passaram a ser gravadas e posteriormente exibidas. Ficava mais fácil e menos custoso para as emissoras de televisão fazer programas pré-fabricados. Facilitava também a produção das reportagens de televisão, pois quase tudo poderia ser pré-gravado e exibido. A partir de então, o entretenimento deixava de ser a característica dominante das principais emissoras de televisão. Já na década de 1980, as telenovelas e programas humorísticos passaram a dividir cada vez mais espaço da programação televisiva com os telejornais. Atualmente, cerca de oitenta por cento da população do país utiliza a televisão para se informar, segundo pesquisas estatísticas realizadas pela Rede Globo³. Trata-se de uma transformação no comportamento do brasileiro em relação à informação.

1.2 A TELEVISÃO NO BRASIL

Até meados da década de 50, o rádio era o principal veículo de informação da população brasileira. Grandes programas daquela época, como o Repórter Esso, exibido primeiramente na Rádio Nacional, tiveram um público fiel, por décadas. Junto com as radionovelas, o Repórter Esso foi considerado o programa preferido de muitas famílias brasileiras até sua extinção, em 1968, quando já era exibido pela Rádio Globo.

A televisão surgiu no Brasil na década de 1950 e tinha uma programação muito próxima à do rádio, mas em um novo formato: agora o público poderia ver os artistas, os comentaristas esportivos, os jornalistas, além de apenas ouvi-los.

O jornalismo também tornou-se atração na televisão, mas os primeiros telejornais, assim como todos os programas, não fugiam ao formato dos programas radiofônicos: as notícias eram apenas lidas por um

³ Dado fornecido pela Central Globo de Jornalismo baseada em pesquisa sobre o perfil do telespectador, referente ao ano de 2006. Segundo informações divulgadas pela Rede Globo, as pesquisas de audiência são realizadas pelo Instituto Ibope.

apresentador, que relatava os acontecimentos do dia aos telespectadores, sem o apoio de qualquer recurso de imagens.

Na década de 1960, o número de telejornais já havia se multiplicado em dezenas e a linguagem jornalística, que antes era copiada dos programas do rádio, começou a ganhar forma própria.

Ao entrar em contato com esses numerosos telejornais, o telespectador brasileiro passou a criar uma demanda por uma informação mais rápida, exigindo cada vez mais a agilidade nos noticiários e precisão das informações que eram exibidas. O jornalismo começava a ganhar um ritmo de escala industrial. Como afirmou Nilson Lage (1997, p.35), “o jornalismo se propõe processar informação em escala industrial e para consumo imediato”. Essa “urgência” pelas informações fez com que os noticiários ganhassem mais espaço nas programações nacionais. Como aponta Lage, inicialmente os programas jornalísticos dedicavam boa parte da sua grade aos assuntos da cidade onde a emissora estava instalada e não havia uma intenção de transmissão nacional. Com a difusão da televisão por todo o território nacional, as emissoras começaram a padronizar sua programação, fazendo com o que telejornalismo também passasse a ser transmitido para todo o país.

Medina (1988) enfatiza que os donos de emissoras, nas primeiras décadas de existência da televisão, já buscavam expandir a programação dos telejornais para todo o Brasil:

Fruto do surto “desenvolvimentista” que empolga o país na segunda metade deste século, surgem no mercado novas e poderosas empresas que pretendem atingir, com seus produtos jornalísticos, audiências nacionais. (MEDINA, 1988, p. 48)

A nacionalização da informação, acrescenta Medina, representava um acréscimo de telespectadores dos telejornais, uma vez que o alcance da televisão faria com que cada vez mais pessoas tivessem acesso aos noticiários. A esta altura, o jornalismo precisava adequar a maneira de produzir as reportagens de televisão e, em especial, era preciso modificar sua

linguagem. Aos poucos, a técnica jornalística⁴ deu espaço para normas editoriais, que ditaram a maneira de se fazer o jornalismo brasileiro.

A trajetória da escrita jornalística até à padronização da maneira de escrever é um dos destaques da tese de doutorado de Melo (2005). No seu trabalho, a autora investiga como a imprensa buscou padronizar a escrita, com o objetivo de tornar a linguagem jornalística mais clara e informativa:

Apenas no cenário da padronização e da produção em massa da indústria, os manuais poderiam surgir como produto para consumo. A troca de objeto do jornalismo: da opinião para a informação, encontrou nos manuais de redação e estilo um grande apoio, uma vez que esses cumprem a tarefa de transformar em mercadoria a informação jornalística dos textos noticiosos. (MELO, 2005, p. 35)

Hoje, essas normas divulgadas nos principais manuais de telejornalismo do país, como o da Rede Globo e o da Rede Record, permitem criar uma forma padrão de escrita que têm a pretensão de ser clara e objetiva. Entre os manuais que apresentam essa preocupação está o da Rede Globo, no qual a tentativa de criar textos simples é destacada: “nossa linguagem deve ser clara, direta, pouco nervosa e nada confusa. Todo efeito gratuito é proibido. Sejam simples” (REDE GLOBO, 1997, p. 12)⁵.

Um outro fator que fazia parte do aprimoramento da linguagem jornalística é a maneira como as informações seriam transmitidas ao seu público. A notícia lida por um único apresentador, como nos primeiros telejornais, não acompanhava o dinamismo pelo qual o jornalismo passava. Era preciso também que existisse um padrão na forma de se relatar os acontecimentos nos jornais de televisão. Por isso, a criação de uma linguagem padrão – a dos manuais – passou a ser adotada por todas as redações televisivas.

⁴ O uso da palavra “técnica” e não apenas “jornalismo” é necessária, já que na década de 70 eram poucas as universidades que possuíam o curso de jornalismo. A técnica jornalística era aprendida dentro das redações e não na sala de aula.

⁵ Ao contrário do que ocorrem com os manuais dos jornais impressos, que são vendidos em livrarias, os manuais da Rede Globo e Rede Record são distribuídos apenas para funcionários das emissoras e afiliadas.

Machado (2005) lembra como foi a transformação da linguagem jornalística até a obtenção de uma forma padrão de apresentar os acontecimentos:

[...] o antigo modelo de telejornal, derivado da prática radiofônica e apoiado basicamente num locutor que lê um *script*, foi sendo substituído aos poucos por um modelo que tem hoje na CNN o seu melhor representante, onde a tarefa de construir o noticiário do dia é repartida entre os vários sujeitos falantes que povoam a tela. (MACHADO, 2005, p. 106)

Assim, pode-se dizer que a linguagem jornalística usada hoje nos telejornais é resultado de um trabalho de décadas dos profissionais da comunicação, que estabeleceram uma nova maneira de narrar os acontecimentos ao público. Uma linguagem que foi adotada pela grande maioria das emissoras de televisão do país e que é utilizada como forma padrão de escrita.

1.3 O TELESPECTADOR E A LINGUAGEM JORNALÍSTICA

Como dito no início deste capítulo, mais de 90% dos lares brasileiros possuem aparelhos televisores. Isso quer dizer que a grande maioria da população do país tem acesso aos telejornais. E, como ditam os principais manuais de telejornalismo do país, é nesse público que os jornalistas devem pensar para a elaboração da linguagem dos telejornais. Os donos das emissoras também consideram o público relevante para as televisões, mas por um outro motivo: os telespectadores representam consumidores potenciais.

Desde o surgimento do telejornalismo no país, os proprietários das principais redes de televisão passaram a se preocupar com a quantidade de televisores sintonizados nos telejornais. Acredita-se que a audiência seja tão importante para os telejornais quanto para os demais programas das emissoras brasileiras, como as novelas, por exemplo. Numa forma mais simplista, é possível afirmar que a audiência nos telejornais é utilizada basicamente para servir de propaganda para o próprio telejornal e arrebanhar

cada vez mais telespectadores. Acredita-se que quanto mais telespectadores assistirem ao telejornal, mais aumentará o seu prestígio e ajudará também a valorizar os produtos comercializados entre um bloco de notícias e outro.

Em geral, as emissoras brasileiras utilizam um tipo de pesquisa chamada “audiência por domicílio”, que contabiliza o número de televisores sintonizados num determinado telejornal, no momento em que ele está sendo exibido. A contagem é realizada apenas pelo número de residências, não se considerando o número de pessoas que estão assistindo ao programa numa mesma residência.

A Rede Globo, em parceria com o Instituto Ibope, divulga em sua página na internet, que realiza cinco horas diárias⁶ de jornalismo ao vivo e tem um nível de audiência alto nos telejornais que são exibidos em rede nacional: uma média de 30% por programa jornalístico. Segundo a emissora, em casos especiais, como o episódio do atentado de 11 de setembro, por exemplo, a audiência registrada foi tão elevada que 90% dos lares brasileiros estariam sintonizados no Jornal Nacional. Para que as informações possam ser compreendidas por uma imensa gama de telespectadores, é preciso que a linguagem jornalística cumpra seus propósitos de objetividade e simplicidade.

Segundo Lage (1997), a linguagem jornalística é universal, uma vez que a prática textual jornalística segue parâmetros muito próximos em todo o mundo. Tal linguagem, então, não teria fronteiras: “Precisamos de um conceito de linguagem mais amplo, que não se refira apenas a uma língua, mas a grande variedade delas” (LAGE, 1997, p. 05). Lage está se referindo a uma linguagem padrão que é seguida pelas emissoras de televisão de todo mundo, cujo formato permite atingir um público variado. Para tanto, é preciso que a linguagem jornalística cumpra os seus critérios fundamentais: a busca por efeitos de naturalidade⁷ e simplicidade. Segundo os manuais de telejornalismo, esses efeitos aproximariam o público das notícias, já que facilitariam o seu entendimento, como propõe a Rede Record.

⁶ O endereço eletrônico da Rede Globo na internet é o seguinte: www.redeglobo.com.br, acessado em dezembro de 2006.

⁷ O efeito de naturalidade é a tentativa de aproximar a escrita jornalística com a linguagem coloquial do brasileiro, criando um efeito de “naturalidade”.

Na televisão, o “leitor” não consegue voltar a página, não lê por duas vezes a mesma notícia e não solicita ao apresentador um tempo para memorizar a informação.

[...] o texto de televisão precisa ser direto, sucinto, coloquial. A simplicidade é condição essencial. Você escreve para todo tipo de espectador e todos, sem exceção, têm o direito de entender o texto. (REDE RECORD, 2005, p. 13)

A reportagem de televisão deve, portanto, ser elaborada de maneira que os jornalistas prevejam a reação do público.

Lage (1997) lembra que é nas atividades da sociedade que o jornalismo se espelha para a realização de sua própria atividade. O autor exemplifica de que maneira a linguagem jornalística - em especial a televisiva - busca retratar as atividades mais corriqueiras da sociedade:

Reportagens de televisão são documentários sobre a vida de um personagem, um acontecimento histórico, uma realização artística, costumes, animais, exercício de uma profissão etc. Podem contar uma história, com a tradição narrativa do cinema-ficção; defender uma tese; expor assuntos; retornar no tempo de imagens atuais para precedentes do passado; opor temas conflitivos. (LAGE, 1997, p. 30)

A afirmação de Lage evidencia de que maneira a linguagem jornalística se caracteriza como uma atividade sócio-interativa, ou seja, esta linguagem buscaria acompanhar os movimentos da sociedade. Mas como já mencionado, para que isso ocorra, é necessário que tal linguagem seja elaborada de modo a ser compreendida pelos telespectadores. Os critérios jornalísticos que regem a forma como a linguagem jornalística de televisão deve ser construída, serão mais bem explicados no item 1.5.

Esse breve resumo sobre o número de telespectadores das emissoras de televisão e também os cuidados na elaboração da linguagem jornalística demonstram a tentativa em se atingir uma gama variada de telespectadores, pelos veículos de comunicação.

1.4 A LINGUAGEM DO GLOBO REPÓRTER

O programa Globo Repórter foi escolhido como objeto de pesquisa por ser um dos mais antigos telejornais em exibição no país. Diferente do que acontece com os demais telejornais, que geralmente são substituídos por outros com o passar dos anos, o Globo Repórter é exibido há trinta e cinco anos, com breves interrupções. A permanência desse programa há tanto tempo em exibição talvez possa ser explicada pela fidelidade do seu público.

A direção do programa afirma que o Globo Repórter é assistido por um público fiel de cerca de trinta milhões de espectadores, toda semana. E parte deste sucesso, segundo a direção do programa, pode ser explicada pela linguagem adotada. Silvia Sayão, diretora do programa, aponta que o sucesso da linguagem do Globo Repórter estaria nos textos simples e objetivos do programa, o que facilitaria a assimilação dos acontecimentos pelos telespectadores: “São textos profundamente pesquisados, pensados para serem entendidos, de maneira que o brasileiro possa assimilar com tranquilidade e segurança.”⁸

A intenção de se construir um texto de fácil entendimento estaria apoiada em uma linguagem que funcionaria quase como um filtro, ou seja, uma “tradução facilitada” dos mais variados tipos de assuntos nacionais, como economia, política, saúde e notícias policiais, por exemplo.

É importante ressaltar que as reportagens do Globo Repórter, assim como todas as reportagens de televisão, não são constituídas apenas por textos. Elas são uma junção entre texto, imagem e locução⁹. Apesar deste tripé não se sustentar sem uma das partes, a imagem e a locução serão apenas citadas como forma de explicar o funcionamento do jornalismo televisivo, já que não são o foco deste trabalho.

⁸ Depoimento feito durante entrevista com a diretora do programa, no mês de dezembro de 2006. A entrevista foi realizada pela autora desta pesquisa, por telefone.

⁹ O vocábulo “locução” deve ser entendido como o ato de ler um texto com a voz empostada, como exige o padrão jornalístico. O repórter ou apresentador utiliza a locução quando vai ler uma notícia no telejornal. É também considerado um efeito importante na construção do texto televisivo, uma vez que confere a marca que o jornal deseja imprimir, através da maneira como o jornalista lê a notícia.

Sabe-se que existem hoje áreas específicas que estudam ou pesquisam a “imagem”, como por exemplo, a área audiovisual, o cinema, a indústria cultural, que de uma forma geral, se preocupa com o assunto. Quanto à locução, que é um artifício utilizado nos veículos de comunicação, e em especial nas emissoras de televisão, hoje já possui um campo próprio de estudo, que faz parte da fonoaudiologia. Nas últimas décadas, a fonoaudiologia tem atuado junto ao jornalismo televisivo no sentido de se buscar uma maneira de ler o texto jornalístico de forma que o repórter ou apresentador atinjam um padrão de voz. Essa breve explicação sobre as áreas da fonoaudiologia e da imagem importa apenas como um demonstrativo de que o jornalismo de televisão não é construído somente por textos.

Quanto à questão textual, Lage (1997) afirma que a elaboração dos textos dos telejornais é calcada em determinados critérios jornalísticos. O autor acrescenta ainda que para que um texto seja bem escrito é necessário, acima de tudo, “bom senso” por parte dos jornalistas. Lage salienta que a linguagem jornalística deve ser coloquial, mas sem perder o seu caráter de uma linguagem padrão:

Do ponto de vista da eficiência da comunicação, o registro coloquial seria sempre preferível. É mais acessível para as pessoas de pouca escolaridade e, mesmo para as que estudaram ou lidam constantemente com a linguagem formal, permite mais rápida fruição e maior expressividade.

[...] A conciliação entre esses dois interesses - de uma comunicação eficiente e de aceitação social - resulta na restrição fundamental a que está sujeita a linguagem jornalística: ela é basicamente construída de palavras, expressões e regras combinatórias que são *possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal*. (LAGE, 1997, p. 37-38, grifo do autor)

Segundo a direção do Globo Repórter, os textos do programa ganham um caráter especial porque seriam mais bem elaborados do que os textos dos demais telejornais. Isso se daria pelo fato de que a construção textual não seria realizada apenas pelo repórter, como é feito nos telejornais diários, mas sim por uma equipe de jornalistas. Segundo apontam alguns repórteres do programa, durante entrevistas à autora deste trabalho¹⁰, o

¹⁰ Entrevistas realizadas em dezembro de 2006, com os repórteres Sandro Dalpícolo e Dulcinéia Novaes. Ambos são repórteres da afiliada da Rede Globo em Curitiba e têm experiência na produção do Globo Repórter.

repórter cria inicialmente um texto, que, no entanto, passa por inúmeras mudanças, principalmente porque o editor e a direção do programa também opinam no processo de construção textual.

Outro aspecto interessante a ser investigado na linguagem do Globo Repórter é que se trata de um programa que atinge público diversificado, constituído por pessoas de diferentes camadas sociais e faixas etárias, por exemplo. Seria, portanto, interessante investigar como a linguagem adotada pelo Globo Repórter traz marcas para tentar atingir uma imensa variedade de telespectadores. É, assim, um texto cujas opções estilísticas são planejadas em conjunto pelos jornalistas envolvidos. Deve-se considerar ainda que o Globo Repórter é um programa que aborda os mais diversos temas, às vezes de difícil entendimento, mas que se tornam acessíveis ao telespectador através de uma linguagem que pretende ser didática.

Para a investigação do estilo da linguagem jornalística, foram selecionados dois programas do Globo Repórter, exibidos durante o ano de 2005. Um deles foi ao ar em fevereiro daquele ano e tem como tema central o Aquífero Guaraní. O programa aborda a existência de uma reserva natural de água subterrânea, pouco conhecida pelos brasileiros: um aquífero. O outro programa trata da natureza do Chaco Paraguaio, uma região deserta do país vizinho ao Brasil, que tem uma fauna abundante, apesar das condições climáticas e geológicas.

O fato de se escolher os textos de dois episódios do Globo Repórter para se fazer análises textuais, justifica-se pelo fato deste ser um programa constituído por uma quantidade abundante de textos, em número suficiente para representar um recorte significativo.

O programa Globo Repórter é um objeto de estudo que corresponde aos propósitos de investigação do estilo da linguagem jornalística, uma vez que, como dito anteriormente, a construção textual do programa é projetada para ser facilmente assimilada. Portanto, será interessante investigar de que maneira os profissionais de televisão, em especial do Globo Repórter, utilizam os recursos lingüísticos a fim de atingir os objetivos da clareza e simplicidade na linguagem jornalística.

1.5 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA REPORTAGEM DE TELEVISÃO

Para se perceber a relevância do público para a constituição da reportagem de televisão, é imprescindível levar em conta tanto a maneira como esse produto jornalístico é construído quanto a forma como é apresentado ao público. A realização da atividade jornalística de televisão deve obedecer a alguns processos, a fim de que a reportagem possa ser elaborada e concluída. Cada função jornalística (pauta, repórter, edição, etc) tem sua gama de contribuições que influenciam a linguagem jornalística.

É possível afirmar que a elaboração da reportagem de televisão realiza-se em dois momentos: o primeiro é o que dá forma à reportagem e caracteriza-se pelo trabalho de produção da mesma, realizada antes da construção textual; o segundo momento é o processo de construção textual.

O primeiro momento é o responsável por dar condições para que a reportagem seja realizada. Ditam os manuais de telejornalismo, entre eles o da Rede Globo e o da Rede Record, que uma reportagem de televisão inicia-se no trabalho da apuração.

A apuração é o departamento responsável por encontrar notícias, apurar os fatos e repassá-los aos demais departamentos de uma redação de televisão.

Além de acompanhar os noticiários das principais emissoras de rádio/tv e ouvir o rádio da polícia, o apurador deve criar fontes que permitam que ele tenha agilidade para saber, em pouco tempo e com segurança, o que está acontecendo. (REDE GLOBO, 1997, p. 05).

Quando o apurador detecta um acontecimento relevante, ele deve repassar todas as informações para os outros setores do jornalismo. A pauta é o primeiro setor a receber as informações do apurador.

O trabalho da pauta, ou produção, é o de transformar a informação repassada pelo apurador em um pré-roteiro para a equipe de reportagem. No vocábulo jornalístico, o pauteiro é quem “marca” a pauta, ou

seja, é ele quem dá as diretrizes para o repórter se guiar durante o processo da reportagem. A pauta deve conter as informações básicas para que o repórter saiba o que se espera da reportagem, como, por exemplo, quem serão os entrevistados, que informações precisam ser conferidas, as imagens necessárias para a reportagem, etc. Além de estar atento a esses fatos, o pauteiro “deve considerar o horário da equipe, a distância, a quantidade de marcações¹¹ e o horário do jornal” (REDE GLOBO, 1997, p. 06).

Segundo o manual da Rede Globo, quando o repórter chega à redação, deve encontrar a pauta pronta. O repórter precisa seguir o roteiro pré-estabelecido pela produção: “Antes de sair da redação, ele deve ler a pauta atentamente, discutir todas as dúvidas, avaliar se vai precisar de imagens de arquivo, arte¹², nota pé¹³, etc” (REDE GLOBO, 1997, p. 7). Como a pauta é um pré-roteiro e não a reportagem, é obrigação do repórter estar atento e bem informado sobre os acontecimentos, porque assim, durante a produção da reportagem, estará bem preparado para “cobrir”¹⁴ o assunto. Depois de lida a pauta, a equipe sai à rua e começa a produção da reportagem, realizando entrevistas, gravando imagens e a passagem¹⁵.

Após a produção em campo da equipe, o repórter deve voltar à redação e escrever o texto para que a reportagem seja exibida, na seqüência. É importante ressaltar que o processo de criação textual do Globo Repórter não é realizado com esta agilidade, já que o volume de imagens e entrevistas produzidas é muito grande, segundo informa a direção do

¹¹ “Marcação” refere-se aos registros dos locais que foram previamente marcados pelo pauteiro e que o repórter deve percorrer para concluir a reportagem. Por exemplo, se o repórter tem duas marcações, ele precisa ir a dois endereços distintos.

¹² “Arte” é o nome dado para os recursos gráficos disponíveis numa emissora de televisão. Os gráficos são exemplos de “arte”. Em época de eleições, é comum a exibição de reportagens que mostram os gráficos que apontam a evolução dos principais candidatos. Os gráficos ajudam o telespectador a visualizar e a compreender esses números da disputa eleitoral. Outros exemplos de arte são os desenhos, utilizados com mais freqüência para dar um tom de humor à reportagem; e as simulações, como a de um acidente, por exemplo. O repórter deve prever a arte antes de iniciar a reportagem, porque se trata de um processo gráfico visual elaborado que necessita de tempo para ser realizado.

¹³ “Nota pé” é também chamada de “nota retorno”. No processo de produção da reportagem, o jornalista deve ouvir todos os lados dos envolvidos numa reportagem. Por exemplo, em uma denúncia de corrupção, existe o denunciante e o denunciado. Considere-se que nem sempre é possível ouvir todos os lados, já que em muitos casos, o próprio entrevistado não pode atender a equipe de reportagem naquele momento. Mesmo não podendo entrevistar um dos envolvidos na reportagem, o jornalista tem obrigação de pedir uma nota retorno, ou seja, uma nota que é exibida depois da reportagem, com a opinião do entrevistado.

¹⁴ “Cobrir” é um jargão jornalístico que significa dar cobertura a um fato, reportar.

¹⁵ A “passagem” é a assinatura do repórter na reportagem e é o momento em que ele aparece.

programa. Assim, o repórter que irá participar da reportagem, precisará de mais tempo para criar a primeira versão do texto, já que esta deverá passar por mudanças. O editor e também a direção do programa ajudam a definir o que é mais apropriado para o conjunto de informações reunidas em função da reportagem, o que implica, muitas vezes, em reescrever o texto que foi inicialmente produzido pelo repórter.

Nos demais telejornais brasileiros, no entanto, a agilidade na construção textual se faz necessária em virtude da rapidez com que as notícias devem ser captadas e colocadas no ar.

Terminado o trabalho da reportagem, cabe ao editor dar início à edição. O trabalho deste profissional é indicar os melhores trechos de entrevistas, escolher as imagens mais significativas, além da passagem que ficou mais clara e objetiva, juntando tudo isso ao texto do repórter. A intenção finalizar o trabalho jornalístico, de maneira que a reportagem seja dinâmica e informativa: “O editor funciona como o filtro final da matéria” (REDE GLOBO, 1997, p. 08).

Por sua vez, a construção textual caracteriza o segundo momento do processo de elaboração da reportagem de televisão. A relevância da linguagem nesse processo está no fato de que ela deve ser pensada e construída com o intuito de ser facilmente entendida pelos telespectadores.

Como já mencionado anteriormente, os manuais de jornalismo da Rede Globo e da Rede Record enfatizam que linguagem jornalística se caracteriza pela simplicidade e clareza, para que a informação possa ser recebida, também com clareza, pelo telespectador. Considere o argumento de Paternostro (1987):

Em telejornalismo o texto é escrito para ser falado (pelo locutor) e ouvido (pelo telespectador). Pela própria característica dos veículos eletrônicos de comunicação – a instantaneidade – o receptor deve “pegar a informação de uma vez”. Se isso não acontece, o objetivo de quem está escrevendo – transmitir a informação – fracassa. (PATERNOSTRO, 1987, p. 44)

A autora aponta alguns critérios que o jornalista deve levar em consideração durante o processo de criação textual, a fim de elaborar uma linguagem que seja de fácil entendimento:

- (...) identifique no texto os elementos fundamentais da notícia: Quem? Que? Quando? Onde? Por quê? Como?
- (...) o texto de TV é escrito para ser falado (pelo locutor) e ouvido (pelo telespectador) – diferença básica para o texto impresso (**de jornal**);
- (...) o texto de TV deve ser captado de forma instantânea pelo telespectador. (**por isso deve ser bem escrito**)
- (...) um texto no estilo coloquial é simples, natural, espontâneo.
- (...) o texto não deve ser descritivo. Não há necessidade de se descrever o que o telespectador já está vendo. Evite redundâncias entre imagens e texto;
- (...) um texto objetivo é um texto coerente, que não mistura idéias e informações. Busque a objetividade, a unidade de pensamento num texto com começo, meio e fim. (PATERNOSTRO, 1987, p. 47, 48, 53, 58 e 59, grifo meu).

Para que a linguagem jornalística atinja seu propósito, o jornalista deve trabalhar a linguagem para criar efeitos de naturalidade e espontaneidade, de modo a se assemelharem aos textos coloquiais, tendo em vista a facilidade de assimilação pelo telespectador.

As principais características da reportagem de televisão podem ser mais bem visualizadas na tabela, na próxima página, que divide os elementos da reportagem em seus dois momentos: o processo de produção da reportagem e a elaboração do texto jornalístico.

REPORTAGEM DE TELEVISÃO	
PRODUÇÃO DA REPORTAGEM	PRODUÇÃO TEXTUAL
<p>APURAÇÃO: faz o levantamento das informações.</p> <p>PAUTA: realiza o pré-roteiro para o repórter</p> <p>REPORTAGEM: a equipe de reportagem faz entrevistas e o repórter grava a passagem. Os cinegrafistas fazem as imagens. A equipe volta para a redação e o repórter escreve o texto.</p> <p>EDIÇÃO: o editor faz a parte final do trabalho, que é a de dar molde à reportagem.</p>	<p>O texto jornalístico deve seguir os seguintes critérios:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) o texto deve trazer os elementos fundamentais da notícia; 2) o texto de Tv deve ser criado de maneira a ser captado de forma instantânea; 3) um texto no estilo coloquial é simples, natural, espontâneo; 4) o texto não deve ser descritivo; 5) um texto objetivo é um texto coerente, que não mistura idéias e informações;

1.6 REPORTAGENS FACTUAIS E ESPECIAIS

Além das características apontadas acima, as reportagens de televisão também são classificadas como “factuais” ou “especiais”. As reportagens que são exibidas na maioria dos telejornais brasileiros são chamadas de factuais. Elas recebem esse nome porque tratam dos assuntos mais urgentes e são realizadas com agilidade para que possam ser exibidas nos telejornais diários.

Já as reportagens de um programa jornalístico como o Globo Repórter são chamadas de especiais, pois precisam de um cuidado específico para serem realizadas. Enquanto a reportagem factual é exibida poucas horas

depois da ocorrência do “fato” e da realização da reportagem, as especiais podem demorar até um mês para serem concluídas. Além disso, como aponta o Manual de Telejornalismo da Rede Record, “uma reportagem de telejornal, exceto em programas especiais, dura em média 2 minutos” (REDE RECORD, 2005, p.13). Já as reportagens especiais podem chegar a quarenta e cinco minutos de duração, com pequenos intervalos entre um bloco e outro.

Ambos os tipos de reportagens, no entanto, passam por processos parecidos de elaboração. As principais diferenças notadas entre os dois tipos são: 1) as reportagens factuais caracterizam-se por transmitir as informações com agilidade; 2) as reportagens factuais são geralmente mais curtas, devido ao seu tempo de produção; 3) as reportagens especiais levam mais tempo para serem produzidas e, portanto, tendem a ter uma linguagem mais bem trabalhada do que as factuais; 4) por ter um texto mais bem trabalhado e que possui um caráter didático, as reportagens especiais cumprem o papel de instruir a população, veiculando informações que podem ajudar a melhorar o nível cultural dos brasileiros.

Apesar das diferenças entre as reportagens especiais e as factuais, a forma como a notícia é estruturada e disponibilizada ao telespectador parece não variar muito entre um telejornal e outro. Inclusive, numa comparação entre os telejornais de emissoras diferentes, é possível notar que a forma como a notícia é estruturada e disponibilizada ao telespectador é realizada de maneira muito semelhante entre um telejornal e outro.

Observa-se, por exemplo, que entre os telejornais da Rede Globo, Rede Record, Tv Bandeirantes, dentre outras, existe um padrão de apresentação das notícias, de modo que as reportagens sejam exibidas sempre dentro de um mesmo formato. Essa organização e disponibilização das notícias ao telespectador também pode ser verificada no programa Globo Repórter, um telejornal composto apenas de reportagens especiais.

Van Dijk (1992) afirma que a notícia tem uma estrutura esquemática global, padronizada. O autor destaca que o discurso noticioso é caracterizado pela superestrutura, ou seja, um tipo de estrutura esquemática, que consiste numa série de categorias hierarquicamente ordenadas, que vão estabelecer a ordem para o texto jornalístico. Para o autor, as superestruturas

são relevantes por razões cognitivas, porque organizam o discurso noticioso, facilitando sua compreensão. Na obra *La noticia como discurso* (1996), o autor afirma que as formas globais de discurso se estruturam através de esquemas de regras. Simples conversas ou um trabalho científico, por exemplo, são organizados de forma esquemática. Considere-se o argumento do autor:

Las conversaciones cotidianas también tienen esquemas. Estos pueden asimismo analizarse funcionalmente em unidades globales a las que se puede categorizar de manera convencional.
[...] muchos tipos de discurso em nuestra cultura tienen una organización esquemática más o menos fija. (VAN DIJK, 1996, p. 78)

Segundo o autor, a teoria dos esquemas do discurso permite explicar a relação dos esquemas com outras dimensões estruturais do discurso. É o que se pretende mostrar neste trabalho, através da exposição da estrutura das notícias de televisão. O campo de investigação de Van Dijk são as reportagens dos jornais impressos. No entanto, suas concepções podem trazer contribuição a este trabalho, uma vez que o conceito de superestrutura também é aplicado às reportagens de televisão, já que elas também obedecem a um tipo de estrutura. A respeito do discurso noticioso, Van Dijk faz a seguinte consideração, na obra *La ciencia del texto*: “[...] em principio cualquier discurso periodístico (ideal, prototípico) tiene el mismo esquema de noticias, pero, desde luego, el contenido global del texto es diferente en cada caso. (1992, p.69)

Nesta obra o autor apresenta os esquemas que constituem a superestrutura do discurso noticioso como forma de exemplificar a importância das categorias para a organização do texto jornalístico dos jornais impressos. Entre as estruturas, dá destaque para os títulos e manchetes - os primeiros componentes da notícia - e também para o resumo.

Nota-se, no entanto, que as reportagens de televisão seguem um outro tipo de estrutura hierarquizada, diferentes do que Van Dijk propôs para o discurso noticioso. Para se compreender melhor essas estruturas, foi preciso buscar nos manuais de telejornalismo as orientações para a estruturação da notícia televisiva.

Ditam os manuais que a estrutura de um telejornal deve obedecer à seguinte ordem de exibição: *cabeça, reportagem e passagem de*

bloco. Para se compreender as categorias que organizam os telejornais, será necessário explicar cada uma delas.

O telejornal é iniciado quando o apresentador lê a cabeça, que corresponde a uma “manchete” do jornal impresso. Segundo o manual de telejornalismo da Rede Globo, a cabeça é um texto mais curto que o da reportagem, pois deve funcionar como uma manchete, de modo a atrair o público: “A cabeça deve ser clara e criar no telespectador interesse para assistir o que vem a seguir” (REDE GLOBO, 1997, p. 8). Depois que o apresentador ler a cabeça, a reportagem é exibida. Assim, ao final de cada reportagem, o apresentador lê a “cabeça” que vai apresentar a reportagem seguinte.

Observa-se que nos telejornais diários, a exemplo do Jornal Nacional, são exibidas diversas reportagens num único bloco, ao contrário do que ocorre no Globo Repórter, em que uma única reportagem ocupa um bloco inteiro.

Depois de exibidas as reportagens de um bloco, o apresentador aparece lendo breves resumos das reportagens que serão exibidas nos demais blocos do programa. No vocabulário jornalístico, esse momento é chamado de “passagem de bloco” ou o conhecido “a seguir”. E assim, se sucede nos demais blocos dos telejornais.

É interessante observar que no caso do Globo Repórter, a estrutura de exposição das notícias é a mesma, com a diferença de que em vez de várias reportagens em um mesmo bloco, é exibida apenas uma grande reportagem dividida em blocos. As reportagens de televisão seguem uma forma padrão e são organizadas de modo que esta disposição da notícia possa facilitar o entendimento da informação pelo público. Como afirma Van Dijk (1992), no discurso noticioso o que muda é o conteúdo, já que a forma é a mesma.

Assim, sobre a reportagem de televisão é possível concluir que: 1) ela é elaborada em duas fases – no processo de produção da reportagem e posteriormente na construção textual; 2) possui uma organização padronizada, de modo que toda reportagem de televisão deve seguir os mesmos critérios para sua estruturação, não importando se o telejornal é composto de reportagens factuais ou especiais.

CAPÍTULO 02 - QUADRO TEÓRICO: GÊNEROS, ESTILO E AUTORIA NA REPORTAGEM DE TELEVISÃO

Considerados alguns dos princípios fundamentais para a compreensão da linguagem jornalística, este capítulo abordará temas que esclareçam melhor o gênero reportagem de televisão.

Para uma investigação acerca do gênero, será necessário, primeiramente, expor conceitos sobre gêneros do discurso, à luz de Bakhtin (1997), teórico escolhido por sua concepção sócio-discursiva da linguagem. Tal explicação será realizada no item 2.1.

Uma observação sobre o estilo do gênero também será feita com base nos trabalhos de Bakhtin (1997). No item 2.2, serão apontadas as principais características desse gênero, que vão revelar um estilo textual próprio das reportagens de televisão. Também à luz de Bakhtin, este capítulo visa investigar como o sujeito emprega seu estilo nos gêneros do discurso.

O estilo dos autores dos textos do Globo Repórter será investigado no item 2.3, com base nas idéias de Possenti (1993) sobre as “marcas do autor”. O estudo do estilo será feito a partir da concepção da Análise do Discurso sobre o tema. Nesse item será abordada também a questão da autoria dos textos do Globo Repórter. Como se verá mais adiante, a autoria textual não pode ser atribuída a uma única pessoa, mas a um grupo de jornalistas.

A investigação do estilo em textos com autor coletivo será feita no item 2.4, retomando alguns conceitos da Retórica Aristotélica, de *ethos*, *pathos* e *logos*. Como se verá, o estilo do Globo Repórter está associado a um *ethos* do enunciador do programa, que é assumido por todos os repórteres.

E encerrando este capítulo, será investigado o cruzamento de vozes nos textos do Globo Repórter, calcado nos estudos de Authier-Revuz (1990). No item 2.5, será apresentado o conceito de heterogeneidade enunciativa a fim de se discutir as várias vozes que cruzam o discurso jornalístico do Globo Repórter. A heterogeneidade é também uma das características do gênero “reportagem de televisão”.

2.1. OS GÊNEROS DO DISCURSO

Bakhtin define gêneros do discurso a partir de uma perspectiva dialógica da linguagem, ou seja, os gêneros estão atrelados às atividades sociais de interação verbal. O autor argumenta que os gêneros do discurso se constituem e se estabilizam a partir de novas situações de interação verbal. Observe-se a seguinte ponderação de Rosângela Rodrigues, estudiosa de Bakhtin, a respeito dos gêneros do discurso:

Para o autor, a *interação verbal social* constitui a realidade fundamental da língua e seu modo de existência encontra-se na comunicação discursiva concreta (concernente à vida cotidiana, da arte, da ciência etc.) que por sua vez, vincula-se à situação social imediata e ampla. (RODRIGUES, 2005, p. 155, grifo da autora)

Segundo Rodrigues, o teórico russo entendia a língua na sua integridade concreta e viva e não como um objeto que deveria ser estudado isoladamente, fora da situação social. A autora acrescenta que: “[...] a língua vista como discurso não pode ser dissociada de seus falantes e de seus atos, das esferas sociais, dos valores ideológicos” (RODRIGUES, 2005, p. 156).

Segundo Bakhtin (1997, p. 279), gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Para o autor, o processo de comunicação (utilização da língua) se dá através de enunciados que pontuam as finalidades de cada uma das esferas da atividade humana. Gêneros, portanto, podem ser entendidos como tipos de enunciados que apresentam certa regularidade e que são construídos nas atividades humanas de interação verbal.

Rodrigues (2005) acrescenta que Bakhtin entendia os gêneros como “modos de significar o mundo”. Observe-se a consideração da autora:

Para o falante, os gêneros constituem-se como “índices” sociais para a construção do enunciado (quem sou eu, quem é o meu interlocutor, como este me vê, o que dizer, como dizer, para que etc.) Para o interlocutor, os gêneros funcionam como um horizonte de expectativas (de significação), indicando, por exemplo, a extensão aproximada da totalidade discursiva, sua determinada composição,

bem como os aspectos da expressividade do gênero e do enunciado. (RODRIGUES, 2005, p. 166)

Gêneros do discurso, assim, podem ser compreendidos como os organizadores da fala humana; são as ferramentas que os seres humanos utilizam para se expressarem.

As atividades humanas são infinitas e em cada nova esfera da comunicação é possível encontrar imensa variedade de gêneros, que vão se ampliar conforme o desenvolvimento da própria esfera discursiva. Bakhtin afirma que essa multiplicidade de situações sociais de interação verbal gera uma diversidade de gêneros do discurso.

Os gêneros, para Bakhtin, podem ser classificados como primários (simples) e secundários (complexos). Os gêneros primários são aqueles vinculados às circunstâncias de comunicação verbal espontânea; estão relacionados às situações discursivas que têm uma relação direta com a realidade e às situações cotidianas mais particulares: conversas em casa, entre familiares, cartas, bilhetes ou convites informais são alguns exemplos.

Já os gêneros secundários são decorrentes de uma situação social mais complexa, de um caráter mais formal que o mostrado nos gêneros primários e que apresentem uma forma mais complexa de comunicação, em especial escrita: o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, palestras, entrevistas, receitas médicas, reportagens de televisão. Considere-se o argumento do autor:

Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmitem os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. (BAKHTIN, 1997, p. 281).

Os gêneros podem ser definidos como elementos presentes em todas as situações discursivas:

Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos que criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos que construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível. (BAKHTIN, 1997, p. 302)

Mas se os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, qual é o entendimento de “enunciados” para Bakhtin? O autor conceitua enunciado como unidade concreta e real da comunicação discursiva. “A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou de outra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Bakhtin acrescenta ainda que os enunciados não se repetem já que são considerados como eventos únicos. “O enunciado ‘conclui’, ‘acaba’ determinada situação, representa a sua solução valorativa, ou seja, sempre cria algo de novo e irrepetível” (RODRIGUES, 2005, p. 161).

O enunciado é caracterizado por três elementos: tema (conteúdo temático – objeto discursivo e finalidade discursiva), estilo verbal (seleção de recursos fraseológicos, léxicos e gramaticais da língua), e construção composicional (procedimentos para a organização e acabamento da totalidade discursiva). “Esses três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera da comunicação” (BAKHTIN, 1997, p. 279, grifo do autor).

Todo enunciado, como unidade de comunicação verbal, possui características estruturais comuns e, acima de tudo, fronteiras claramente delimitadas. As fronteiras do enunciado concreto são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes (alternância dos locutores). Para Bakhtin, todo enunciado comporta um começo absoluto e um fim absoluto:

[...] antes do seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão). O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. (BAKHTIN, 1997, p. 294)

A alternância dos sujeitos falantes, que delimita o enunciado nas mais variadas esferas da atividade humana, adota diversas formas conforme as condições de comunicação. É mais evidente no diálogo, por ser a forma clássica da comunicação verbal, mas está presente em todas as

relações entre enunciados. O autor explica que até as áreas de organização complexa da comunicação cultural (nas ciências e nas artes) são delimitadas pela alternância dos sujeitos falantes.

Assim, a obra, como a réplica do diálogo, visa à resposta do outro ou uma compreensão responsiva ativa. “Busca exercer uma influência didática sobre o leitor, convencê-lo, suscitar sua apreciação crítica, [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 298). A alternância dos sujeitos falantes, de certo modo, pode ser considerada como o acabamento do enunciado, já que o locutor (ou quem escreve) teria dito o que é preciso dizer e proporcionaria a possibilidade de resposta do Outro (leitor). Este último, por sua vez, não deve ser considerado um ouvinte passivo, mas sim participante da comunicação verbal. Bakhtin afirma que toda vez que um enunciado é elaborado, o locutor (ou quem escreve) espera uma resposta do Outro ou uma compreensão responsiva. “Todo enunciado se elabora como que para ir ao encontro dessa resposta” (BAKHTIN, 1997, p. 320).

Logo, é a prática do locutor (quem fala ou escreve), ao tentar imaginar a resposta do Outro, ou a quem se dirige o enunciado, que vai levar a uma determinação dos gêneros do discurso.

É disso (*influência do destinatário no enunciado*) que depende a composição, e sobretudo o estilo do enunciado. Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão de destinatário que o determina como gênero. (BAKHTIN, 1997, p. 321, grifo meu).

Bakhtin cita como exemplo de destinatário que influencia a estrutura do enunciado os leitores do gênero divulgação científica. Esse tipo de gênero é dirigido a um círculo preciso de leitores, dos quais, em cada nova divulgação científica, se espera uma compreensão responsiva. Em suma, a influência do destinatário nas esferas da vida cotidiana, sua situação social e posição vão repercutir na comunicação verbal.

A partir da afirmação bakhtiniana da influência dos destinatários nos enunciados, abre-se uma brecha para a reflexão sobre como os destinatários do gênero reportagem de televisão influenciam na constituição

de tal gênero e de que maneira essa tentativa de dialogar com o telespectador vai concretizar um estilo para o gênero “reportagem de televisão”.

2.2 O ESTILO DO GÊNERO E O ESTILO DO AUTOR

Como é possível identificar o estilo de um gênero? No artigo *A Intertextualidade em artigos de opinião da mídia impressa*, Costa (2007) faz a seguinte observação:

Entendemos aqui estilo do gênero como o conjunto de marcas formais recorrentes em cada gênero como resultado de uma estabilização histórica das características composicionais que o constituem [...] (COSTA, 2007, p. 1070)

Conforme mencionado no início deste capítulo, busca-se identificar quais são as marcas do gênero “reportagem de televisão” que vão dar forma ao estilo desse gênero. No entanto, é necessário apresentar mais alguns conceitos de Bakhtin em torno dos gêneros do discurso.

Em *Estética da criação verbal*, o autor dá destaque a um dos três itens constitutivos do enunciado, o estilo e suas formas típicas. O enunciado, entendido como discurso, em qualquer esfera da comunicação verbal, reflete a individualidade de quem fala, identificando-se assim um estilo individual. No entanto, nem todos os gêneros do discurso estão aptos a refletir o estilo individual. Bakhtin aponta como propícios à expressão da individualidade os gêneros literários e artísticos. Já em gêneros que requerem uma forma padronizada, a individualização é menos percebida. Como exemplos, podem ser citadas as ordens militares, os documentos oficiais. O autor lembra que na maioria dos gêneros do discurso, o estilo individual é apenas um produto complementar, não entra na intenção do enunciado e não atende às finalidades do gênero discursivo. Ainda sobre o estilo, Bakhtin conclui que ele está vinculado às unidades temáticas dos enunciados e também às unidades composicionais – ao tipo de construção e conclusão de

um enunciado, ao tipo de relação entre o locutor e o ouvinte ou leitor, dentre outras. Observem-se suas ponderações:

Assim temos, de um lado, o locutor com sua visão de mundo, seu juízo de valor e suas emoções, e, de outro, o objeto de seu discurso e o sistema da língua (os recursos lingüísticos) – a partir daí se definirão o enunciado, seu estilo e sua composição. (BAKHTIN, 1997, p. 315- 316)

Para se investigar o estilo do gênero, portanto, é necessário analisar o *todo* do enunciado, observando-o dentro de uma cadeia de comunicação verbal. Ele está vinculado não somente aos elos que o antecedem, mas também aos que o sucedem na cadeia de comunicação verbal. Para o autor, qualquer enunciado que faça alusão ao enunciado do outro confere à fala (ou à escrita) um aspecto dialógico. Os elos que antecedem e que sucedem o enunciado provocam nele uma reação-resposta.

Vale a pena reproduzir todo o trecho em que Bakhtin explica a relação que o Outro (destinatário) tem na escolha dos gêneros e de seus estilos:

Enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e suas convicções, seus preconceitos (de meu ponto de vista), suas simpatias e antipatias, etc.; pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado. Esses fatores determinarão a escolha do gênero do enunciado, a escolha dos procedimentos composicionais, e por fim, a escolha dos recursos lingüísticos, ou seja, o estilo do meu enunciado. (BAKHTIN, 1997, p. 321)

Seus argumentos apontam como o fundo aperceptivo do destinatário é relevante para a escolha dos gêneros pelo sujeito falante e também para a definição de um estilo para o gênero.

É interessante observar que o estilo do gênero “reportagem de televisão”, assim como ocorre com os demais gêneros, também é permeado pelo fundo aperceptivo do destinatário. A expectativa de uma resposta do

telespectador, entre outros fatores, ajuda a imprimir um estilo próprio ao gênero em questão.

Para se compreender a relevância do telespectador na constituição do estilo do gênero “reportagem de televisão”, toma-se como exemplo as reportagens do Globo Repórter. Como dito há pouco, Bakhtin (1997) afirma que o enunciado é caracterizado por três elementos: tema, estilo e construção composicional. Ao analisar cada um desses elementos em tal gênero, é possível visualizar de que maneira o gênero reportagem de televisão é elaborado na expectativa de “dialogar” com o Outro, o telespectador.

Acerca do tema, percebe-se que o conteúdo do Globo Repórter é bastante abrangente, uma vez que as reportagens tratam dos mais variados assuntos. No entanto, as reportagens apresentam um ponto em comum: em geral, são abordados temas recorrentes nos discursos dos brasileiros e de preferência não são aqueles polêmicos, em que o telespectador tenha que optar por uma tese ou outra. Observa-se a recorrência a temas de ampla aceitação pelo público, como os relacionados à saúde, a educação, por exemplo, ou mesmo temas sobre a natureza, como é o caso dos textos que serão analisados nesta pesquisa: o Chaco Paraguaio e o Aquífero Guarani. Assim, pode-se dizer que há a preferência em se apresentar temas que sejam de aceitação geral da população.

O segundo elemento que compõe o enunciado, segundo Bakhtin, é o estilo verbal, ou seja, o emprego dos recursos gramaticais, fraseológicos selecionados para utilização da língua. De que maneira esses recursos são utilizados nos enunciados do Globo Repórter? Nota-se, no programa, a predominância de textos simples, que criam um efeito de naturalidade, quase como se estabelecesse uma conversa. Percebe-se também a preocupação de transmitir a informação de maneira didática. No recorte abaixo, retirado do texto sobre o Aquífero Guarani, o uso de uma maneira didática de escrever pode ser observada na forma como a repórter explica que o aquífero não é uma lagoa subterrânea, mas sim uma rocha que “guarda” água em seu interior:

Mas não pense que existe um imenso lago debaixo da terra. O geólogo Eduardo Mundi explica que lá embaixo encontraríamos pedras semelhantes a esta. A água ocupa o espaço entre os grãos

de areia. O Aquífero é uma rocha porosa, com capacidade de absorver a água. (REDE GLOBO, 2005 – ANEXO A)

A repórter Dulcinéia Novaes optou por explicar que não há um lago no subterrâneo, como se poderia imaginar. Ela afirma que a água é encontrada no vão entre os grãos de areia de uma rocha no subsolo. Assim, fica claro para o telespectador que a água é “guardada” dentro da rocha, não sendo disponível na forma de um lago subterrâneo, por exemplo. Nota-se, que há a intenção de informar, mas também de explicar ao público a informação que é transmitida. Tal explicação é realizada através de uma linguagem simples, direta e didática.

Este estilo é predominante nos textos do programa e é elaborado com o intuito de levar informações a um maior número de pessoas. O didatismo e a simplicidade dos textos do programa, a fim de informar e instruir o telespectador, ajudam a formatar o estilo do gênero reportagem de televisão.

O terceiro elemento caracterizador do gênero, a construção composicional, é percebido no programa Globo Repórter na maneira como as reportagens são exibidas a seu público. Como apresentado no capítulo anterior, as reportagens de televisão – incluindo as do programa em questão – possuem uma organização esquemática que facilita a compreensão e assimilação da notícia pelo público. Não há a necessidade de retomar esse esquema, mas vale lembrar que a divulgação da notícia de televisão obedece a seguinte ordem: *cabeça*, *reportagem*, *passagem de bloco*. Como apresentado no primeiro capítulo, a *cabeça* é o texto lido pelo apresentador e tem a função de chamar a atenção do telespectador para a notícia que está sendo transmitida. A *reportagem*, por sua vez, deve transmitir informações de forma simples e objetiva, para o público compreender a notícia, que é exibida em poucos minutos. A *passagem de bloco* tem a mesma função da *cabeça* – prender o público para as notícias que serão exibidas no bloco seguinte. A *passagem de bloco* é utilizada ao final de cada bloco, após a exibição de várias reportagens. Esse esquema confere organização ao telejornal, de modo que o público possa compreender quando se encerra uma notícia e se inicia outra.

Ajuda também a imprimir ritmo ao telejornal, conforme ao dinamismo das reportagens exibidas.

É interessante observar que os três elementos que compõem os enunciados do Globo Repórter revelam tentativas de um diálogo com o telespectador. A escolha dos temas, a forma como a notícia é apresentada ao telespectador e a maneira como ela é organizada e exibida para ao público indicam a influência desse público na constituição das reportagens de televisão.

Assim, é possível concluir que o estilo do gênero em questão é determinado no processo de construção das reportagens de televisão e que a busca pela resposta do telespectador imprime um estilo próprio a esse gênero.

Sobre o estilo do autor, Bakhtin afirma que as relações dialógicas, que fazem com que o sujeito leve em conta os discursos que antecedem ou sucedem o seu discurso, não impedem o autor de imprimir sua individualidade no enunciado. Para Bakhtin (1997, p. 298) “[...] o autor da obra – manifesta sua individualidade, sua visão do mundo, em cada um dos elementos estilísticos do desígnio que presidia sua obra”. A predeterminação de uma atitude responsiva dos outros imprime um estilo em quem fala ou escreve. Observe-se o argumento de Bakhtin:

A expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma *resposta*, em outras palavras: manifesta não só a sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com os enunciados dos outros. (BAKHTIN, 1997, p. 317, grifo do autor.)

Bakhtin afirma que o locutor (autor) manifesta sua individualidade na obra. Ainda que a obra seja criada numa tentativa de dialogar com as obras de seus antecessores e sucessores, o autor emprega uma característica interna particular à sua obra. Bakhtin explica:

Esse cunho de individualidade apostado à obra é justamente o que cria as fronteiras internas específicas que, no processo da comunicação verbal, a distinguem das outras obras com as quais se relaciona dentro de uma dada esfera cultural – as obras dos antecessores, nas quais o autor se apóia, as obras de igual tendência, as obras de tendência oposta, com as quais o autor luta, etc. (BAKHTIN, 1997, p. 298)

Assim, a estrutura *interna* à qual Bakhtin se refere é a expressão da individualidade do autor. E sem renunciar à sua individualidade, o intuito discursivo do autor se adapta ao gênero escolhido. Pode-se dizer, portanto, que toda obra possui um cunho de individualidade em que o autor vai empregar seu estilo.

Sabe-se, no entanto, que as reportagens de televisão são elaboradas em dois passos: a produção da reportagem e a criação textual. Nesta última etapa, por exemplo, o jornalista não pode criar um texto seguindo apenas seu estilo próprio. Ele precisa seguir um padrão jornalístico de escrita para criar efeitos que possam tornar os textos simples e objetivos. Não se está dizendo que o jornalista não empregue seu estilo nas reportagens de televisão. Mas fica a questão se o estilo do gênero “reportagem de televisão” se sobrepõe ao estilo individual de cada repórter.

A observação do estilo do(s) autor(s) da reportagem de televisão deve ser realizada à luz de Possenti (1993) sobre as marcas do autor. Dessa maneira, será possível investigar como o autor ou autores das reportagens de televisão expressa(m) sua individualidade nos enunciados de tal gênero.

2.3 O ESTUDO DO ESTILO A PARTIR DA ANÁLISE DO DISCURSO

Antes de se identificar o estilo do(s) autor(s) da reportagem de televisão, é necessário apresentar a noção de estilo proposta por Possenti (1993). Embora o conceito de estilo já tenha sido aqui apresentado à luz das idéias de Bakhtin, é preciso salientar que tal concepção está direcionada à questão dos gêneros discursivos. Para uma análise do estilo nos textos do Globo Repórter, é preciso buscar subsídios teóricos na Linguística. Em especial, nas idéias de Possenti (1993), cujos trabalhos adotam os fundamentos da Análise do Discurso.

Possenti conceitua o estilo tomando por base o trabalho de Granger (1968), *Filosofia do estilo*, em que o autor faz uma análise do estilo na atividade científica. Apesar de ter esse recorte, a análise de Granger, apresentada por Possenti, será muito útil para se entender o estilo também nos textos das reportagens de televisão. Afinal, se é possível afirmar que há um estilo nas atividades científicas, onde a subjetividade é menos evidente, poderá se perceber, com mais clareza, o estilo nos textos jornalísticos.

Em *Discurso, estilo e subjetividade*, Possenti questiona como é possível identificar o estilo nas atividades científicas, já que são construídas em modelos abstratos, presentes numa linguagem estruturada¹⁶, “e, assim, apagam-se todos os traços do indivíduo, do trabalho” (POSSENTI, 1993, p. 155). A resposta que Possenti encontra está na importância que Granger atribui ao trabalho na construção de uma linguagem. Possenti afirma que para se entender a questão do estilo na linguagem científica - ou em qualquer linguagem - é necessário compreender de que maneira ela é construída e elaborada pelos indivíduos. Analisá-la somente depois do processo de construção dessa linguagem pelo falante seria observar apenas uma estrutura, portanto, o resultado final dessa linguagem, o produto. Possenti afirma que a *escolha* do indivíduo, que é seu trabalho sobre a língua, é traço constitutivo do estilo, “e, portanto, da individualização do resultado numa linguagem” (POSSENTI, 1993, p. 156). A escolha a que Possenti se refere pode ser entendida como o trabalho do “usuário” da linguagem, isto é, como o locutor utiliza essa linguagem para poder alcançar o que deseja. Observe-se o seguinte argumento:

Então, se o locutor busca, dentre os possíveis, um dos efeitos que quer produzir em detrimento dos outros, terá que escolher dentre os recursos disponíveis, terá que “trabalhar” a língua para obter o efeito que intenta. E nisto reside o estilo. No *como* o locutor constitui seu enunciado para obter o efeito que quer obter. (POSSENTI, 1993, p. 158 – grifo do autor)

Assim, como na concepção de Granger, o estilo deve ser entendido como marca do trabalho do sujeito. Segundo Possenti, os sujeitos

¹⁶ A palavra “estruturada” deve ser entendida como uma linguagem cuja construção não permite fugir ao moldes pré-estabelecidos.

“trabalham” a linguagem e esse trabalho deixa marcas no texto. As marcas estão presentes em diversos tipos de linguagem. Até mesmo na Matemática, o estilo está presente não nos métodos ou teoremas, mas no processo de construção de que resultaram esses métodos. Para a percepção de “marca” do trabalho na Matemática, Possenti esclarece:

Isto é, se o interessado quiser verificar onde está, afinal, a marca do trabalho, basta que compare os estágios, os percalços, os progressos, as mudanças de direção, as tentativas todas, enfim, necessárias até que o trabalhador (o cientista) considere ter chegado a uma estrutura que lhe pareça representar definitivamente o fenômeno (mas sabemos, nunca será assim, outros trabalhadores trabalharão a partir, contra e apesar desta representação, com uma outra). (POSSENTI, 1993, p. 156-157)

Curiosamente, Granger utilizou o exemplo da Matemática para demonstrar as possibilidades do estilo pelo “usuário” de uma linguagem, mas lembra que esses exemplos podem ser observados, ainda mais claramente, nas Ciências Humanas. Um exemplo que poderia explicar essa idéia de Granger seria fazer uma comparação entre a construção da linguagem matemática e da linguagem jornalística. Se, no primeiro caso, o cientista escolhe uma linguagem entre algumas disponíveis para representar aquilo que pretende atingir, na linguagem jornalística o trabalho do “usuário” fica mais evidente, já que “o sujeito do discurso, que se individualiza, exibe sua subjetividade, ao privilegiar determinado modo de semi-estruturação do real, para os efeitos da situação em que fala” (POSSENTI, 1993, p. 164).

Assim, a escolha vai implicar individualização, ou seja, dentro dos recursos possíveis para o usuário de uma determinada linguagem, ele vai produzir discursos, realizando escolhas, segundo o intuito que deseja.

Portanto, Possenti entende que a linguagem deve ser considerada como um meio no qual o sujeito exibe sua subjetividade, para os efeitos que quer causar:

[...] isso significa, pura e simplesmente, considerar a linguagem como um mecanismo que permite aos sujeitos diversificadas inserções no real, de acordo com os diversos papéis que exercem na sociedade e conforme a representação que se fazem deles, aí considerados os aspectos sociopsicológicos como aspirações, modo de apresentação, objetivos visados, grau de submissão e exigências sociais, etc. (POSSENTI, 1993, p. 164)

A respeito da questão do estilo, Possenti conclui que é possível visualizá-lo tanto nas línguas naturais, como nos discursos reais e até mesmo em um ofício.

À luz das idéias de Possenti (1993), pode-se afirmar que o estilo do autor dos textos do Globo Repórter se faz presente, ainda que os jornalistas obedeçam a regras e normas para a construção da reportagem. Mas de que maneira o sujeito, no caso, o jornalista, trabalha essa linguagem? Como vai deixar marcas que vão revelar o estilo jornalístico do autor?

Como apresentado no capítulo 01, as reportagens de televisão são o resultado de um trabalho conjunto dos jornalistas de cada emissora. É interessante observar o que diz o *Manual de jornalismo da Rede Globo*, acerca do trabalho em equipe:

[...] nenhuma matéria¹⁷ ou mesmo nota que vai ao ar num telejornal é resultado do esforço de uma pessoa só. Trabalho em televisão é sempre em equipe. Por isso é importante uma integração completa de todos numa redação de televisão. É compromisso de toda a equipe, colocar no ar o melhor produto possível e dividir erros e acertos. (REDE GLOBO, 1997, p.05).

Naquele capítulo, foi mostrado também que a reportagem de televisão é elaborada em dois momentos: primeiramente, a reportagem é produzida e só depois é realizada a produção textual. Ainda que o repórter assuma o texto da reportagem como sendo dele, sabe-se que existem normas e técnicas que indicam como o texto deve ser elaborado. Lage (1997) explica que alguns recursos lingüísticos ajudam a tornar os textos mais claros para o público. A busca por criar efeitos de simplicidade e naturalidade, por exemplo, permite ao jornalista elaborar um texto que seja de fácil assimilação pelo telespectador. Vale a pena destacar um trecho do *Manual de Telejornalismo da Rede Record*, citado no capítulo anterior, no qual a maneira como o texto deve ser construído é comentada:

¹⁷ No jargão jornalístico, matéria é sinônimo de reportagem.

Na televisão, o “leitor” não consegue voltar a página, não lê por duas vezes a mesma notícia e não solicita ao apresentador um tempo para memorizar a informação.

[...] o texto de televisão precisa ser direto, sucinto, coloquial. A simplicidade é condição essencial. Você escreve para todo tipo de espectador e todos, sem exceção, têm o direito de entender o texto. (REDE RECORD, 2005, p. 13)

Assim, sobre o estilo do autor nas reportagens de televisão há duas questões a serem destacadas: 1) o autor (repórter) segue um estilo textual que vai direcionar o seu próprio estilo de escrever, portanto, aquele se sobrepõe ao estilo individual; 2) o texto da reportagem de televisão é pensado e criado coletivamente.

O trabalho de uma equipe de jornalistas para a elaboração da reportagem de televisão não permite apontar um único autor dessa obra. Se toda a produção da reportagem e a criação textual são realizadas por uma equipe de jornalistas – principalmente nas reportagens do Globo Repórter - logo, o estilo deve ser atribuído a uma autoria coletiva. No caso do Globo Repórter, por exemplo, o jornalista, ao assumir um discurso como seu, na verdade está assumindo o discurso do Globo Repórter, pois, o que prevalece é o estilo dos textos produzidos no programa. O jornalista apenas assume a posição de autor do discurso do programa, já que o lugar de onde ele fala é determinante para as características do seu discurso. A investigação do estilo desse autor coletivo, construído no discurso jornalístico do Globo Repórter, será realizada no próximo item, a partir da noção de *ethos* do enunciador.

2.4 A ANÁLISE DO ESTILO EM TEXTOS COM AUTOR COLETIVO

Os textos do Globo Repórter são exemplos de como um texto é pensado coletivamente, com o intuito de se atingir um estilo padrão jornalístico, que possa ser assimilado por um número maior de telespectadores. Para tanto, esse texto deve ser elaborado obedecendo normas que indicam uma construção textual para criar efeitos de simplicidade, naturalidade e objetividade.

No trabalho de doutorado de Jauranice Rodrigues Cavalcanti (2006), denominado *No “mundo dos jornalistas”: interdiscursividade, identidade, ethos e gêneros*, uma das discussões abordadas é a posição do sujeito jornalista no discurso jornalístico. Aponta Cavalcanti que o jornalista assume uma identidade de “autoridade da verdade” para reproduzir o fato que está sendo contado:

O desejo de reproduzir a realidade não deve ser pensado como traço subjetivo do jornalista, como vontade pessoal, mas como decorrente do diálogo do discurso jornalístico com o discurso da objetividade, que impõe uma nova “evidência” ao primeiro, a saber, a de que as notícias podem e devem ser o espelho dos fatos. (CAVALCANTI, 2006, p.74).

Cavalcanti cita como “verdade” um fato escolhido pelos próprios jornalistas como relevante para ser divulgado. Observa-se que no programa Globo Repórter, a realidade é mostrada através da exposição de temas que, em geral, são bem aceitos pela sociedade, como aqueles que abordam assuntos relacionados à manutenção da saúde ou à preservação do meio ambiente, a exemplo dos textos analisados nesta pesquisa. Assim, a “verdade” mostrada no Globo Repórter caracteriza-se pela apresentação de assuntos, em geral não polêmicos, e que agradam boa parte da população. Nota-se também a busca pela adesão dos telespectadores aos assuntos abordados, ou às “verdades” mostradas. No programa sobre o Aquífero Guarani, por exemplo, a necessidade de se utilizar a água doce subterrânea de forma racional é destacada a todo momento. Além de informar o público, o jornalista busca em seus textos a adesão dos telespectadores para os assuntos levantados que, neste caso, é o uso racional da água doce.

A persuasão do público é uma prática de milhares de anos. A *Retórica Aristotélica* já tratava da relevância do papel do orador sobre o auditório. Prega a Retórica que o orador precisa conhecer seu público, conhecer o que comove o auditório para elaborar seu discurso. Nessa relação há três elementos envolvidos: o orador, o auditório e o discurso, ou o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Trazendo esses conceitos para a atualidade, Fiorin (2004), entende que o *ethos* não é a imagem real do orador, assim como o *pathos* também não é a do auditório. O *ethos* constrói a imagem de enunciador assim

como o *pathos* é a imagem que o enunciador tem do enunciatário. Fiorin lembra que esse último pode ser representado por um auditório de diferentes públicos: crianças, especialistas, leigos. A imagem que o enunciador faz de seu auditório (enunciatário) é que vai direcionar o discurso a ser realizado por ele:

Nesse sentido auditório, o *target*, como dizem os publicitários, faz parte do sujeito da enunciação; é produtor do discurso, na medida em que determina escolhas lingüísticas do enunciador. Evidentemente, essas escolhas não são necessariamente conscientes. (FIORIN, 2004, p.72)

Ao trazer essa questão para o jornalismo de televisão, observa-se que o discurso jornalístico é elaborado levando em consideração as necessidades de seu auditório, neste caso, o telespectador. Em se tratando de um programa jornalístico de abrangência nacional, como o Globo Repórter, a imagem do *pathos* do alocutário pode ser atribuída a um público bastante diversificado de brasileiros, que têm culturas diferentes e necessidades muitas vezes antagônicas. Como então atingir os propósitos desse imenso auditório, que é o *pathos* do alocutário do Globo Repórter?

No artigo *O pathos do enunciatário*, Fiorin (2004) destaca que o discurso do enunciador só terá eficácia se o enunciatário (leitor) se identificar com o *ethos* do enunciador:

O enunciatário não adere ao discurso apenas porque ele é apresentado como um conjunto de idéias que expressam seus possíveis interesses, mas, sim, porque se identifica com um dado sujeito da enunciação, com um caráter, com um corpo, com um tom. Assim, o discurso não é apenas um conteúdo, mas também um momento de dizer, que constrói os sujeitos da enunciação. (FIORIN, 2004, p.74)

Para obter a adesão do telespectador, os discursos do Globo Repórter, precisam refletir os interesses do *pathos* do alocutário do programa. Levando-se em conta que o “auditório” do Globo Repórter caracteriza-se por um público de diferentes classes, credos e níveis de escolaridade, por exemplo, os discursos do programa devem ser elaborados de modo a ter a aceitação deste amplo grupo de pessoas.

Nota-se, no entanto, que para atingir tal grupo é preciso pensar nas necessidades de cada subgrupo de telespectadores, que representa essa imensa variedade de brasileiros. Toma-se como exemplo as classes menos favorecidas, em que o grau de escolaridade é mais baixo. Para transmitir uma informação para os telespectadores menos escolarizados, é necessária a utilização de uma linguagem simples, que antecipe as inferências que o telespectador deva fazer. Há, portanto, a necessidade de se criar um texto em que as informações sejam explicadas para este público de maneira didática, a fim de que ele possa assimilar o conteúdo que lhe é transmitido. Observe-se o exemplo abaixo:

E o aquífero se estende até o interior do Paraná, **distribuindo** água e **saúde**. O ano todo. Piscinas de água quente. Banhos de lama. Jatos frios. São as águas que **curam**. Elas têm sulfato de cálcio, de magnésio, bicarbonato de sódio e potássio. (REDE GLOBO, 2005, grifo meu)

Neste recorte de texto sobre o Aquífero Guarani, a repórter Dulcinéia Novaes destaca as propriedades medicinais das águas do aquífero. Nota-se que antes de fazer a afirmação sobre os minerais presentes na água, como o potássio e o sulfato de cálcio, a jornalista optou por introduzir o assunto fazendo um resumo da qualidade da água. Tal resumo pode ser observado pelas palavras destacadas em negrito, pois simplificam a idéia de uma água com qualidade: distribuem “saúde” e “curam”. Assim, as escolhas lingüísticas feitas pela repórter permitem ao telespectador inferir que o bicarbonato de sódio e o potássio, por exemplo, ajudam a curar ou a manter a saúde, mesmo que o telespectador não tenha conhecimento sobre as propriedades das águas do aquífero.

Isso não quer dizer que elementos usuais reconhecidos pela classe média ou alta não estejam presentes no texto do programa. Observe-se o recorte de texto abaixo, em que é feita uma comparação do tamanho do Aquífero Guarani com países europeus:

Num período entre 200 e 132 milhões de anos, o deserto com área equivalente ao território da Inglaterra, França e Espanha juntos, sofreu uma grande transformação. O mar de areia virou um dos

maiores reservatórios de água doce do mundo, o Aquífero Guaraní. (REDE GLOBO, 2005)

É evidente que noções geográficas sobre os países são ensinadas nos primeiros anos de escola e qualquer pessoa com o mínimo de escolaridade talvez tivesse conhecimento sobre esses três países. Mas o texto acima pressupõe que quem assiste ao programa tenha conhecimento do tamanho dos países citados. Ou seja, uma curiosidade que cabe mais à classe média ou alta, porque essas classes, em geral, têm: 1) mais acesso a mapas e instrumentos gráficos para os estudos, permitindo, na prática, a visualização da dimensão desses países; 2) mais acesso a viagens e conseqüentemente a um conhecimento mais amplo das fronteiras dos países no mundo.

Assim, o *pathos* do alocutário do Globo Repórter é a imagem de um enunciatário amplo: boa parte é representada pelas classes menos favorecidas, constituída por pessoas com pouca escolaridade e que buscam uma informação “mastigada” dos assuntos em discussão na sociedade; já outra parte desse largo auditório é representada pela classe média, um grupo de pessoas que têm interesse em se manter informado, mas que não necessita que a informação seja esmiuçada. A classe mais alta da sociedade também faz parte do *pathos* do alocutário do programa, uma vez que é a classe que tem poder aquisitivo para consumir qualquer tipo de informação, sejam revistas, jornais ou programas jornalísticos de televisão. Pressupõe-se que assim como acontece com a classe média, as pessoas que fazem parte da classe alta não necessitam que a informação seja exaustivamente explicada, uma vez que esse grupo de pessoas tem acesso mais facilmente às escolas e universidades. Assim, o *pathos* do alocutário do Globo Repórter é constituído por um grupo de telespectadores que representa o povo brasileiro, e que apesar das divergências culturais e econômicas, por exemplo, possui interesses comuns.

Para atingir um público tão variado, a linguagem do Globo Repórter não pode ser rebuscada, já que talvez uma faixa de seus telespectadores não consiga assimilar as informações que estão sendo transmitidas. Como dito no primeiro capítulo, o Globo Repórter segue as normas jornalísticas brasileiras de criação textual. Nota-se a presença de

frases curtas, diretas; a busca pelo efeito da naturalidade e simplicidade nos textos, além do uso de recursos lingüísticos que ajudam a tornar o texto mais claro, como o uso de comparações, por exemplo. Há, ainda, o interesse em apresentar os assuntos que são aceitos por boa parte dos telespectadores, a fim de não desagradar esse amplo público.

O *ethos* do enunciador construído no discurso jornalístico do Globo Repórter, por sua vez, corresponde a um grupo de jornalistas que segue uma maneira padrão de criar reportagens e escrever os textos do programa. Nota-se, por exemplo, a escolha de temas variados, mas o “tom” dado às reportagens do Globo Repórter é sempre o mesmo. Maingueneau (2008) utiliza a palavra “tom” para designar como os discursos estão relacionados ao modo de enunciação. O autor retoma a noção de *ethos* da *Retórica Aristotélica*, que estava associado à oralidade em situação de fala pública, em que as características do orador eram reveladas na entonação dada ao discurso, no ritmo conferido à oratória. Maingueneau afirma, no entanto, que o “tom” não é uma característica apenas do discurso falado, mas também do escrito:

O texto escrito também possui um *ethos*, uma vocalidade (ou tom), que nos permite remetê-lo a uma fonte enunciativa que dá autoridade ao que é dito, isto é, a uma “instância subjetiva que desempenha o papel do **fiador** do que é dito” (apud MUSSALIN, 2008, p.71, grifo do autor).

Assim, o tom dado nas reportagens do Globo Repórter vai gerar um modo coletivo de criar as reportagens do programa.

Em suma, o estilo do Globo Repórter está associado a um *ethos* que é assumido por todos os repórteres e também pelo apresentador do programa. O repórter do programa assume para si um discurso que é o usual da prática jornalística de programas do estilo do Globo Repórter.

2.6 A HETEROGENEIDADE MOSTRADA

Além da predominância do estilo do gênero sobre o estilo do autor, uma outra característica do gênero reportagem de televisão é o cruzamento de vozes no fio discursivo do repórter. O repórter parece assumir uma posição de “autor” de uma informação para enunciar o discurso jornalístico. Ele profere um discurso que muitas vezes é o da ciência, do professor, da medicina, etc. No entanto, há muitas vozes por trás de seu discurso. Há as vozes para quem o jornalista vai criar o texto¹⁸ – é o que Bakhtin denomina como sucessores; há também os antecessores do texto jornalístico, com os quais o texto jornalístico já dialoga; mas há ainda os discursos daqueles que cruzam o texto jornalístico, sem mesmo estar nele. Pode-se dizer, portanto, que o jornalista realiza um gerenciamento de vozes dentro do seu fio discursivo.

Para demonstrar como o discurso do Outro atravessa o discurso do sujeito, Possenti (2002), na obra *Os limites do discurso*, aponta os enunciados de ampla circulação, como os que o autor chama de lugares comuns. Ao se falar de bebidas, por exemplo, há sempre quem diga “beber faz mal à saúde”. Assim como no caso dos lugares comuns, é possível perceber que o discurso do Outro também está presente nos textos jornalísticos. O cruzamento de vozes no discurso do sujeito é denominado de heterogeneidade enunciativa, pela Análise do Discurso de linha francesa.

A noção de heterogeneidade enunciativa foi estudada mais profundamente por Authier-Revuz (1990). Tal estudo foi calcado nos estudos de Bakhtin, sobre o dialogismo; e na psicanálise – principalmente Lacan- sobre o inconsciente.

Para Lacan, a linguagem é a condição do inconsciente. Ele afirma que o inconsciente se estrutura como uma linguagem que vai interferir no discurso do sujeito, como se o discurso do Outro – do inconsciente – atravessasse o discurso do sujeito. Considerem-se as observações de Fernanda Mussalin (2001) a respeito do inconsciente agindo sobre o sujeito:

¹⁸ A palavra “texto” deve ser entendida como toda e qualquer produção textual realizada pelo repórter, durante o processo de construção da reportagem de televisão.

O inconsciente é lugar desconhecido, estranho, de onde emana o discurso do pai, da família, da lei, enfim, do Outro e em relação ao qual o sujeito define, ganha identidade. Assim, o sujeito é visto como representação – como ele se representa a partir do discurso do pai, da família, etc. – sendo, portanto, da ordem da linguagem. (MUSSALIN, 2001, p. 107)

Assim, Lacan afirma que a fala é fundamentalmente heterogênea, pois os discursos são frutos do interdiscurso. Os discursos exteriores do mundo, a exemplo do que Mussalin cita como a voz do “pai”, da “família”, da “lei”, cruzam os discursos do sujeito, que tem a ilusão de ser portador destes discursos. Os discursos que margeiam o inconsciente do sujeito são denominados de interdiscurso. Charaudeau e Maingueneau classificam o interdiscurso como “um espaço discursivo, *um conjunto de discursos* - de um mesmo campo discursivo ou de campos distintos - que mantém relações de delimitação recíproca uns com os outros” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 286, grifo dos autores). Esse conjunto de discursos que cerca o inconsciente do sujeito acaba por influenciar seus discursos. Tem-se, portanto, um sujeito dividido, que tem a ilusão de ser o centro, de saber o que diz, mas que é originado no inconsciente.

As concepções psicanalíticas de “sujeito dividido”, de “inconsciente” e do “interdiscurso agindo sobre o discurso do sujeito”, vão servir de apoio para Authier-Revuz (2004) estudar a heterogeneidade enunciativa. No artigo *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*, a autora faz a seguinte consideração sobre o interdiscurso:

Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos “outros discursos” e pelo discurso do “Outro”. O *outro* não é um *objeto* (exterior, *do qual* se fala), mas uma *condição* (constitutiva, para que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte primeira desse discurso. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69, grifo da autora).

Assim, para Authier-Revuz, em toda formação discursiva há sempre a presença do Outro, o que confere ao discurso um caráter heterogêneo. A autora define duas formas para a heterogeneidade: mostrada e constitutiva. Para se compreender a forma constitutiva de heterogeneidade,

deve-se pensar no interdiscurso agindo integralmente sobre o discurso. O discurso alheio não se torna evidente e ganha uma outra autoria no discurso de quem fala. Charaudeau e Maingueneau mostram o ponto de vista de Authier-Revuz sobre a heterogeneidade constitutiva, com destaque para a questão do interdiscurso agindo sobre o inconsciente do sujeito:

Authier-Revuz (1982) refere-se, por sua vez, à psicanálise lacaniana: o sujeito é irredutivelmente clivado, dividido pelo inconsciente, mas ele vive na ilusão necessária da autonomia da sua consciência e de seu discurso. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 262)

Como citado há pouco, a fala é determinada fora da vontade do sujeito, já que ele vai utilizar o discurso do Outro para criar o seu próprio discurso. Assim, o discurso é um produto do interdiscurso, o que comprova a existência da heterogeneidade constitutiva.

A presença do Outro no discurso, no entanto, pode se apresentar de maneira mais evidente. É o que Authier-Revuz chama de heterogeneidade mostrada. No artigo *Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)*, a autora destaca que esse tipo de heterogeneidade é caracterizado por inscrever o Outro na seqüência do discurso mediante recursos como “discurso direto, aspas, formas de retoque ou de glosas, discurso indireto livre, ironia [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.25). Atente-se às considerações da autora a respeito da heterogeneidade mostrada, destacada no artigo *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*:

As formas de heterogeneidade mostrada, no discurso, não são um reflexo fiel, uma manifestação direta – mesmo parcial – da realidade incontornável que é a heterogeneidade constitutiva do discurso; elas são elementos da *representação* – fantasmática – que o *locutor* (se) dá de sua *enunciação*. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.70, grifo da autora)

Com base na concepção de heterogeneidade mostrada, de Authier-Revuz, será interessante observar de que maneira os discursos do Outro são revelados nos textos do Globo Repórter. Tal investigação poderá ser feita tomando por base a classificação feita pela autora sobre as formas de heterogeneidade mostrada marcadas em superfície. No artigo *Análise do*

Discurso, Mussalin (2001) apresenta três formas principais de heterogeneidade mostrada, propostas por Authier-Revuz:

- a) aquela em que o locutor ou usa de suas próprias palavras para traduzir o discurso de um Outro (discurso relatado) ou então recorta as palavras do Outro e as cita (discurso direto);
- b) aquele em que o locutor assinala as palavras do Outro em seu discurso, por meio, por exemplo, de aspas, de itálico, de uma remissão a outro discurso, sem que o fio discursivo seja interrompido;
- c) aquela em que a presença do Outro não é explicitamente mostrada na frase, mas é mostrada no espaço do implícito, do sugerido, como nos casos de discurso indireto livre, da antífrase, da ironia, da imitação, da alusão. (MUSSALIN, 2001, p. 128)

Essas formas de heterogeneidade mostrada indicam a presença de um discurso Outro no fio do discurso do sujeito. As formas apresentadas nos itens “a” e “b” são classificadas como marcadas, por apresentarem uma evidência maior do Outro na superfície discursiva. Já a forma apresentada no item “c” demonstra uma heterogeneidade em que o discurso do Outro se mistura ao de quem fala, caracterizando-se, portanto, como sendo a forma não marcada da heterogeneidade mostrada. As formas marcadas de heterogeneidade serão discutidas no terceiro capítulo, quando serão realizadas as análises para a investigação das formas reveladas de heterogeneidade, presentes nos discursos do Globo Repórter.

Esse breve resumo sobre a questão da heterogeneidade proposta por Authier-Revuz, por ora, vem esclarecer o caráter heterogêneo dos discursos jornalístico, em que os textos do Globo Repórter também estão inseridos.

CAPÍTULO 03 - ANÁLISE DOS TEXTOS DO GLOBO REPÓRTER

Esse capítulo se dedicará a investigar as características textuais do gênero “reportagem especial de televisão”. Para tal investigação, serão utilizados textos de dois programas do Globo Repórter: um se refere ao Aqüífero Guarani e o outro ao Chaco Paraguaio.

Diante do que já foi apresentado nos capítulos anteriores, é possível resumir as principais características dos textos jornalísticos das reportagens especiais em: 1) o didatismo, pois há a intenção de informar e educar o telespectador através das reportagens apresentadas; 2) a constituição de uma faixa ampla de interlocutores, para atingir índices significativos de audiência; 3) a heterogeneidade discursiva nos textos jornalísticos de televisão, já que inúmeras vozes atravessam o fio discursivo do repórter. Essas três características – didatismo, um texto criado para agradar os mais diferentes tipos de público e o cruzamento de vozes no texto do repórter – revelam o perfil do texto jornalístico das reportagens especiais.

Para investigar a presença dessas características nos textos do Globo Repórter, primeiramente será feita a investigação das marcas textuais que evidenciam o *ethos* do programa, um *ethos* que tem como principal propriedade o caráter “didático”. Num segundo momento serão investigadas as marcas textuais que revelam a busca pela constituição de um leque heterogêneo de telespectadores; ou seja, de que maneira o texto do programa é construído para atingir o *pathos* do enunciatário do Globo Repórter. Por último, será realizada a investigação em torno da heterogeneidade enunciativa do Globo Repórter, através da observação do gerenciamento de vozes dentro do programa.

É importante salientar que os textos do programa que serão analisados foram colocados nos anexos. Antes de se passar às análises, é preciso esclarecer algumas especificações a respeito da transcrição dos textos.

Nos anexos, o leitor encontrará, primeiramente, o texto transcrito do programa que tem como tema o Aqüífero Guarani. O programa foi apresentado em cinco blocos e todos foram transcritos. No entanto, a construção das reportagens contou com a participação de mais de um repórter

e não seria interessante realizar uma análise sobre o texto de todos os repórteres envolvidos nesse processo. Um dos objetivos iniciais deste trabalho era analisar não somente o estilo do “gênero reportagem de televisão”, mas também o estilo dos principais autores dos textos constitutivos das reportagens. No entanto, o foco da análise foi alterado durante o desenvolvimento do trabalho, optando-se por investigar apenas as características estilísticas textuais do Globo Repórter .

Como objetos de análise, foram escolhidos os textos do repórter que teve a maior produção textual no programa sobre o Aquífero Guarani. Estarão em discussão apenas os textos do primeiro, terceiro e parte do último bloco, nos quais a repórter Dulcinéia Novaes teve maior participação.

Os textos que foram produzidos pela repórter Dulcinéia Novaes e sua equipe serão identificados com a palavra “Dulcinéia”, a fim de demarcar claramente os limites entre o texto da jornalista e as contribuições dos demais repórteres que participaram do programa.

O anexo contém ainda a transcrição do texto do programa sobre o Pantanal Paraguai, que também foi realizada por blocos. Vale lembrar que esse episódio do programa contou com a participação de apenas um repórter, Sandro Dalpícolo, portanto, os textos escritos por ele estão identificados por seu nome.

É importante salientar que os textos não estão apresentados no padrão jornalístico como foram produzidos, de modo que não seja necessário introduzir detalhes técnicos do funcionamento jornalístico. No entanto, é preciso explicar algumas classificações dos componentes do texto jornalístico. Segundo os manuais de telejornalismo, o texto é composto de três itens básicos: 1) o texto¹⁹ escrito pelo repórter/editor; 2) as entrevistas; 3) a passagem do repórter. A passagem é momento em que o repórter aparece na reportagem. Vale lembrar que na reportagem de televisão, na maior parte do tempo, o repórter não aparece: apenas a sua voz apresenta as informações em questão, com a ajuda de imagens. Mas, durante alguns segundos, a

¹⁹ A palavra texto deve ser entendida como qualquer produção textual do programa. As entrevistas e as passagens do repórter também são textos, mas foram classificados de modo diferente apenas para distinguir quando é o repórter que enuncia o seu próprio texto e quando é o entrevistado que fala.

imagem do repórter aparece na reportagem, o que caracteriza a passagem, recurso que serve para o telespectador identificar quem é o repórter.

As passagens dos repórteres também foram transcritas porque fazem parte dos textos e são necessárias para que eles façam sentido. Para separar o texto escrito pelo repórter da passagem e o da entrevista, todos os três componentes do texto jornalístico serão discriminados na transcrição.

Por sua vez, as entrevistas estarão entre aspas para caracterizar a citação direta, quando o entrevistado aparece falando na reportagem. No final de cada entrevista transcrita, serão destacados os nomes dos respectivos entrevistados e sua profissão. Geralmente, no programa, o nome do entrevistado e o cargo que ele ocupa não são descritos no texto, já que existe um recurso chamado “crédito do entrevistado”, permitindo que seu nome apareça por alguns segundos, enquanto a reportagem está sendo exibida. Nesta pesquisa, a apresentação do nome do entrevistado, ao final de cada citação direta se faz necessária para que o leitor saiba quem é o autor do texto citado.

Um outro elemento que faz parte da estrutura da notícia de televisão é a “cabeça”, que foi apresentada no primeiro capítulo. A cabeça é o nome dado ao texto lido pelo apresentador, que nas transcrições foi denominada como “fala do apresentador”. As passagens de bloco, também serão chamadas de “fala do apresentador”. Assim, fica mais evidente quando o texto é uma citação do apresentador (Sérgio Chapelin) ou do repórter (Dulcinéia Novaes/Sandro Dalpícolo). É importante ressaltar ainda que os textos transcritos do programa estão separados por blocos, conforme foram exibidos para o telespectador.

Como citado nos capítulos anteriores, os textos do programa não são elaborados apenas por uma pessoa. Portanto, o estilo a ser analisado nos textos do Globo Repórter passa a ser o estilo da equipe de jornalistas que ajudou a concretizar a reportagem - o editor, o cinegrafista, o repórter, o produtor - e que, direta ou indiretamente, contribui para a construção do texto. Mas, para maior clareza nas transcrições e nas análises, se elegerá o repórter como autor desses textos, já que é ele quem assina a reportagem, ainda que o texto final seja elaborado a muitas mãos.

Apresentadas todas as especificações sobre os textos do Globo Repórter, é possível passar para a primeira parte das análises.

3.1 MARCAS QUE PERMITEM RECONHECER O ETHOS DO PROGRAMA

Conforme apresentado no capítulo anterior, o *ethos* do Globo Repórter é a imagem de um grupo de jornalistas que visa transmitir informações e também reforçar a adesão da população brasileira a determinadas causas, geralmente as não polêmicas, de ampla aceitação. Esse *ethos* é representado pela figura do apresentador - que no caso do Globo Repórter, é o jornalista Sérgio Chapelin - e também pelos jornalistas que criam uma forma padrão de apresentar as informações ao público. Nota-se que os temas geralmente estão em sintonia com aqueles eleitos pela mídia nacional, num determinado período, e que por sua vez, podem corresponder aos assuntos focados também pela mídia internacional. Dentre os assuntos focados, estão os não polêmicos, como os relacionados à saúde e ao meio ambiente, por exemplo.

Para atingir seu público, os temas são apresentados através de uma linguagem simples, que às vezes beira a coloquialidade. Como será observado mais à frente, a simplicidade dos textos jornalísticos do Globo Repórter é produto do trabalho conjunto dos repórteres, que fazem escolhas lingüísticas com o propósito de obter o efeito desejado: o uso de uma linguagem que aparente naturalidade, marca textual do programa.

Deve-se levar em consideração também que o público do programa é formado por um leque heterogêneo de telespectadores, em relação ao grau de escolaridade, ao nível sócio-econômico, às posições políticas e às crenças religiosas. O tipo de linguagem utilizado pelo programa acaba por atingir essa ampla faixa de telespectadores, provavelmente por não assumir posições peculiares a determinados grupos sociais.

Uma das principais características dos textos do programa é o seu caráter pedagógico, pois se percebe a preocupação de informar e ao mesmo tempo educar o telespectador, no sentido de obter a adesão dos

telespectadores para determinadas posturas. Outra característica é o uso de recursos lingüísticos utilizados para criar um efeito de sentido, que está associado ao caráter pedagógico. São eles: 1) a predominância de frases curtas; 2) o uso de paráfrases para simplificar conceitos; 3) o uso de comparações para aproximar o assunto abordado com a realidade cotidiana do brasileiro.

A demonstração de cada um desses recursos será feita na seqüência.

A utilização de frases curtas, corresponde ao propósito dos jornalistas de que a informação seja assimilada rapidamente, mesmo porque a atenção do telespectador deve estar dividida entre a informação que recebe do repórter e a imagem que está sendo exibida. Como apresentado no primeiro capítulo, o telespectador de um telejornal não pode virar a página (PATERNOSTRO, 1987), assim, o entendimento do que está sendo transmitido deve ser imediato. A título de ilustração, serão transcritos, a seguir, trechos que demonstram a preferência pelo uso da forma direta.

- 1) O Brasil é hoje o país mais rico em água.
- 2) A água que jorra do poço, lavou a alma deste homem.
- 3) Oito estados brasileiros e outros três países latino-americanos são os guardiões dessa imensa caixa d'água enterrada.
- 4) Aqui nas três fronteiras o planeta água se mostra mais do que generoso. As águas de superfície, as águas subterrâneas formam um patrimônio de valor incalculável, reservas naturais que os países do Mercosul sabem que têm de cuidar porque delas depende, também, o futuro da humanidade.
- 5) Contém Vanádium, um mineral com propriedades medicinais. Ele atua contra o colesterol e influencia no funcionamento do pâncreas e do fígado. (REDE GLOBO, 2005 – ANEXO A)

A maioria das falas da repórter Dulcinéia Novaes, nos textos do programa sobre o Aqüífero Guarani, é composta por esse tipo de estrutura frasal, o que confere objetividade ao texto. No entanto, a opção pelo uso de frases curtas também pode contribuir para criar o efeito de resumo de idéias. Como se vê no exemplo abaixo, em que o repórter Sandro Dalpícolo faz uma descrição da geografia do Chaco Paraguai:

Muitas **planícies**, poucas montanhas. **Poeira** que não acaba mais. Ao contrário do que parece, "chaco" não significa terra encharcada, cheia d'água. A palavra indígena quer dizer "território rico em caça",

cheio de animais silvestres. (REDE GLOBO, 2005, grifo meu – ANEXO B)

Nota-se que em vez de fazer uma longa descrição da paisagem do Chaco, o repórter optou por utilizar apenas algumas frases para mostrar como é o local. Ele escolheu palavras que sintetizassem a geografia do Chaco: um lugar formado basicamente por “planícies”, que é “empoeirado” e “cheio de animais silvestres”. A opção pelo uso de frases curtas para criar o efeito de resumo de idéias também é um recorrente nos textos do programa.

Porém, em alguns trechos dos textos do Globo Repórter, percebe-se que a utilização de sentenças menores não tem somente o intuito de simplificar idéias, mas contextualizar a ação, por exemplo, com um toque de emoção. O recorte abaixo descreve a captura de um animal:

O animal escolhido para o exame logo percebe que está na mira do veterinário. O tiro é certo. O taguá reage, agitado. Será que a seringa falhou? A resposta vem aos poucos. O porco-do-mato começa a perder a força até que, finalmente, é vencido pelo anestésico. (REDE GLOBO, 2005 – ANEXO B)

O repórter descreve passo a passo a captura de um taguá para a realização de exames pelo veterinário. Para conferir emoção à forma de descrever a cena, são utilizadas sentenças breves, que criam o efeito de suspense ao que é narrado. Por exemplo, quando o repórter afirma “o tiro é certo”, pretende destacar a situação descrita, como se o que o telespectador vê fosse inusitado. Na segunda sentença em que o repórter diz “será que a seringa falhou?”, a dúvida também cria o efeito de um suspense.

O uso de frases curtas, neste trecho, auxilia no processo de descrição das imagens que o telespectador vê, de forma sincronizada, dirigindo o foco de sua atenção para aquilo que se quer destacar. Trata-se de um recurso que revela o perfil didático do programa.

Outra particularidade dos textos do Globo Repórter é o uso de paráfrases para traduzir conceitos. Segundo o *Dicionário de análise do discurso*, paráfrase “é uma relação de equivalência entre dois enunciados, um deles podendo ser ou não a reformulação do outro” (CHARAUDEAU;

MAINGUENEAU, 2006, p. 366). Nos textos do programa, como já foi dito, as paráfrases têm a função de reformular conceitos de modo a torná-los mais claros para o telespectador. Assim como a utilização de frases mais curtas, a paráfrase é um elemento didático que possibilita a assimilação, por exemplo, de conceitos mais abstratos, por pessoas que não estejam acostumadas a este tipo de informação.

É interessante observar de que maneira as paráfrases aparecem nos textos do Globo Repórter. No episódio sobre o Aquífero Guarani, a palavra “aquífero” adquiriu diferentes denominações ao longo do texto. Observe-se os exemplos abaixo:

- 1) Oito estados brasileiros e outros três países latino-americanos são os guardiões dessa **imensa caixa d’água enterrada**. Vamos atravessar as estradas de terra do Brasil para mostrar o poder deste aquífero.
- 2) Mas como se formou essa **gigantesca bacia de água subterrânea**? (REDE GLOBO, 2005, grifo meu – ANEXO A)

Para parafrasear “aquífero”, foram usados termos como “caixa d’água enterrada” e “gigantesca bacia de água subterrânea”. A expressão “caixa d’água” significa água que está pronta para o consumo, mas que fica guardada para ser utilizada quando há necessidade. Ao contrário do que ocorre com as caixas d’águas comuns, as águas do aquífero não ficam em caixas no forro das casas, mas enterradas no subsolo. Assim, “caixa d’água enterrada” substitui o conceito da palavra aquífero, que é água preservada no subsolo.

O item 2 também revela a preocupação em traduzir para a linguagem cotidiana o significado da palavra aquífero. Para simplificar o conceito, a repórter preferiu dizer “gigantesca bacia de água subterrânea”. A palavra bacia significa um conjunto de vertentes que margeiam um rio, portanto, um reservatório de água doce. Não há como se prever o tamanho de uma bacia hidrográfica, já que pode variar de tamanho conforme as condições geográficas de cada país. Mas em se tratando do Aquífero Guarani, cuja reserva abrange oito Estados brasileiros e mais três países vizinhos ao Brasil, não seria exagero afirmar que é uma “gigantesca bacia de água subterrânea”. Assim, o uso de paráfrases para explicar o conceito da palavra aquífero ajuda a tornar o texto mais claro, facilitando sua compreensão pelo público.

O caráter pedagógico dos textos do programa pode ser percebido também na forma didática de explicar algumas informações para o interlocutor. O conceito de “aqüífero”, que no início dos textos do programa havia sido parafraseado, é explicado didaticamente para o público, mediante a apresentação de um objeto concreto (uma pedra). Observe-se no recorte abaixo, como a repórter apresenta tal palavra:

Mas não pense que existe um imenso lago debaixo da terra. O geólogo Eduardo Mundi, explica que lá embaixo encontraríamos pedras semelhantes a esta. A água ocupa o espaço entre os grãos de areia. O Aqüífero é uma rocha porosa, com capacidade de absorver a água. (REDE GLOBO, 2005 – ANEXO A)

A repórter explica que um aqüífero é uma rocha porosa que absorve e água doce. Embora o jornalista optasse por parafrasear a palavra “aqüífero” nos primeiros parágrafos do texto²⁰, com o objetivo de simplificar este conceito, na seqüência, acrescenta: “não pense que existe um imenso lago debaixo da terra”. Ou seja, há a preocupação de acrescentar uma informação extra e a explicação didática faz com que o público tenha a noção correta da palavra.

Além do uso das parafrases, percebe-se o uso de comparações. Em geral, as comparações fazem uso de elementos recorrentes no cotidiano do brasileiro. Abaixo estão alguns recortes de textos do programa sobre o Aqüífero Guarani e também sobre o Chaco Paraguai, que ilustram a presença de comparações:

1) **O subsolo de Almirante Tamandaré** mais parece **um queijo suíço**, com grutas de rocha calcária, pouco resistente. Nelas se formam os reservatórios de água. Com o bombeamento dos poços, ocorrem os afundamentos no solo. (Anexo A)

2) Quando o dia nasce, avistam-se **lagoas** formadas pelas chuvas do verão passado. Como muitas delas secam no inverno, aquelas que resistem funcionam como **enormes bebedouros**, para onde os animais seguem logo no começo do dia. (Anexo B)

3) **As lagoas** são **restaurantes generosos**, onde o espaço é disputado por outros convidados: aves graciosas – como a capororoca, uma espécie de cisne – e bandos de marrecas. (Anexo B) (REDE GLOBO, 2005, grifo meu)

²⁰ Para a observação da seqüência de parafrases no texto sobre o aqüífero Guarani, vide anexos.

Na primeira citação, que faz parte do texto sobre o Aquífero Guarani, a expressão “queijo suíço” é utilizada para comparar o alimento, que tem grandes buracos em seu miolo, com o formato do solo de Almirante Tamandaré, que, segundo a repórter, possui grandes buracos na rocha calcária. A jornalista optou por fazer uma comparação para relacionar elementos similares e assim, proporcionar a visualização do assunto abordado: os buracos no solo de Almirante Tamandaré.

Observe-se que a comparação é um recurso lingüístico que tem a mesma conotação das metáforas. Segundo o *Dicionário de lingüística*, metáfora “é o emprego de todo o termo substituído por um outro que lhe é assimilado após a supressão das palavras que introduzem a comparação” (DUBOIS et al, 2004, p.411). Assim, a comparação presente nos textos do programa tem a mesma função da metáfora, que é o de colocar dois conceitos em paralelo. A opção em utilizar esse recurso lingüístico possibilita a assimilação mais fácil pelo público dos assuntos abordados, uma vez que são utilizados exemplos do cotidiano do brasileiro.

No item 2, o repórter utiliza a palavra “bebedouro” para explicar a função de uma lagoa, na região quase desértica do Chaco Paraguai. O jornalista afirma que as poucas lagoas que sobram no verão, servem para matar a sede dos animais. Ao se referir aos “enormes bebedouros”, busca ilustrar a utilidade das lagoas: fornecer água.

Ainda para mostrar a relevância das lagoas para aquele ecossistema, o repórter afirma que elas são grandes fornecedoras de comida para as aves. No entanto, para fazer essa explicação, o repórter utiliza a expressão “restaurantes generosos”, como pode ser observado no item 3. Ou seja, obviamente restaurante é um lugar de abundância de comida, assim como para as aves, as lagoas têm essa função. Ao dizer que um elemento se parece com um outro objeto, o repórter tenta trazer a clareza para o texto e busca facilitar as inferências feitas pelo público. As comparações, portanto, ajudam a esmiuçar as informações para o telespectador, tornando-as mais claras para o público.

Em ambos os textos analisados, é possível identificar também a preocupação de educar o público sobre a preservação do meio ambiente o que comprova a preocupação de transmitir uma mensagem educativa. No programa sobre o Aquífero Guarani, as últimas sentenças alertam sobre a necessidade de se utilizar a água do aquífero com limitações. Observe-se, abaixo, o trecho transcrito:

Água subterrânea é uma riqueza que pode gerar outras riquezas. Mas os cientistas **alertam**: este bem renovável, vital para o ser humano, não é infinito. **Só o uso racional**, cercado de cuidados ao meio ambiente, pode garantir vida longa as nossas reservas de água. (REDE GLOBO, 2005, grifo meu) (Anexo A)

Quando a repórter afirma “os cientistas alertam”, ela está enfatizando que aquela informação é relevante para o público. Na seqüência, faz o comentário de que é necessário cuidar dessa água doce subterrânea através do “uso racional”, ou seja, para que ela não se torne escassa é preciso utilizá-la com moderação. Assim, além de informar, a repórter revela a preocupação de despertar a população sobre a necessidade de se preservar as reservas de água ainda disponíveis. Com isso, busca a adesão dos telespectadores à idéia de se evitar o desperdício e de contribuir com sua postura para um processo de “conscientização” de toda a sociedade.

A mesma postura pedagógica pode ser observada também no programa sobre o Pantanal Paraguai. Nota-se, por exemplo, a ênfase dada à caça irregular de animais na região do Chaco. Observe-se o recorte abaixo:

Num lugar onde a natureza conduz o equilíbrio entre as espécies, o maior predador das lagoas está ameaçado. **O inimigo é covarde** e ataca sorrateiro, sem chance de defesa. Os cartuchos espalhados em volta da lagoa não deixam dúvida: **os jacarés têm sido a principal vítima da ganância do homem**. (REDE GLOBO, 2005, grifo meu) (Anexo B)

O texto alerta para o fato de que numa terra onde a sobrevivência já é difícil, a “ganância do homem” traz ainda mais perigo aos animais do Chaco. O repórter é enfático, chamando os homens que caçam os

jacarés de “inimigos covardes”. Há também a intenção de persuadir o telespectador para refletir sobre o fato de que a caça é uma ameaça às espécies.

Assim, o texto não está apenas transmitindo a informação de que o homem é um predador dos jacarés, mas tenta convencer o público sobre a necessidade de preservação desses animais para a fauna daquela região.

Num trecho posterior ao citado acima, pode-se observar a intenção de alertar o telespectador sobre a importância de se preservar também as matas daquela região. Observe-se a forma enfática usada pelo repórter para afirmar que as matas do Chaco estão desaparecendo:

A ambição do homem se alastra pelas matas do Chaco. O fogo transforma **bosques em cinzas**, a **vegetação** dá lugar às **pastagens** e toda a **diversidade da fauna** é trocada por um só animal: **o boi**. (REDE GLOBO, 2005, grifo meu) (Anexo B)

Neste trecho o repórter é categórico ao avaliar a conduta do homem do Chaco. A força das expressões utilizadas evidencia o processo de devastação. Nota-se que na segunda sentença, ele afirma que os “bosques” são substituídos por “cinzas”, palavra que figura restos de mata extinta. A “vegetação” transforma-se em “pastagens”. Estas expressões contrapõem circunstâncias distintas (bosques/cinzas; vegetação/pastagens, diversidade da fauna/boi), ressaltando aspectos positivos, que deixaram de existir, a negativos, que os substituíram. É interessante observar que nos recortes apresentados, o programa corresponde ao caráter pedagógico, não apenas porque simplifica essas informações, mas também por buscar o consenso entre os telespectadores, ao abordar questões educativas, no caso, a questão da preservação do meio ambiente.

As marcas que revelam essa postura pedagógica podem ser notadas: 1) pela presença recorrente de frases curtas, que permitem uma assimilação mais rápida da informação que está sendo transmitida; 2) pelo uso de paráfrases, que auxiliam na simplificação de conceitos para o público; 3) pelo uso de comparações para aproximar o assunto abordado com a realidade

cotidiana do brasileiro. É importante ressaltar também que o programa se compromete a abordar temas que possam ser compartilhados com esse público heterogêneo e que, portanto, não há escolhas de apresentação de assuntos controversos, a não ser que possam ser tratados ainda sob o viés da unanimidade.

3.2 MARCAS QUE MOSTRAM A REPRESENTAÇÃO DE UM LEQUE HETEROGÊNEO DE TELESPECTADORES

A discussão em torno do *pathos* do alocutário do Globo Repórter, realizada no segundo capítulo, revelou um público variado do programa, que abrange pessoas de diferentes níveis de escolaridade e mesmo culturais. Mas é preciso levar em consideração que as diferenças possam ser ainda maiores se encarados os interesses regionais dos brasileiros. Por exemplo, quem mora na região Sul do país possui uma dinâmica de vida que não é a mesma de quem mora na região amazônica. O tipo de trabalho realizado e até o clima podem interferir nas necessidades de uma comunidade. Devido às circunstâncias como a descrita é que se pode atestar o leque heterogêneo de telespectadores. Portanto, para que os textos do programa possam ser compreendidos por seu público, o Globo Repórter possui um estilo textual próprio, que tende ao didatismo. A presença de paráfrases e comparações, conforme visto no tópico anterior, corrobora esta tendência.

Em alguns momentos do programa, há a pressuposição de que o telespectador não tenha conhecimentos prévios sobre os temas abordados. Por isso, em alguns pontos, observa-se a explicitação de informações que poderiam facilmente ser inferidas. Atente-se para os recortes abaixo:

1) A árvore conhecida como "**palo papel**" chama a atenção pelo brilho, cor de bronze, que se destaca na paisagem seca. O nome vem da casca fininha que ela solta – **lembra um papel envelhecido**. (Anexo B)

2) A cidade que olha para o céu aprendeu a conviver com a seca. Loma Plata tem 5 mil moradores e **telhado**, na cidade, não serve apenas para cobrir as casas – é, também, um **meio de guardar a água da chuva**, que só cai no verão. **A água vai para as calhas e segue por condutores até chegar a poços gigantes que ficam no quintal.** (Anexo B) (REDE GLOBO, 2005, grifo meu)

O nome da planta destacada no item 1, já indica que a árvore fora denominada assim porque deve lembrar um papel. O repórter afirma que o nome vem da casca fininha que ela solta. Essa informação já seria suficiente para compreender que a casca parece um papel. Mas o repórter ainda acrescenta: “lembra um papel envelhecido”. A comparação da planta com o papel revela uma informação esmiuçada, explicada até que se torne clara. Portanto, esta explicação “exagerada” vincula-se à pressuposição de que o público não tem conhecimento sobre o assunto abordado.

No item 2, não há o uso de comparação, mas prevalece o caráter didático e a presunção do não conhecimento sobre o assunto. Em vez de dizer de forma direta que a água da chuva é guardada em poços, o repórter descreve todo o trajeto da precipitação da água e que vai parar no poço, no fundo do quintal. Primeiro, explica que o “telhado” é um “meio de guardar a água da chuva” e depois descreve como ela vai ser armazenada. O item 2 reforça um conhecimento que já é comum para muitos brasileiros, principalmente aqueles que moram em regiões de seca: a água da chuva pode ser guardada em “cisternas”. Exemplos como estes permitem concluir que em alguns trechos do programa as informações são repetidamente explicadas, a fim de que as pessoas mais simples possam compreendê-las com tranquilidade. Esta estratégia revela que, para atender aqueles telespectadores menos letrados, é preciso antecipar inferências para que a informação não seja interpretada de modo equivocado. Em vez desses telespectadores preencherem as lacunas do texto com suas próprias experiências, o repórter se desdobra e assume este papel.

Não se pode afirmar que boa parte do público do programa seja formada por pessoas das classes mais baixas. Mas, o caráter didático do Globo Repórter revela a preocupação de se levar a um grupo de

telespectadores menos escolarizados uma informação mais detalhada e de maneira simples.

Por outro lado, é possível perceber nos textos do Globo Repórter evidências de uma linguagem mais complexa, voltada para as classes com mais escolaridade. Há marcas que indicam que o telespectador deve ter um conhecimento prévio sobre alguns assuntos abordados, para que possa compreender a informação repassada. Observe-se o recorte abaixo, retirado do texto do programa sobre o Aqüífero Guarani:

Ouro, esmeralda, pedras e metais ditaram o rumo da nossa história. No século XXI, guardamos sob nossos pés, um tesouro ainda maior. Água. O mais precioso bem da humanidade encontrou nos subterrâneos do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai o seu maior reservatório. (REDE GLOBO, 2005 – grifo meu) (Anexo A)

As primeiras sentenças deste episódio indicam que o público deve conhecer os interesses que moveram a história das Américas, no início do processo civilizatório. Para se compreender que a água é hoje um bem precioso, é preciso ter a noção de que outras “preciosidades” já ditaram o rumo da história americana, como o ouro, por exemplo. Na época do Mercantilismo, a água não teria a mesma relevância que o ouro e outros metais. Mas, devido à escassez de recursos naturais no planeta, a água passou a ser considerada um bem tão valioso quanto as pedras e metais. Para realizar essa reflexão, o telespectador deve ter um conhecimento histórico para compreender porque o ouro foi importante para a economia do mundo, em dado período, e os motivos que levaram a água a se tornar, hoje, uma preciosidade.

Em outros trechos do programa, o texto pressupõe que o público já tenha conhecimentos gerais. Em um recorte do programa sobre o Aqüífero Guarani, o público deve ter conhecimento, mesmo que intuitivo, da dimensão do tempo, quando há registro da passagem de um período dilatado. Observe-se o recorte de texto abaixo:

Num período entre 200 e 132 milhões de anos, o deserto com área equivalente ao território da Inglaterra, França e Espanha juntos, sofreu uma grande transformação. O mar de areia virou um dos

maiores reservatórios de água doce do mundo, o Aquífero Guaraní. (REDE GLOBO, 2005, grifo meu) (Anexo A)

Sabe-se que nos países que adotam o calendário cristão, a contagem de tempo é feita antes e posteriormente ao nascimento de Cristo. Para se compreender tal informação, o telespectador já deve ter assimilado esta dimensão de tempo.

Ainda ilustrando este tipo de público, mesmo quando há comparações no texto, nem sempre elas são de domínio geral da população brasileira. Observe-se os dois recortes de texto abaixo:

- 1) O Chaco guarda surpresas até mesmo para os cientistas. Na região, eles registraram a presença de um animal que todos já imaginavam extinto. Um **fóssil** vivo, que parece ameaçador. (Anexo B)
- 2) Nos piores trechos, os buracos e o mato alto limitam a velocidade a 15 quilômetros por hora. Lento demais para atravessar uma região que tem o tamanho do **estado de São Paulo**. (Anexo B) (REDE GLOBO, 2005, grifo meu)

No texto sobre o Chaco paraguaio a palavra “fóssil” foi utilizada para dizer que um animal é muito antigo. Tal palavra, no entanto, não é recorrente do vocabulário do brasileiro. É necessário o conhecimento prévio para entender que fóssil é um vestígio de animal de um tempo remoto que fora preservado até hoje.

No segundo recorte de texto, a comparação é utilizada para dimensionar o tamanho do Pantanal paraguaio. O repórter afirmou que a região “tem o tamanho do estado de São Paulo”, cujas proporções superam as de alguns países europeus, por exemplo.

Em outros momentos do texto sobre o Pantanal Paraguaio, é possível notar a presença do discurso da Ciência. De fato, os discursos da Ciência – como o uso de “células-tronco” em pesquisas; a reprodução *in vitro* - são temas cada vez mais inseridos no dia-a-dia do brasileiro. No entanto, é de se considerar que o detalhamento de informações sobre a genética, por exemplo, ainda não é comumente encontrado nos discursos da grande maioria dos brasileiros. Observe-se o exemplo abaixo, em que são tratados assuntos da genética:

Pêlos do bicho são arrancados para **um teste de DNA**. Um cuidado para evitar que os taguás cruzem com parentes e enfraqueçam a **genética da espécie**. (REDE GLOBO, 2005, grifo meu) (Anexo B)

O termo “teste de DNA” já é mais comum, embora ainda requeira informações mais detalhadas para se entender que ele pode revelar as características genéticas de um ser vivo e a relevância de testes como este para as novas descobertas da Ciência. O texto também pressupõe que o telespectador saiba que animais que cruzam com parentes podem tornar a genética mais frágil, o que implica deformações e predisposição para doenças.

Os exemplos apresentados acima demonstram que os textos do programa tentam abranger a maior quantidade de telespectadores possível. Nos momentos em que há o interesse de atingir as classes mais baixas, são utilizados exemplos que se aproximam da realidade dos brasileiros, na organização das informações. Outras passagens do texto, contudo, revelam a intenção de dialogar com um público mais escolarizado, em que se observa uma seleção de informações que não são de conhecimento geral da população. As análises mostram que os textos do programa são elaborados de modo a atingir um público variado. Existe uma forma padrão de se criar o texto, mas é possível perceber que em alguns momentos o repórter faz opções mais direcionadas a um tipo de público do que a outro, sem que o programa perca suas características de organização geral e estilo e nem o seu caráter pedagógico.

3.3 O GERENCIAMENTO DE VOZES NO GLOBO REPÓRTER

Outra característica dos textos do programa é a predominância de um discurso heterogêneo. Há inúmeras vozes que cruzam o discurso do repórter, que muitas vezes não aparecem, porque estão diluídas no texto. São vozes como as dos cientistas, das donas de casa, dos geólogos, por exemplo, que são assumidas pelo repórter como suas para sustentar o que

está sendo afirmado. Mas, de que maneira é possível identificar essas vozes nos textos do Globo Repórter?

Os estudos sobre a heterogeneidade discursiva podem ajudar a observar o gerenciamento de vozes feito pelos repórteres do programa.

Authier-Revuz (1990) afirma que todo discurso é heterogêneo. Seus estudos sobre a heterogeneidade enunciativa são baseados na problemática do dialogismo bakhtiniano e na relação do sujeito e a língua, proposta por Freud e discutida por Lacan. Os fundamentos de Authier-Revuz foram apresentados no capítulo anterior, mas é interessante apenas retomar o conceito de heterogeneidade. Para a autora, todo discurso é heterogêneo porque o sujeito é também marcado pela heterogeneidade. O sujeito apenas tem a ilusão de ser o centro, mas, na verdade, a exterioridade do mundo atua no seu interior e influencia os seus discursos. Assim, nenhum discurso é único e homogêneo, pois há os discursos do Outro que influenciam e interferem no discurso do sujeito. Authier-Revuz assume essa visão da Psicanálise para estudar a heterogeneidade enunciativa.

Também já foram apresentadas, no capítulo anterior, as formas de heterogeneidade defendidas pela autora, que passam a ser lembradas neste item. A autora afirma que, em alguns casos, a voz do Outro é marcada em superfície, sendo denominada de heterogeneidade mostrada. A heterogeneidade constitutiva, no entanto, está presente em todos os discursos, já que se pressupõe a presença constante do Outro na constituição dos discursos. Levando-se em conta que a heterogeneidade constitutiva não está marcada em superfície, o que interessa a esse trabalho são as formas de heterogeneidade marcada, já que essas podem ser mais facilmente identificadas.

Authier-Revuz reconhece dois tipos de heterogeneidade marcada: mostrada e não mostrada. As formas mostradas são aquelas em que o locutor usa de suas próprias palavras para traduzir o discurso do Outro (discurso relatado), ou recorta a palavra do Outro e as cita (discurso direto) ou ainda incorpora o discurso do Outro em seu fio discursivo através de aspas ou itálico.

Abaixo, estão separados alguns recortes de texto que revelam a heterogeneidade mostrada marcada nos textos do programa:

1) Maria Inês percorre a casa que construiu com esforço na ilusão de estar deixando um patrimônio para os filhos. **Ainda se lembra** da noite em que toda a família foi acordada com um barulho estrondoso. (Anexo A)

2) O geólogo Eduardo Mundi, **explica** que lá embaixo encontraríamos pedras semelhantes a esta. (Anexo A)
(REDE GLOBO, 2005, grifo meu)

No primeiro exemplo, a heterogeneidade mostrada pode ser identificada através das seguintes palavras: “ainda se lembra”. Trata-se do discurso do Outro – no caso o da Maria Inês – que foi introduzido ao texto pelas palavras do repórter, que usou o discurso relatado para apresentar ao telespectador o discurso que ouviu da entrevistada.

No segundo trecho, observa-se que o repórter recortou o que o geólogo disse e traduziu nas suas próprias palavras. Ao dizer que “lá embaixo, encontraríamos pedras semelhantes a esta” o repórter está utilizando um discurso do Outro, no caso o do geólogo, para transmitir um conhecimento. Tem-se, então, um caso de heterogeneidade mostrada marcada que é revelada pelo discurso relatado (ou discurso indireto). Como se verá mais adiante, os verbos de “dizer” são bons exemplos da presença da voz do Outro no discurso do repórter, já que a escolha desses verbos é uma forma de explicitar o ato de fala que o repórter atribui aos entrevistados. Nos casos acima, a fala de Maria Inês é apresentada como uma narrativa de uma experiência pessoal gravada na memória (“ainda se lembra”) e a do geólogo como uma explicação técnica feita por um especialista (“explica”). Tanto no primeiro como no segundo recortes de texto, tem-se exemplos de heterogeneidade marcada em superfície.

Casos de heterogeneidade mostrada não marcada também podem ser identificados nos textos do Globo Repórter. Note-se o trecho destacado abaixo:

E **não** é que funciona? O galho se move em direção à terra. Mesmo quando eu tento evitar. (Anexo A) (REDE GLOBO, 2005, grifo meu)

O cruzamento de vozes na citação acima pode ser percebido através da presença da negação na primeira frase. Quando a repórter diz “e não é que funciona” estão implícitas as vozes que acreditariam que o galho não poderia se mover em direção à terra. A repórter questiona se o galho deveria funcionar, tomando como base os discursos “já-ditos” da desconfiança sobre tal crença popular. A voz do Outro não está explicitamente marcada em superfície, mas está presente no espaço do implícito. Tem-se, portanto, um caso de heterogeneidade mostrada não marcada.

A investigação do cruzamento de vozes nos textos do Globo Repórter será realizada focando-se em dois tipos de análises: primeiramente, serão identificados os casos de heterogeneidade através dos verbos de dizer, presentes no discurso indireto. Serão apresentados num item posterior, o cruzamento de vozes pela presença dos discursos diretos. Este item representará um “parêntese” na discussão em torno da heterogeneidade enunciativa, já que não tem a intenção de revelar o cruzamento de vozes pelos verbos de dizer, mas sim demonstrar que a heterogeneidade está presente principalmente na forma do discurso direto do entrevistado. Posterior a essa reflexão, será feita a investigação da heterogeneidade pelo do uso do conectivo “mas”, nos textos do programa.

3.3.1 O CRUZAMENTO DE VOZES REVELADO ATRAVÉS DOS VERBOS DE DIZER

É comum encontrar nos textos do Globo Repórter exemplos em que o repórter utiliza as palavras do Outro e as assume como se fossem suas para sustentar o que está dizendo.

No entanto, não é difícil encontrar também recortes de textos que revelam a voz do Outro de modo mais explícito. Os verbos de dizer são bons exemplos desta prática, já que indicam que o sujeito está usando as suas palavras para mencionar as palavras do Outro. Por isso, em geral, os verbos de dizer são utilizados em discursos indiretos, caracterizando-se, então, formas de heterogeneidade marcadas mostradas.

Exemplos do cruzamento de vozes, através do uso dos verbos de dizer, podem ser observados, abaixo, em alguns recortes dos dois programas analisados:

- 1) O veterinário Juan Campos, trabalha com a reprodução da espécie em cativeiro. Ele prepara um anestésico **e explica** que sem ele não há como capturar o taguá. (Anexo B)
 - 2) O professor de ciências naturais Wilfred Giesbrecht **diz que** a própria natureza contribuiu para o aparecimento do sal. (Anexo B)
 - 3) O guia turístico Carlos Agüero **conta** que viajantes pedem para dormir no Fortín, mas alguns acabam indo embora no meio da noite. (Anexo B)
 - 4) O paraguaio Arnulfo Barrios, de 89 anos, lutou na Guerra do Chaco **e lembra que**, numa das missões, a sede o obrigou a beber a própria urina. (Anexo B)
 - 5) O “quebracho blanco” é bastante procurado por homens e mulheres. O chá extraído do caule alivia dores de garganta e de estômago. **E dizem** que é também um anticoncepcional natural. (Anexo B)
- (REDE GLOBO, 2005, grifo meu)

No primeiro caso, a expressão “explica que” denuncia a presença da voz do Outro no texto. Observe-se que a voz do veterinário está presente no discurso do repórter, mas não é o veterinário quem fala. O discurso indireto indica que o repórter utilizou suas palavras para explicar o discurso do veterinário. Há, portanto, uma voz por trás do discurso do repórter que revela a heterogeneidade no texto.

No segundo recorte, a presença do verbo “diz” indica que alguém, que não o repórter, está dizendo algo. O repórter afirma que quem diz que a própria natureza contribuiu para o aparecimento do sal é Wilfred Giesbrecht. A voz do veterinário, portanto, cruza o discurso do repórter, evidenciando a heterogeneidade discursiva.

O cruzamento de vozes pode ser percebido no terceiro trecho, através do verbo “conta”. O repórter enfatiza que o guia turístico Carlos Agüero “conta que”, ou seja, quem conta algo é Carlos Agüero e não o repórter. No entanto, em vez de permitir que o próprio Agüero falasse, o repórter “comentou” o discurso do guia turístico. Há, notadamente, um discurso que cruza o fio discursivo do repórter.

Observe-se que no quarto trecho, o texto do repórter faz menção à lembranças de um paraguaio que lutou na Guerra do Chaco.

Portanto, as memórias não são suas, mas do entrevistado. A expressão “lembra que” deixa claro que o repórter está comentando o discurso de uma outra pessoa. Configura-se uma voz que cruza o discurso do repórter, revelando a heterogeneidade discursiva.

É interessante observar que no último trecho citado, apesar do verbo de dizer, a heterogeneidade existe, mas não é tão facilmente identificada como nos exemplos anteriores. Nota-se que o repórter relata as propriedades medicinais de uma planta chamada *quebracho blanco*, mas em nenhum momento ele faz referência sobre quem comenta as propriedades da planta. O jornalista fala, por exemplo, que a planta é procurada por homens e mulheres e que alguém “diz” que ela é um anticoncepcional natural. Não se está investigando quem está por trás do discurso do repórter, já que podem ser os moradores daquela região, biólogos e até os índios. O fato é que existe uma voz que diz que a planta serve como anticoncepcional, embora esta voz não seja a do repórter.

Os exemplos investigados acima, com o emprego dos “verbos de dizer” revelam que há outras vozes nos textos do programa, além de a do repórter, já que o próprio jornalista faz essa indicação no texto. O uso dos verbos de dizer enfatiza a presença de vozes que cruzam os textos do programa, confirmando, portanto, a heterogeneidade discursiva dos textos do Globo Repórter.

3.3.2 AS VOZES REVELADAS PELO DISCURSO DIRETO

Até o momento, foi possível observar o cruzamento de vozes no discurso do Globo Repórter através do discurso indireto, ou seja, o repórter cita um discurso que não é seu, mas utiliza de suas palavras para mencioná-lo. No entanto, a forma indireta é apenas uma maneira de observar a presença do Outro no fio discursivo do repórter, já que não é difícil encontrar o próprio entrevistado como dono de sua palavra. Eis, portanto, o discurso direto, em que o repórter para de falar para passar a palavra ao Outro. A heterogeneidade, portanto, é notada de forma explícita, já que é possível

perceber diferentes vozes dentro de um mesmo discurso, em geral, a voz do repórter e a do entrevistado.

Em alguns trechos é possível perceber que a fala do entrevistado é utilizada para comentar um assunto que foi introduzido inicialmente pelo repórter. Para separar a fala do repórter e a do entrevistado, o discurso deste último será apresentado entre aspas. Observe-se, abaixo, um recorte do programa sobre o Aquífero Guarani:

A água é mineral, mas por exigência do Ministério da Saúde, leva cloro e flúor. É classificada como um tipo de água mineral alcalino-terrosa, de altíssima qualidade.

“A população tem o privilégio de estar tomando uma água mineral, que tem ainda como complemento a aplicação do cloro e do flúor, previne a cárie dentária”. Paulo Fregadoli, engenheiro químico da Sanepar. (Anexo A) (REDE GLOBO, 2005)

Nota-se que ao fazer um breve comentário sobre a água, a repórter Dulcinéia Novaes está antecipando aquilo que o entrevistado vai comentar com mais propriedade. A jornalista explica algumas especificações da água, que é mineral e que contém flúor e cloro. No entanto, deixa para o entrevistado explicar os motivos que levam a água a ter boa qualidade. Ele comenta: “a aplicação de cloro e do flúor, previne a cárie dentária”. A repórter poderia ter acrescentado essa informação ao texto e ter feito, ela mesma, tal comentário, mas permitiu que o entrevistado complementasse a informação.

Em outros recortes, a fala do entrevistado demonstra-se relevante para dar força ao texto e ajudar a sustentar teses. Nos trechos em que o repórter tenta passar uma mensagem educativa, a exemplo dos discursos de preservação da natureza, a voz do entrevistado é fundamental para dar o “tom” de autoridade do assunto. O recorte abaixo é um exemplo da relevância da voz do Outro para os textos do programa:

A bióloga e os pesquisadores José Roberto Borghetti e Ernani da Rosa filho são os autores do mais completo estudo já feito sobre o aquífero, **que concluiu**: o Guarani é instrumento precioso para o crescimento do Brasil.

“O mais importante, desta riqueza, é saber quais os critérios vão ser utilizados para que possamos utilizar o aquífero de forma racional, visando tanto a questão do desenvolvimento que o país precisa

como a preservação ambiental, para que as futuras gerações possam constantemente usufruir deste benefício”. **José Roberto Borghetti, pesquisador.** (Anexo B) (REDE GLOBO, 2005, grifo meu)

Nota-se que a repórter fez um resumo sobre a conclusão do trabalho dos pesquisadores, enfatizando que o Aquífero é um “instrumento precioso para o crescimento do Brasil”. Mas deixou que o entrevistado fizesse uma reflexão em torno da preservação do aquífero para futuras gerações.

Exemplos como este, em que o repórter faz um breve comentário para introduzir a voz do entrevistado no seu fio discursivo, são recorrentes também nos textos do programa sobre o Chaco Paraguai. No recorte abaixo, o repórter antecipa o assunto que será abordado pelo entrevistado, mas sem revelar completamente o seu discurso:

A falta de circulação da água teria feito o sal aflorar. O professor de ciências naturais Wilfred Giesbrecht diz que a própria natureza contribuiu para o aparecimento do sal.

“A grande superfície de água entrou em contato com as camadas de sal do subsolo e das bordas das lagoas. Aí, o sal brotou e salinizou as lagoas”. **Wilfred Giesbrecht, professor.** (Anexo B) (REDE GLOBO, 2005)

Observe-se que o repórter realiza um comentário antecipando o discurso do entrevistado. O jornalista afirma que: “Wilfred Giesbrecht diz que a própria natureza contribuiu para o aparecimento do sal”, ou seja, o jornalista deixa claro que esse não é um discurso seu, mas sim do entrevistado. Na seqüência, permite que o próprio entrevistado tome a voz para concluir o pensamento a respeito do aparecimento no sal. O entrevistado, por sua vez, realiza um comentário que traz mais informações sobre tal discussão, de modo a complementar a informação transmitida primeiramente pelo repórter.

Assim, os exemplos revelam como o discurso do entrevistado colabora para sustentar a fala do entrevistado, acrescentando detalhes à informação repassada pelo repórter.

Em outros momentos, é possível notar que a fala do entrevistado é utilizada para empregar ritmo ao texto, de modo que a informação repassada não se torne tão cansativa. Observe-se um recorte

sobre o Aquífero Guarani em que a fala do entrevistado é valorizada para dar “graciosidade” ao texto:

E o aquífero se estende até o interior do Paraná, distribuindo água e saúde. O ano todo. Piscinas de água quente. Banhos de lama. Jatos frios. São as águas que curam. Elas têm sulfato de cálcio, de magnésio, bicarbonato de sódio e potássio. Minerais poderosos contra reumatismo e dores musculares. Dona Mafalda não perde uma estação.

“Às vezes a gente vem com uma dorzinha, a dorzinha fica aqui, a gente vai embora sem ela. Eu me sinto até mais jovem depois que eu comecei a freqüentar aqui”. **Mafalda Dalprá, aposentada.** (Anexo A) (REDE GLOBO, 2005)

O recorte acima traz informações a respeito dos efeitos medicinais das águas do aquífero, as quais possuem diversos minerais que ajudam a curar doenças. A informação repassada já estava clara para o telespectador. No entanto, a jornalista optou por acrescentar o comentário da aposentada de modo a criar o efeito de “brincadeira”, permitindo trazer mais leveza ao texto. Atente-se ao comentário da aposentada: “a dorzinha fica aqui, a gente vai embora sem ela”. Ou seja, disse de maneira simples e num linguajar próximo a do brasileiro de que as águas do aquífero curam. Assim, o entrevistado não só ajuda a sustentar o que a repórter diz, como também auxilia a imprimir ritmo ao texto.

Esta breve apresentação dos discursos diretos, presentes nos textos do programa, também indica a heterogeneidade revelada no Globo Repórter.

3.3.3 AS VOZES REVELADAS PELO CONECTIVO “MAS”

Em diversos trechos dos textos do Globo Repórter, a heterogeneidade mostrada pode ser percebida pela presença do conectivo “mas”. O conectivo denuncia a presença de um discurso polifônico, uma vez que o “mas” estabelece uma relação entre discursos para se chegar a uma conclusão.

No *Dicionário de análise do discurso* o conceito de polifonia é apresentado da seguinte maneira:

[...] termo emprestado da música, que alude ao fato de que os textos veiculam, na maior parte dos casos, muitos pontos de vista diferentes: o autor pode fazer falar várias vozes ao longo do texto. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p.384)

A polifonia nos textos do Globo Repórter pode ser observada pela presença do conectivo “mas”, que estabelece a ligação de dois argumentos contrários. Como afirma Guimarães (2001), um argumento vai apontar para uma direção X e outro para uma direção Y. O autor afirma que nos encadeamentos argumentativos em que há um caso de “X, *mas* Y”, a conclusão se faz com o Y, já que a orientação argumentativa progride na direção de Y. Os estudos de Guimarães sobre os encadeamentos argumentativos indicam que no caso do conetivo “mas”, um dos argumentos vai ter mais força que o outro para se chegar a uma conclusão. Isso reforça a tese de que os argumentos contrários indicam vozes distintas em um só texto.

Será interessante observar como esses argumentos indicam pontos de vistas diferentes nos textos do programa e de que maneira revelam o cruzamento de vozes. Abaixo, observem-se alguns recortes em que há a presença do conectivo “mas”:

- 1) A água é mineral, **mas** por exigência do ministério da saúde, leva cloro e flúor. (Anexo A)
- 2) Um dos poços perfurados pela empresa de saneamento do Paraná na zona rural de Londrina, ainda está em fase de teste. **Mas** já mostra a que veio. (Anexo A)
- 3) A jibóia não é venenosa, **mas** logo mostra a arma que usa para matar aves e roedores: a força. (Anexo B)
- 4) O mar de areia virou um dos maiores reservatórios de água doce do mundo, o Aquífero Guaraní. **Mas** não pense que existe um imenso lago debaixo da terra. (Anexo A) (REDE GLOBO, 2005, grifo meu).

Observe-se no primeiro trecho, a existência de uma voz que diz que a água é mineral, ou seja, subentende-se que ela é limpa e que contém minerais. No entanto, uma outra voz afirma que leva cloro e flúor. Com o uso do “mas”, o segundo argumento indica uma voz que questiona a qualidade da água. Supõe-se que essa voz seja a do Ministério da Saúde, já que o repórter afirma que é o ministério que exigiu a aplicação de cloro e flúor na água. Como

se percebe, o argumento que está no segundo segmento tem mais força, e a conclusão é a de prevalecer o segundo argumento sobre o primeiro. Ou seja, prevalece a idéia de que mesmo sendo mineral, a água precisa levar cloro e flúor. Há, portanto, duas vozes ou mais vozes distintas neste discurso mesmo no caso de um único autor “real”. Revelando, assim, a heterogeneidade discursiva.

No segundo exemplo, o cruzamento de vozes está evidenciado nos pontos de vistas contrários. Uma voz diz que o poço perfurado pela Sanepar, a Companhia de Saneamento do Paraná, está em fase de testes, ou seja, ainda não está apto a operar com toda a sua capacidade. Na segunda sentença, porém, há uma voz que contesta a primeira ao afirmar que o poço se qualifica por suas potencialidades. O argumento da segunda sentença vai imprimir o direcionamento argumentativo ao texto, que é o entendimento de que o poço, mesmo em teste, já poderia operar, de certa forma desautorizando a versão preliminar, que é tida como institucional. Há, portanto, um cruzamento de vozes explícito, que comprova a polifonia do discurso e a conseqüente heterogeneidade do texto do programa.

No terceiro exemplo, tem-se, primeiramente, a afirmativa de que a jibóia não é venenosa. Embora se possa inferir que ela não seja perigosa – há aqui uma conclusão implícita nesse sentido –, o uso do conectivo impõe a orientação argumentativa do segundo segmento, dado o vigor expressivo que o conectivo imprime ao enunciado: é a “força” e não o veneno que se deve temer. A voz do repórter, no primeiro segmento, está em sintonia com o senso comum dos moradores daquela região (“a jibóia não é venenosa”), enquanto no segundo segmento veicula outra voz que nega essa crença, voz esta talvez fruto da experiência de algumas pessoas.

No quarto e último trecho, as duas afirmações explícitas são de responsabilidade do mesmo enunciador, o repórter. Ao mesmo tempo em que afirma que “O mar de areia virou um dos maiores reservatórios...”, supondo que o telespectador conceba a imagem de um grande lago subterrâneo, passa a negar essa conclusão ao utilizar o conectivo. Assim, a mesma voz autoriza, em princípio, uma concepção sobre o que é informado, e a desautoriza em seguida, com o uso do “mas”, dando primazia à orientação argumentativa da

segunda conclusão. Novamente se constata a heterogeneidade discursiva, mesmo quando o enunciador não veicula uma voz distinta da sua.

Em suma, com base nas concepções de Authier-Revuz (1990) sobre a heterogeneidade mostrada, foi possível perceber a presença de outros discursos que cruzam o texto do programa. As análises revelaram que além das vozes dos entrevistados, outras vozes também permeiam o fio discursivo do repórter, como os discursos recorrentes da cultura popular, por exemplo, ou mesmo o discurso tido como oficial ou institucional. Assim, pode-se concluir que os entrevistados contribuem para sustentar a fala do repórter, já que suas vozes estão diluídas no texto. Conclui-se também que o discurso heterogêneo é uma das características do texto do programa, sendo que boa parte das sentenças do discurso revela a heterogeneidade discursiva.

CONCLUSÃO

Num país como o Brasil em que a televisão tem uma força expressiva entre a população, a linguagem jornalística tornou-se uma fonte de informação e conhecimento pelos brasileiros. Com a adesão cada vez maior à televisão nas últimas décadas, o telejornalismo ganhou espaço significativo na mídia nacional, rompendo as fronteiras regionais e as diferenças culturais, para transmitir “os acontecimentos” ao público. Para obter esse intento, as principais emissoras de televisão brasileiras estabeleceram uma forma padrão de “contar” a notícia, fazendo uso de alguns recursos lingüísticos que pudessem criar os efeitos de naturalidade e clareza nos textos jornalísticos.

A observação sobre as características estilísticas da linguagem dos telejornais, em especial as do Globo Repórter, revelou que as opções lingüísticas realizadas pelos jornalistas contribuem para a rápida assimilação das notícias transmitidas aos telespectadores. A atividade jornalística – desde o processo de elaboração da reportagem até a construção textual – está voltada a atender às necessidades da população. Observa-se, por exemplo, que a escolha dos temas abordados nos telejornais, a forma como a notícia é disposta ao público e a maneira de se criar os textos, são tentativas de “agradar” o público. O verbo “agradar” não é empregado aqui no sentido de “realizar as necessidades da população”, mas de buscar compreender os assuntos que interessam ao povo brasileiro e de transmiti-los através de uma linguagem que possa ser assimilada por diferentes tipos de público.

As reflexões de Bakhtin (1997) a respeito dos gêneros do discurso destacadas nesta pesquisa, apontaram que a linguagem deve ser analisada através de uma perspectiva dialógica. Para Bakhtin os discursos estão sempre relacionados aos discursos que os antecederam e os sucederam, de modo que se preveja a resposta do Outro. Este trabalho mostrou que é por essa perspectiva que a linguagem jornalística também deve ser analisada, já que os discursos jornalísticos também esperam estabelecer um “diálogo” com o telespectador. A expectativa em dialogar com o público ajuda a imprimir um estilo próprio ao gênero reportagem de televisão.

A investigação sobre o estilo do gênero reportagem de televisão foi uma das questões centrais desta pesquisa, revelando peculiaridades do gênero em questão. Observou-se, por exemplo, que no processo de elaboração textual os repórteres devem levar em conta os critérios e normas estabelecidos pelos principais manuais de telejornalismo do país, com o intuito de se criar uma forma padrão de escrita, que seja transmitida de forma clara e objetiva para público. Detectou-se que os jornalistas devem seguir um estilo textual que vai direcionar a sua própria forma de escrita. As concepções de Bakhtin a respeito do estilo do gênero, ajudaram a concluir que o estilo do gênero reportagem de televisão se sobressai ao estilo individual dos autores.

No caso do Globo Repórter, as análises evidenciaram que o jornalista adota o discurso do programa como o seu, mas o que prevalece é o estilo do programa, que vai determinar sua maneira de elaborar os textos. O repórter apenas assume a posição de autor do discurso do Globo Repórter, cuja autoria deve ser atribuída a um grupo de jornalistas.

A postura adotada pelos jornalistas do programa revela o *ethos* do Globo Repórter, que é a imagem desse grupo de repórteres e também do apresentador que adotam uma maneira de passar as informações. Além dos critérios jornalísticos apontados pelos manuais das principais emissoras do país – como a busca por elaborar textos objetivos, mobilizando recursos que criem efeitos de clareza e simplicidade – foram detectadas outras marcas textuais que revelaram o perfil pedagógico do programa. Tais como o uso de frases curtas, a fim de facilitar o entendimento da população para aquilo que está sendo transmitido; o uso de paráfrases que auxiliam na simplificação de conceitos para o público e a utilização de comparações, a fim de aproximar o assunto abordado no programa com a realidade do brasileiro. Essas marcas indicam a tentativa em transmitir informações de uma forma didática a um público heterogêneo.

As análises revelaram também a busca por persuadir o telespectador para determinadas causas, como a preservação do meio ambiente e a manutenção da saúde do brasileiro. As marcas textuais que indicam essa característica são reveladas através da postura educativa do repórter, que, em algumas situações, pretende alertar o público para aquilo que

ele considera relevante para o telespectador. O uso racional da água doce, destacado no programa sobre o Aquífero Guarani, é um exemplo do perfil pedagógico do programa.

A investigação sobre a linguagem adotada no Globo Repórter mostrou também que, geralmente, não são abordados assuntos polêmicos no programa, de modo que o telespectador não tenha que tomar partido sobre uma tese ou outra. Diferente do que parece acontecer com os telejornais diários, em que há a exploração maciça de assuntos como a violência e os embates políticos, o Globo Repórter apresenta temas neutros que possam ser compartilhados com essa ampla faixa de telespectadores.

Ainda a respeito do estilo de linguagem do programa Globo Repórter, essa pesquisa demonstrou que os repórteres assumem algumas posições para sustentarem a informação transmitida. Conforme apresentado no terceiro capítulo, há vozes que cruzam o discurso do jornalista e que, muitas vezes, o repórter cita esses discursos como sendo seu para sustentar o que está falando. A heterogeneidade dos textos do programa, discutida com base nos trabalhos de Authier-Revuz (1990), foi revelada levando-se em conta três características pontuais: os discursos indiretos, introduzidos pelos verbos de dizer; a forma direta de discurso, quando o próprio entrevistado fala na reportagem; o uso do conectivo “mas”, que indica a polifonia do discurso.

A investigação da linguagem através de um estudo interdisciplinar, pode contribuir para trazer subsídios a outras pesquisas que investiguem os discursos da mídia, tanto na área da Lingüística como a Comunicação Social.

Para os estudiosos do jornalismo televisivo, um trabalho como este pode ajudar a investigar a eficácia da linguagem utilizada nos telejornais, ajudando, inclusive, a identificar as dificuldades de assimilação dessa linguagem pela população brasileira. Apesar de a linguagem jornalística ser freqüentemente tema de pesquisas na área da Comunicação, sabe-se que há muitas lacunas teóricas ainda a serem preenchidas, pois são poucos os estudos da Comunicação que se ocupam e identificar as características estilísticas dos textos jornalísticos.

Acredita-se que este trabalho também possa contribuir com novas pesquisas da área da Lingüística, principalmente àquelas voltadas aos

estudos da Análise do Discurso. Sabe-se que esta corrente objetiva investigar a linguagem em determinadas situações de produção do discurso. Seria interessante observar de que maneira as condições de produção interferem na elaboração da linguagem jornalística. Assim, a análise das características estilísticas do Globo Repórter pode ser considerada um campo fértil para a realização de outros estudos sobre os discursos da mídia, já que apontaram o processo de construção textual dentro de determinadas condições de produção desta linguagem. Além disso, há muitas outras características estilísticas a serem identificadas nos textos do Globo Repórter, mas que não foram aqui apontadas a fim de não tornar a pesquisa tão extensa. A heterogeneidade enunciativa, por exemplo, poderia ser investigada através da identificação das vozes de “especialistas”, como os professores, geólogos, pesquisadores. Essas vozes podem ser encontradas tanto na forma do discurso direto como indireto, o que comprova a heterogeneidade discursiva.

Acredita-se também que este trabalho possa contribuir com os estudos sobre gêneros do discurso, uma vez que os gêneros noticiosos (revistas, jornais etc) são largamente utilizados como objeto de estudo em aulas como as de redação, por exemplo.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidades(s) enunciativa(s). In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, 19. Campinas: IEL/UNICAMP. 1990, p. 25-42.

_____. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2004.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1979.

BUCCI, Eugênio; KHEL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.

CAVANCANTI, Juaranice Rodrigues. **No “mundo dos jornalistas”: interdiscursividade, identidade, ethos e gêneros**. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Iara Bemquerer. A intertextualidade em artigos de opinião da mídia impressa. 4º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS. 2007. Santa Catarina. p. 1069 a 1079.

DUBOIS, Jean. e outros. **Dicionário de lingüística**. 9. ed. São Paulo, Cultrix, 2004.

FIORIN, José Luiz [org.] **Introdução à lingüística II: princípios de análise**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **O pathos do enunciatário**. Alfa. São Paulo, 48 (2), p. 69-78. 2004

GUIMARÃES, Eduardo. **Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. 3 ed. Campinas, SP. Pontes, 2005.

KOVACH, Bill; ROSENSTIL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

Manual de Jornalismo da Rede Globo, Rio de Janeiro, 1997.

Manual de Jornalismo Rede Record. São Paulo, 2005.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MELO, Sandra Helena Dias de. **Identidade, ética e linguagem**: uma análise pragmática das práticas discursivas na imprensa: (ou como fazer um “bom” jornalismo com palavras). 2005. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2005.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina [org]. **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras, v. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelle. **Discurso e texto**: formação e circulação de sentidos. Campinas: Pontes Editores, 2001.

_____. **Introdução às ciências da linguagem – discurso e textualidade**. Campinas, Pontes Editores, 2006.

_____. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2000.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na tv**: manual de telejornalismo. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PIGNATARI, Décio. **Signagem na televisão**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense. 1984.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso, ensaios sobre discurso e sujeito**. Curitiba: Criar Edições, 2002.

_____. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MUERER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-

ROTH, D. (Orgs.) **Gêneros, teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

VAN DIJK, Teun a. **La ciência del texto**. 3. ed. Barcelona: Paidós Comunicación, 1992.

_____ **La noticia como discurso.** 1 ed. Barcelona: Paidós Comunicación, 1996.

XAVIER, Antônio Carlos; CORTEZ, Suzana [org]. **Conversas com lingüistas:** virtudes e controvérsias da lingüística. São Paulo: Editora Parábola, 2003.

ANEXO A – Transcrição dos textos do programa Globo Repórter sobre o Aquífero Guarani.

Transcrição do texto do primeiro bloco do programa.

Fala do apresentador Sérgio Chapelin:

Boa Noite. Você conhece o Aquífero Guarani? Acredite. Debaixo de nossos pés temos águas suficientes para abastecer o país por dois mil e quinhentos anos. O gigante das águas subterrâneas se estende por oito estados brasileiros e atravessa as fronteiras do Uruguai, Argentina e Paraguai e dividem com o Brasil o maior reservatório de água doce do mundo.

A água nasce em rios e lagoas que se alimentam por essa água filtrada pelas rochas, guardada nas profundezas na terra, há milhares de anos.

Nem sempre é potável, mas é pura e capaz de ajudar na cura de algumas doenças.

Diante da escassez e da poluição, o Aquífero Guarani chama a atenção do planeta e faz do Brasil o país mais rico do mundo em água.

Dulcinéia: Durante séculos, o mundo olhou para as riquezas enterradas debaixo dessas matas. Ouro, esmeralda, pedras e metais ditaram o rumo da nossa história. No século XXI, guardamos sob nossos pés, um tesouro ainda maior. Água. O mais precioso bem da humanidade encontrou nos subterrâneos do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai o seu maior reservatório.

Passagem Dulcinéia: Aqui nas três fronteiras o planeta água se mostra mais do que generoso. As águas de superfície, as águas subterrâneas formam um patrimônio de valor incalculável, reservas naturais que os países do Mercosul sabem que têm de cuidar porque delas depende, também, o futuro da humanidade.

Dulcinéia: O Brasil é hoje o país mais rico em água. Só de rios são quase 56 mil quilômetros quadrados. Temos 12% de toda a água doce do planeta. 53% da América do Sul. Mas é subterrânea a reserva mais valiosa: o Aquífero Guaraní. Tem proporções gigantescas: um milhão e duzentos mil quilômetros quadrados. Oito estados brasileiros e outros três países latino-americanos são os guardiões dessa imensa caixa d'água enterrada. Vamos atravessar as estradas de terra do Brasil para mostrar o poder deste aquífero.

E este agricultor descobriu da forma mais primitiva: com um galho de amora.

"Os antigos usavam muito isso daqui para procurar água no campo. Então quando eu vim para tentar localizar onde eu iria furar o poço, eu peguei uma varinha de amora, que o finado do meu pai sempre fazia isso, no campo. Na hora de furar um poço ele furava com uma varinha de amora. Foi aonde eu fiz os dois poços que eu escolhi para furar e escolhi com a varinha. Então ela puxa. Se você pegar a varinha e 'coisar', olha, segurar firme, ela vai descendo. Aqui tem um veio". **Leonese Furunchi, comerciante.**

(interferência da repórter): - Aí embaixo tem água?

(entrevistado): - "Aqui embaixo tem água".

Dulcinéia: E não é que funciona? O galho se move em direção à terra. Mesmo quando eu tento evitar.

(repórter falando como um entrevistado): Quebrei as unhas!! De tanto que eu fiz força. Nunca tinha visto isso.

Dulcinéia: A água que jorra do poço lavou a alma deste homem. E também pudera, ele descobriu uma mina de ouro. Ou melhor, de água. Água mineral. Água que ele encontrou no sítio de Paysandú, nos arredores de Maringá, no norte do Paraná é diferente. Contém Vanádium, um mineral com propriedades medicinais. Ele atua contra o colesterol e influencia no funcionamento do pâncreas e do fígado. Combate a diabetes, favorece o equilíbrio da saúde. No mundo todo só existem outros três poços: um deles na França, outro em Ibirá, interior de São Paulo. E mais um em São Lourenço, Minas Gerais.

"Além da nascente diferenciada, é uma água que tem benefício para o ser humano. É saúde, é rejuvenescimento da vida, então é aquilo que a gente fica imaginando". **Leose Furunchi, comerciante.**

(interferência da repórter) – A humanidade tá precisando de água de saúde, né?

(entrevistado) – "De água de saúde e de paz".

Dulcinéia: Mas como se formou essa gigantesca bacia de água subterrânea? No Paraná, pesquisadores viajam quilômetros em busca de uma resposta.

"A idade da água no interior onde está mais confinada, chega a 30 mil anos de idade. Então essas águas, aí que está o grande ponto de interrogação, é de onde vem essa água. Quando ela chegou lá embaixo? Ela chegou há trinta mil anos atrás, mas de que forma? Então existem hipóteses que estão sendo discutidas e que vão ser comprovadas no decorrer das pesquisas".

Ernani Rosa Filho, professor.

Passagem Dulcinéia: Há mais ou menos 180 milhões de anos, ainda no tempo dos dinossauros, tudo isso aqui era um imenso deserto.

Dulcinéia: Num período entre 200 e 132 milhões de anos, o deserto com área equivalente ao território da Inglaterra, França e Espanha juntos, sofreu uma grande transformação. O mar de areia virou um dos maiores reservatórios de água doce do mundo, o Aquífero Guaraní. Mas não pense que existe um imenso lago debaixo da terra. O geólogo Eduino Mundi, explica que lá embaixo encontraríamos pedra semelhantes a esta. A água ocupa o espaço entre os grãos de areia. O Aquífero é uma rocha porosa, com capacidade de absorver a água. Como o geólogo José Luiz de Mendonça mostrou ao repórter Eri Franc, em São Paulo.

"Aqui na pedreira é possível ver o que era uma antiga duna desse gigantesco deserto que ocorreu aqui." **José Luiz Mendonça, geólogo.**

Texto Dulcinéia: Acompanhados pelo professor Ernani e o geólogo Eduardo, fomos até a terra de onde se extrai as águas do Aquífero Guaraní. Um dos muitos postos perfurados pela empresa de saneamento do Paraná na zona rural de Londrina ainda está em fase de teste. Mas já mostrou a que veio.

Um jorro poderoso avança em direção ao céu. São 800 mil litros de água por hora, expelidos pela pressão natural. Depois a água que vem de mais de 500 metros de profundidade, mantém uma vazão um pouco menor, de 550 mil litros de água por hora. O que se vê é uma chuva de água morna, 36 graus centígrados. Cristalina. Quanto mais profunda, mais quente a água. A cada 30 metros, a temperatura aumenta um grau. O biólogo José Roberto Borgueti, explica que a composição e temperatura das águas do aquífero variam muito.

"Isso que é a grande riqueza do Aquífero Guaraní, a diversidade de utilização das águas, né? Tanto para abastecimento público, quanto para o turismo hidrotermal". **José Roberto Borgueti, biólogo.**

Passagem Dulcinéia - Água em tamanha quantidade, de sobra, não serve apenas para garantir aos moradores o uso nos afazeres domésticos, na higiene pessoal e em outras utilidades. Na hora do lazer, aqui também se mergulha em água pura.

Dulcinéia: A vocação turística do Aquífero às vezes é descoberta por acaso. O casal de agricultores trocou o sítio de arroz de 5 alqueires por uma chácara bem menor, de 1 alqueire. No terreno, o tesouro que brotava da terra. A mina d'água. Água do Guaraní. A prainha era o velho sonho e dela o casal tira o sustento. O financiamento para fazer a terraplanagem foi o grande passo.

“A gente foi investindo, fazendo esses quiosques, né? Comprando pia, pondo pia, colocando água nas barracas aí, tem churrasqueira, né?” **Carlos Benati, comerciante.**

Dulcinéia: É um lugar onde se passa o dia, se divertindo e se banhando.

“A gente graças a Deus dá pra ir tocando a vida, né? Trabalhosa, mas dá para ir tocando.” **Carlos Benati, comerciante.**

“Trabalhosa, mas é divertida. A gente não vê o serviço“. **Alaíde Benati, comerciante.**

Dulcinéia: E o aquífero se estende até o interior do Paraná, distribuindo água e saúde. O ano todo. Piscinas de água quente. Banhos de lama. Jatos frios. São as águas que curam. Elas têm sulfato de cálcio, de magnésio, bicarbonato de sódio e potássio. Minerais poderosos contra reumatismo e dores musculares. Dona Mafalda não perde uma estação.

“Às vezes a gente vem com uma dorzinha, dorzinha fica aqui, a gente vai embora sem ela. Eu me sinto até mais jovem depois que eu comecei a freqüentar aqui”. **Mafalda Dalprá, aposentada.**

(interferência da repórter): Eu acho que aqui tem a fonte da juventude, não tem não?

(entrevistada): “Eu acho que tem a fonte da juventude”.

Dulcinéia: Mas vamos voltar para a estrada. Nosso destino agora é uma cidade onde a água mineral jorra em todas as torneiras. Água Boa não tem banhos medicinais, mas faz jus ao nome.

Basta dar um passeio pelas ruas da cidade para ver que a água que se bebe aqui garante vida longa aos moradores. E não poupam este tesouro líquido. Até a calçada é lavada com água mineral.

(repórter pergunta ao entrevistado): Todo o serviço de limpeza é lavado com essa água aí?)

(entrevistado): “Com essa água”. **Entrevistado sem nome.**

(repórter pergunta ao entrevistado): Água mineral?

(entrevistado): “Água mineral”

Dulcinéia: A mangueira se estende até o quintal. Enche a piscina da criança. A água mineral é usada para tudo. Desde lavar a louça da cozinha e tomar banho, até para beber. Indicada para o bem da saúde.

"Muitas pessoas não têm esse privilégio, tem que comprar. E aqui a gente tem de graça". **Lidiane Miguel, dona de casa.**

Dulcinéia: A fatura é tanta que a água mineral é usada para lavar o vidro do carro e a varanda das casas. Quando se mudou para Água Boa, essa senhora achou com um sabor diferente.

(repórter pergunta à entrevistada): Por que a senhora estranhou a água?

(entrevistada): “Não sei se é por causa do cloro, porque do sítio não tem cloro. Água de mina, essas coisas, não têm cloro”. **Emília Zandonadi, dona de casa.**

(repórter pergunta à entrevistada): Essa também é de mina?

(entrevistada): “Mas eles ponham cloro. Dizem que põe, porque eu nunca vi”.

Dulcinéia: A água é mineral, mas por exigência do Ministério da Saúde, leva cloro e flúor. É classificada como um tipo de água mineral alcalino-terrosa, de altíssima qualidade.

"A população tem o privilégio de estar tomando uma água mineral, que tem ainda como complemento a aplicação do cloro e do flúor, previne a cárie dentária". **Paulo Fregadoli, engenheiro químico da Sanepar.**

Fala do apresentador Sérgio Chapelin. Encerra primeiro bloco:

Como combinar economia e ecologia? Nossa equipe mostra como economizar água e reduzir a conta no fim do mês.

Transcrição do texto do segundo bloco do programa.

Texto: Morar em uma casa verde e usar a tecnologia como aliada na preservação dos recursos naturais. Foi esse o sonho que o engenheiro Sérgio Cordeiro cultivou durante anos. Quando resolveu se casar com a arquiteta Consuelo Jorge, a idéia saiu do papel. Planejar tudo foi mais trabalhoso do que pôr a casa em pé.

"Passamos quase um ano pensando no projeto e foram dez meses de obra". **Sérgio Cordeiro, engenheiro.**

Texto: Logo na entrada fica a parte mais visível do projeto, que transformou a água na alma da casa. A cascata ajuda a resfriar chapas de aço. Por trás, corre uma tubulação que leva para dentro da sala ar fresco e úmido. É um ar-condicionado ecológico, que reduz a temperatura da casa em até 5 graus Centígrados. E o melhor, tudo é feito com água da chuva.

Este é só um dos mecanismos que permitem o uso mais inteligente da água. Para o casal, o líquido que deixa as roupas mais limpas, que escorre pelos chuveiros e pelas pias de cada banheiro é precioso demais – não pode simplesmente escapar pelo ralo. A água aqui é sempre reaproveitada.

"Toda água vai para um reservatório, é filtrada, tem um tratamento adequado e é bombeada para cima, a gente reutilizada na bacia sanitária".

Consuelo Jorge, arquiteta.

Texto: O cérebro que comanda a operação ecológica fica escondido no quintal, em um emaranhado de canos e caixas d'água. Mas Sérgio não se perde no labirinto.

"A água, após o uso no chuveiro e lavatório, passa por dois filtros que ficam enterrados". **Sérgio Cordeiro, engenheiro.**

Texto: A filtragem é para retirar os resíduos de sabão em pó, xampu e sabonete. Depois, a água é bombeada para uma caixa d'água exclusiva, que abastece todos os vasos sanitários da casa. Mas o reservatório maior é este, fechado com uma tampa branca, armazena água de chuva, para ser usada na irrigação do jardim, na cascata, na lavagem do quintal e de toda a área externa. Com isso, a conta da água caiu em 40%. E Sérgio não precisa fazer força para manter a caixa sempre abastecida.

"Em dias de chuva de verão, aquelas bem fortes, que duram em torno de 40 minutos, são colocados 20 mil litros d'água dentro da caixa. Uma única

chuva enche totalmente a caixa. Essa água dura mais ou menos 25 dias".

Sérgio Cordeiro, engenheiro.

Texto: Olhando de fora, não parece uma solução ao alcance de todo mundo, mas Sérgio garante que há projetos para todo tipo de bolso.

"Pode-se colocar uma caixa d'água próxima a um condutor que vem do telhado. Com um pouco de cloro, a água pode ser utilizada com uma bomba. Recebe isso aqui, coloca um pouco de cloro". **Sérgio Cordeiro, engenheiro.**

Texto: A água da chuva também foi uma preocupação na hora de planejar um condomínio em São Paulo. Uma lei recente obriga a construção de reservatórios para conter a água da chuva. A medida é para evitar enchentes, mas os engenheiros resolveram dar um passo a mais.

"A lei nos obriga a captar uma hora ininterrupta de chuva. Depois, podemos lançar a água nas ruas. Preferimos reaproveitar a água, ou seja, ela é bombeada para uma caixa elevada e, uma vez armazenada, é utilizada em torneiras espalhadas pelas residências". **Alberto du Plassis Filho, engenheiro.**

Texto: E o sistema, para cada morador, não saiu tão caro: menos de 0,5% do valor da casa. As torneiras com água da chuva são marcadas com uma canopla verde. Um alerta para que a água da chuva não seja usada no consumo humano. A economia não é a única satisfação dos moradores, que já aproveitam a novidade.

"Não devemos esperar só das autoridades o planejamento para o uso correto da utilização da água, da luz. Acho que nós também temos que fazer a nossa parte". **Desirreè Sposito de Carvalho, produtora.**

Texto: A Sabesp, companhia de saneamento de São Paulo, já oferece água de reúso para os consumidores. Ela custa um terço do preço da água tratada, que normalmente chega às torneiras, não pode ser bebida nem usada na cozinha ou na higiene pessoal. Quem compra, basicamente, são as prefeituras para lavagem de ruas, praças, para limpar toda a sujeira deixada pelas feiras-livres.

Passagem repórter de São Paulo: É em tanques que a Sabesp transforma esgoto em água de reúso. Por mês, são produzidos 20 milhões de litros. A companhia poderia multiplicar por quatro o fornecimento, mas aí seria

preciso construir uma rede de distribuição só para essa água reaproveitada, o que custaria caro demais.

Por isso, dizem os técnicos, a saída é fazer o reaproveitamento da água diretamente nos locais onde há grande concentração de gente, como aeroportos, escolas, prédios comerciais e empresas.

Texto: Este professor da Universidade de São Paulo (USP), é especialista em reúso de água. Acredita que o brasileiro precisa mudar a relação com esse bem que vai se tornar cada vez mais escasso. É necessário acabar com a cultura da abundância. Muitas empresas já perceberam isso.

"Há dez anos, a indústria não se preocupava com a água. A água era abundante, não tinha custo. Grande parte das indústrias não sabe nem onde usa água. Elas vão ter que começar a setorizar o consumo: ver onde gastam a água e depois tentar economizar". **Ivanildo Hespanhol, professor.**

Texto: Essa indústria de pequeno porte em São Paulo já fez as contas: reutilizar água faz bem para o bolso. É uma fábrica de semicondutores – peças ultra-sensíveis, produzidas a partir do silício.

"O material chega cinza e é preciso água para todo processo químico de transformação. É uma purificação do silício, que começa com uma limpeza, que consome um monte de água". **Eduardo Marzano, gerente de produção.**

Texto: Antes, a água usada na limpeza do silício era simplesmente descartada. A empresa hoje consome dez vezes menos porque reaproveita a água. "A água usada para limpar o silício passa de um tanque maior para outro, onde é feito o tratamento". **Eduardo Marzano, gerente de produção.**

Texto: O tratamento é simples, feito por apenas um funcionário. No fim, uma lama branca é retirada da água que está pronta para voltar à fábrica, em outras fases da produção. Usando bem a água, a empresa economiza cerca de R\$ 8 mil por mês.

"Nós, como empresa pequena, temos sempre a idéia de reduzir custos. E essa foi uma maneira de utilizar a água de uma forma mais inteligente e econômica". **Eduardo Marzano, gerente de produção.**

Texto: Imagine uma cidade que não tem medo de racionamento, onde os poços jorram água limpa e fresca, onde as piscinas e as torneiras têm água mineral. Esta cidade existe. Com 545 mil habitantes, Ribeirão Preto, no interior

de São Paulo, é a maior cidade brasileira abastecida 100% por águas subterrâneas do Aqüífero Guarani.

O Rio Pardo, um dos principais do estado, passa a um quilômetro da cidade, mas nem é tocado. A captação para a rede pública é feita por 97 poços, que, juntos, fornecem 13 milhões de litros de água por hora.

O custo de produção é 50 vezes mais baixo do que se a água fosse retirada do rio. A mistura de cloro é baixíssima, só o que a lei estipula. Mas os responsáveis dizem que nem isso seria necessário.

“Como ela sai da terra, já poderia ser bebida. Da forma como os poços são perfurados atualmente, é perfeitamente possível. A água é de excelente qualidade e pode até ser enquadrada como água mineral”. **Adalton Santini, engenheiro Dearp.**

Texto: Uma riqueza natural, que já produziu delícias que fizeram a cidade famosa no país inteiro. Uma sorte geográfica. Ribeirão Preto está em uma das pontas onde o aquífero chega mais perto da superfície. Nesta planície, ele aflora e a água forma uma lagoa. Uma facilidade que os moradores aproveitam. Em um bairro vizinho, é só cavar para achar água.

“Com 1,5 metro de profundidade já é possível encontrar água”. Francisco Bertagna, chacareiro.

Passagem repórter em Ribeirão Claro: A cidade começa a acordar para a importância de se conservar este privilégio. E o sinal de alerta vem da própria terra. Há 50 anos, para se conseguir água em um dos poços mais antigos de Ribeirão Preto, no centro da cidade, era preciso cavar 35 metros. Hoje, a água não aparece antes dos 75 metros – mais que o dobro de profundidade. Para os especialistas, o recado é claro: o nível do aquífero está baixando.

Texto: O diretor do Departamento de Água e Energia, Celso Antonio Peticarrari, diz que o problema é o excesso de poços perfurados: mais de 400 na cidade inteira – autorizados ou não. “Ainda não tem uma ferramenta legal para evitar isso. Desde que haja um responsável técnico e um projeto detalhado, temos que outorgar a perfuração”. **Celso Antonio Peticarrari, diretor Daee.**

Texto: Outra solução é ajudar a repor o que se tira da natureza. Este engenheiro instalou em casa um sistema que devolve mais rápido a água para o subsolo.

“Algumas áreas da casa permitem a infiltração da água da chuva, a cobertura é permeável. A água do telhado é filtrada e vai para uma cisterna. Dessa forma, aliviamos a pressão sobre o aquífero”. **André Hernandes, engenheiro.**

Texto: Um modelo que André quer ver nas escolas municipais. “Ao ver o sistema hidrológico funcionando, a criança vai se tornar uma pessoa mais cidadã e mais consciente da sua responsabilidade dentro da sociedade”. **André Hernandes, engenheiro.**

Este geólogo que estuda o Aquífero Guarani há 49 anos, diz que, sozinha, a natureza demora quase 30 anos para recompor as camadas do lençol d’água. É preciso evitar a qualquer custo a super exploração do aquífero.

“Ele significa a sobrevivência da população. Somos realmente abençoados em possuir uma reserva tão rica. Por isso, precisamos saber protegê-la”. **Osmar Sinelli, geólogo.**

Fala apresentador Sérgio Chapelin. Encerra segundo bloco:

O lugar onde a terra afundou, casas racharam, paredes desmoronaram e o chão cedeu. O perigo na exploração dos subterrâneos. Veja a seguir:

Textos transcritos do terceiro bloco do programa.

Dulcinéia: A casa da geógrafa Maria Inês parece cenário de um filme de terror. De repente, surgiram rachaduras nas paredes, o chão da entrada se abriu, saltaram as pedras do calçamento, o espelho da sala quebrou.

“A minha filha dançava na época. Um dia, ela estava dançando na frente de um espelho grande e, de repente, o espelho trincou, caiu um pedaço para cada lado e apareceu uma rachadura na parede. Ela ficou super assustada.”

Maria Inês Bini, geógrafa.

Dulcinéia: A família vive um drama desde 1992, justamente quando a companhia de água do Paraná começou a extrair água de um outro aquífero, o de Karst, do subsolo da cidade de Almirante Tamandaré, Região Metropolitana de Curitiba.

“Eles começaram a extrair a água, foi numa quinta-feira, na sexta-feira apareceram várias rachaduras na casa e a calçada tinha furado um pouco nos cantos e apareceram rachaduras. A calçada já foi trocada duas ou três vezes, mas não adianta. Foi feita uma malha de ferro com cimento reforçado e ela afunda, começam a aparecer rachaduras novamente. Dentro da casa é a mesma situação. Tem uma rachadura dá para perceber o afastamento da parede, dá a impressão de que a casa deu uma tombadinha, né? É uma rachadura bem expressiva, que continua do outro lado da parede”. **Maria Inês Bini, geógrafa.**

Dulcinéia: Maria Inês percorre a casa que construiu com esforço na ilusão de estar deixando um patrimônio para os filhos. Ainda se lembra da noite em que toda a família foi acordada com um barulho estrondoso.

“No dia seguinte, fomos até um terreno para dar uma olhada e constatamos que tinha surgido um buraco enorme, uma dolina. É realmente assustador, né, de repente pensar que um buraco desses pode surgir no meio da sua casa, no meio do seu jardim, de repente. Foi uma queda brusca, acompanhada de um barulho assustador.” **Maria Inês Bini, geógrafa.**

Dulcinéia: A família teve que se mudar depois que um estudo de prospecção do solo condenou a casa. O pânico já havia tomado conta dos filhos.

“Cada estalo que a gente ouvia, dava medo de que estivesse abrindo um buraco daqueles que nós vimos ou que estivesse caindo uma laje na nossa cabeça. Uma situação de pavor mesmo”. **Maria Inês Bini, geógrafa.**

Dulcinéia: Um quarteirão inteiro interditado, casas abandonadas, os moradores tendo de mudar de hora para outra. Quem poderia imaginar que a exploração da água subterrânea, que deveria ser um benefício para toda a população, pudesse se transformar em um grande problema?

Os buracos foram surgindo de forma assustadora e provocando destruição. Embaixo de um solo frágil existe uma riqueza que também está ameaçada.

Passagem Dulcinéia: O subsolo de Almirante Tamandaré mais parece um queijo suíço, com grutas de rocha calcária, pouco resistente. Nelas se formam os reservatórios de água. Com o bombeamento dos poços, ocorrem os afundamentos no solo.

Dulcinéia: Este comerciante teve que abandonar a casa depois que um grande buraco se abriu no quintal. Choveu muito na noite anterior e ele, que já estava apavorado com as primeiras rachaduras das paredes, se preparou para registrar, com uma câmera, o momento em que a terra se abriu.

“A água foi borbulhando e começou a ceder. Imagino que tenha ficado um vácuo embaixo e a parte de cima começou desbarrancar. Começou com um diâmetro de cerca de 50 centímetros. Na gravação, dá para ver que o diâmetro aumentou para quatro metros. Toda aquela água do rio, o buraco foi absorvendo”. **Adel Cordeiro Pinto, comerciante.**

Dulcinéia: O pavor que o buraco engolisse a casa, patrimônio deixado pelo pai, se agrava pela consciência do risco de contaminação das águas subterrâneas.

“Neste rio é jogado esgoto. Depois eles fizeram, a regime de galope, foram feitos dutos de rede de esgoto, mas a unidade não está inaugurada”. **Adel Cordeiro Pinto, comerciante.**

Dulcinéia: Antigos vizinhos do comerciante, esse casal teve a casa desapropriada, mas vive na dependência do aluguel que a empresa de saneamento do Paraná prometeu pagar. Em Almirante Tamandaré, outras famílias que tiveram de sair das casas estão na mesma situação. Até hoje não se chegou a um consenso sobre os valores da indenização que essas pessoas têm direito a receber.

“A casa é nova, mas não é nossa”. **Antônio Margoleski, aposentado.**

“Eles mandaram sair imediatamente porque estava perigoso e nós fomos atrás de casa. Agora, eles querem nos dar R\$ 26 mil. Mas o que nós vamos fazer com 26 mil?”. **Glória Margoleski, aposentada.**

“É feito um orçamento das casas e dos terrenos, para que a Sanepar possa indenizar o valor justo daquilo que realmente foi atingido”. **João Horário Pereira, gerente de geologia da Sanepar.**

Dulcinéia: Não é apenas a questão do dinheiro. Foi doloroso sair do cantinho que eles passaram a vida inteira. O joguinho noturno de baralho com os vizinhos, a memória e as histórias deixadas para trás, a horta cultivada, e o jardim cheio de roseiras.

“A gente não pode plantar uma árvore, nada, nem verdura. Tem que comprar tudo. Lá, tínhamos quatro pés de limão, que davam frutos para

fazermos suco o ano inteiro. Aqui não temos nada.” **Antônio Margoleski, aposentado.**

Dulcinéia: Dois anos e meio depois de terem que abandonar a própria casa, dona Glória e seu Antonio ainda tentam lutar para receber o dinheiro do aluguel da casa provisória, enquanto a indenização para a casa própria não vem.

(a repórter pergunta) – Vocês têm pressa?

(entrevitado) “Sim, para a idade que a gente tem, temos pressa”. **Glória Margoleski, aposentada.**

“Tem dias que pensamos onde nós morávamos e dá vontade de chorar”. **Antônio Margoleski, aposentado.**

Fala do apresentador Sérgio Chapelin. Encerra terceiro bloco: Nossos repórteres revelam o ponto fraco do gigante. Onde o Aquífero corre o risco de contaminar suas águas minerais. Daqui a pouco.

Textos transcritos do quarto bloco do programa.

Passagem repórter e São Paulo: A natureza fez uma muralha para proteger seu tesouro escondido. O paredão de basalto é o guardião. Cobre mais de 90% da imensa caixa d’água subterrânea. Sobre o Aquífero Guarani existe uma camada de basalto, uma rocha vulcânica praticamente impermeável – uma proteção natural. Mas o basalto não é tão seguro assim. Existem rachaduras naturais, por onde a água da superfície escorre. É o caminho da recarga do aquífero e de uma possível contaminação.

“Se tiver uma atividade poluidora em cima, essa poluição vai escorrer para o aquífero”. **Luiz Marlan, geólogo**

Texto: E no Centro-Oeste, o agronegócio prospera sobre o aquífero. Onde tem criações e lavouras, tem matéria orgânica que produz o nitrato.

“O nitrato está no metabolismo das bactérias. É fundamental para o desenvolvimento das plantas, mas em altas concentrações pode levar à contaminação”. **Alcides Faria, biólogo.**

Texto: Na suinocultura, o nitrato presente nos dejetos é altamente poluente. Na granja de José Pinesso, o dinheiro para preservar o meio ambiente veio do outro lado do mundo.

“Estou fazendo quatro biodigestores, para onde todos os dejetos da suinocultura será bombeados. Vão passar por um processo de fermentação, depois a água vai para lagoas revestidas com lona, de onde vai ser utilizada para fazer a fértil irrigação. Pagaríamos R\$ 750 mil por esses quatro biodigestores funcionando. Mas, por enquanto, eu não tirei nada do bolso, porque o Protocolo de Kioto está pagando.” **José Pinesso, suinocultor.**

Texto: Os biodigestores são essas bolhas. Os gases que exalam da fermentação dos dejetos ficam retidos. Depois de canalizados, são queimados sem poluir o ar.

Passagem repórter de São Paulo: Uma granja de criação de suínos não tem o mau cheiro característico das pocilgas. A preocupação não é só evitar a emissão de gases poluentes na atmosfera. São Gabriel do Oeste está sobre um afloramento do Aquífero Guarani. A reserva subterrânea de água está a alguns metros abaixo, por isso, os dejetos da suinocultura são tratados e ficam em lagoas que têm uma cobertura que protege o solo e evita a infiltração. Protege também o Aquífero Guarani de qualquer contaminação.

“O dejetos de suíno depois de fermentado está livre de substâncias tóxicas, como nitritos e nitratos, que poderiam contaminar o subsolo”. **João Antônio de Almeida, médico veterinário.**

Texto: Mais que preservar, José Pinesso vai economizar. Os dejetos serão usados para adubar a terra e reduzir a metade os gastos com fertilizantes. A água tratada vai irrigar a lavoura e a energia para abastecer a fazenda virá da queima do gás aprisionado nas bolhas.

Enquanto uns buscam saídas para não poluir, outros pulverizam agrotóxicos na lavoura. O risco de contaminação do Aquífero Guarani é maior nas regiões onde a rocha que armazena água aparece.

Em todo o Brasil, essa região cobre mais de cem mil quilômetros quadrados. Uma área maior que os estados do Rio de Janeiro, Sergipe e Alagoas juntos.

Passagem: Aqui, o afloramento do Aquífero Guarani é a região onde a rocha está visível na superfície. Quando chove, parte da água da chuva infiltra na pedra e abastece a reserva subterrânea. A água cai e é rapidamente absorvida, fica armazenada dentro da rocha. Funciona como se fosse uma esponja.

Texto: Se a gente pudesse cortar a terra, a imagem do aquífero seria como uma bacia. A rocha que armazena água chega a mais de um quilômetro de profundidade. Por cima, está o basalto. Nas bordas não tem proteção, e a pedra chega até a superfície. Coincidência ou não, nessas regiões o desenvolvimento econômico é grande – seja nas lavouras de grãos do Centro-Oeste ou nas grandes cidades do Sudeste. E o sonho de consumo de todo agricultor, a terra roxa, nada mais é do que uma parte do aquífero.

“Em cima desse conjunto todo, a rocha é alterada, formando as camadas de terra roxa que cobrem praticamente toda a região da bacia, principalmente as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. A terra roxa é altamente cultivável em razão da fertilidade do solo que essa rocha produz”.

Luiz Marlan, geólogo.

Texto: É só olhar as plantações de soja. O problema é que produtividade e uso de agrotóxicos andam juntos.

“Nesses locais, a preocupação é maior. Tem que saber o que produzir e de que forma. Não podemos chegar e produzir diretamente mais indiscriminada de uso de produtos químicos”. “A gente não pode breca o desenvolvimento por conta do aquífero, mas também não pode estabelecer algo que produza poluição nessa região porque todos nós dependemos da água, e o aquífero é um grande reservatório.” **Felipe Augusto Dias, engenheiro agrônomo.**

Texto: O desafio é criar regras para o uso da água. Uma das propostas é cobrar de quem gasta e de quem polui.

“Nosso objetivo agora é a cobrança pela água, principalmente para conscientizar as pessoas de que o manancial é precioso e aquela idéia de que a água seria infinita não existe mais. Mesmo estando em cima de um grande volume de água, as gerações futuras podem ser prejudicadas”. **Entrevista com Luiz Marlan, geólogo.**

Texto: Para as áreas de recarga, onde o reservatório se reabastece, já se fala em restrições.

“Nós precisamos partir de um zoneamento para dizer que tipo de uso pode ter o aquífero em cada região, o mais adequado, a maneira que ele não seja contaminado”. “Se um curso de água superficial é contaminado até pode ser feito um trabalho de recuperação. Mas não há como limpar um aquífero. Um aquífero não há como limpar”. **Alcides Faria, biólogo.**

Fala do apresentador Sérgio Chapelin. Encerra quarto bloco:

O país mais rico em água. Cientistas alertam: o aquífero pode ajudar o país a crescer.

Textos transcritos do quinto bloco do programa.

Dulcinéia: O Paraná tem 399 municípios, dos quais 275 já descobriram as vantagens das águas subterrâneas: mais saudáveis, mais puras e mais baratas. Cinco aquíferos diferentes abastecem o estado. Historicamente, as águas minerais da região eram consumidas pelos índios guaranis há séculos. Depois, chegaram os desbravadores, com o desmatamento indiscriminado, pondo em risco as fontes naturais. Hoje, a grande preocupação é recuperar e preservar as matas para proteger não só os rios, mas principalmente a água que vem do fundo da terra.

Em áreas de muita vegetação, brotam as minas que alimentam a indústria. Pontos borbulhantes na areia muito clara, aqui que não há apenas uma, mas várias fontes de água mineral. E elas contêm cálcio e magnésio, fundamentais para crianças e idosos.

A indústria do café também usa o Aquífero. Além de pura, a água já vem quente. Economia no consumo de energia. A indústria tira água a uma profundidade de quase mil metros. E tanto a utiliza na extração do café como nas caldeiras. Mas a quem pertence, afinal, a água do aquífero?

Diante da escassez que ameaça o mundo, a Organização das Nações Unidas (ONU) propôs que o Aquífero Guarani fosse transformado em Patrimônio da Humanidade. Que suas águas fossem consideradas reserva estratégica, intocada, para que no futuro fosse usada por toda a população do planeta. Por enquanto, é apenas uma proposta.

Hoje, os quatro países do Mercosul que estão sobre o gigantesco reservatório formam uma grande potência.

“Têm que se unir para defender esse patrimônio, porque o futuro está na água. Os países que têm abundância em água vão dominar o mercado porque vão produzir alimentos, uns podem vender a água envasada. Isso depende da determinação do governo destes quatro países na defesa do Aquífero Guarani como patrimônio nosso” **Nádia Boscardin, bióloga.**

Dulcinéia: A bióloga e os pesquisadores José Roberto Borghetti e Ernani da Rosa filho são os autores do mais completo estudo já feito sobre o aquífero, que concluiu: o Guarani é instrumento precioso para o crescimento do Brasil.

"O mais importante, desta riqueza, é saber quais os critérios vão ser utilizados para que possamos utilizar o aquífero de forma racional, visando tanto a questão do desenvolvimento que o país precisa como a preservação ambiental, para que as futuras gerações possam constantemente usufruir deste benefício". **José Roberto Borghetti, pesquisador.**

Dulcinéia: Água subterrânea é uma riqueza que pode gerar outras riquezas. Mas os cientistas alertam: este bem renovável, vital para o ser humano, não é infinito. Só o uso racional, cercado de cuidados ao meio ambiente, pode garantir vida longa às nossas reservas de água.

ANEXO B - Transcrição dos textos do programa sobre o Pantanal Paraguai

Textos transcritos do primeiro bloco do programa.

Fala do apresentador Sérgio Chapelin:

Boa Noite. O Globo Repórter de hoje atravessa a fronteira para revelar a beleza de um outro Pantanal, muito semelhante ao nosso. Vamos viajar por uma área selvagem: ora pântano, ora deserto. Ele tem o tamanho do Estado de São Paulo e fica ao norte do Paraguai, vizinho ao estado de Mato Grosso do Sul.

Lá vive a maior de todas as onças pintadas. Mais pesada e ameaçadora do que a brasileira. Tuiuiús, flamingos, gaviões, guanacos e taguá, um estranho animal já considerado extinto. Nossos repórteres conseguiram chegar a uma imensa lagoa de sal e testemunharam revoadas de gaivotas extraordinárias.

Nos acompanhe numa viagem pelo Chaco Paraguai. Uma produção da Rede Globo e a da RPC, a Rede Paranaense de Comunicação, afiliada da Rede Globo.

Sandro: Qual trilha que leva a uma das paisagens mais desafiadoras do planeta? Partindo de Assunção, capital do Paraguai, segue-se pela única estrada de asfalto de toda a viagem. Uma rodovia que atravessa o continente e é conhecida como Transchaco. Temos pela frente 3,5 mil quilômetros de aventura.

Passagem Sandro: Seguimos rumo a um lugar que tem apenas duas estações ao ano: um período de seca e outro de chuva. Uma região em que as temperaturas se alternam entre dias muito quentes e madrugadas geladas. Os limites da vida no chaco são o nosso destino.

Sandro: Muitas planícies, poucas montanhas. Poeira que não acaba mais. Ao contrário do que parece, "chaco" não significa terra encharcada, cheia d'água. A palavra indígena quer dizer "território rico em caça", cheio de animais silvestres. Os bichos aparecem já ao longo das estradas. Fazem delas clareiras – passagem livre dos espinhos da mata.

São veados, tatus, a ema, com seu passo desajeitado. Ela pode chegar a 1,7 metro de altura e é chamada de "ñandú". Devora tudo: sementes, cactos, insetos, pequenos animais e cobras.

Mesmo com a chegada da noite, é possível perceber a riqueza da vida no chaco. Pontinhos de luz que brilham no escuro são os olhos curiosos de um zorrillo, uma pequena raposa, que pára no meio da estrada hipnotizado pelos faróis do carro. Está protegido por lei, mas não vive em segurança. Encontrado facilmente nos arredores das fazendas, é um alvo fácil para caçadores.

Um dos refúgios da fauna da região é o Parque Nacional Defensores del Chaco. Fomos conhecer de madrugada, para registrar o amanhecer dos bichos. Acompanhamos os passos de um guia experiente. Faz 27 anos o guia Silvino González trabalha no local. Vivência que faz dele um guia atento, mesmo no escuro.

Quando o dia nasce, estas lagoas formadas pelas chuvas do verão passado. Como muitas delas secam no inverno, aquelas que resistem funcionam como enormes bebedouros, para onde os animais seguem logo no começo do dia.

Passagem Sandro: Num lugar selvagem como o chaco, os bichos não estão acostumados com a presença de pessoas e ficam muito ariscos. Sentem o nosso cheiro, ouvem a nossa voz, percebem cada movimento dos humanos. Por isso, observá-los é uma tarefa que exige muita paciência.

Sandro: Silvino percebe um movimento estranho e pede silêncio. Quem será que se aproxima? Do meio do mato, surge um gigante de 200 quilos: uma anta, que os paraguaios chamam de “tapir”.

Ela chega bem perto da beira da lagoa, mas alguma coisa a incomoda. O nariz parece um radar, aponta para todos os lados. E o faro, infalível, indica que fomos descobertos. A quase cem metros de distância, a presença humana é percebida como uma ameaça. E a anta não se arrisca. Devagar, se afasta até desaparecer.

O bicho tem motivo de ser assim, desconfiado. Na mata, onde impera a lei do mais forte, a anta pode ser o almoço de um dos mais temidos moradores do chaco: a onça-pintada, o maior felino das Américas.

Estas imagens gravadas por uma TV espanhola mostram o momento em que uma onça-pintada se aproxima de uma lagoa do chaco. É uma fêmea. Atrás dela, aparece outra onça, um pouco mais magra. Um macho, que segue a companheira, guiado pelo instinto. A fêmea está no cio e a câmera registra um flagrante difícil de ser visto na natureza: a hora do acasalamento. O

encontro é rápido e vai se repetir outras vezes, enquanto durar o período de reprodução.

O casal também tem lá suas briguinhas – faz parte do namoro. As cenas impressionaram pesquisadores brasileiros.

“Olha isso”. **Entrevistado sem nome.**

São biólogos e veterinários que trabalham em Foz do Iguaçu, do lado brasileiro da fronteira.

“São imagens raras, muito interessantes para a ciência, sem dúvida, porque são animais de hábitos esquivos, dificilmente se encontram na natureza”. **Ana Rafaela d'Amico, bióloga.**

Sandro: A equipe estuda os hábitos das onças-pintadas, cada vez mais ameaçadas de extinção.

“A presença da onça indica que essas áreas têm uma conservação considerável. E que essas espécies são predadoras do topo da cadeia alimentar. A presença delas quer dizer que tudo o que está abaixo da cadeia está equilibrado”. **Apolônio Rodrigues, biólogo.**

Sandro: O guia Silvino sabe o que significa ficar frente a frente com uma onça-pintada. Ele já encontrou a fera algumas vezes, em caminhadas no meio da mata. Numa delas, tentou fotografar a onça de perto. Perto demais!

“Eu tive um problema: ela parou e levantou a orelha. Com a boca grande, veio com as duas patas como que para me abraçar. Joguei a câmera e saí correndo. O animal ficou ali, entrou na mata e desapareceu. Meu coração estava tranquilo, embora funcionasse mais acelerado”. **Silvino González, guia.**

Sandro: O chaco guarda surpresas até mesmo para os cientistas. Na região, eles registraram a presença de um animal que todos já imaginavam extinto. Um fóssil vivo, que parece ameaçador. Arrepiam os pêlos quando alguém se aproxima dele. Mas, diante do perigo, foge com o bando. O nome dele é taguá, uma espécie rara de porco-do-mato que só existe no chaco, justamente o lugar em que a falta de água é tão impiedosa quanto o mais cruel dos predadores.

Passagem Sandro: É impressionante como o taguá conseguiu se adaptar ao ambiente. Em épocas de seca, ele consegue sobreviver bebendo apenas três milímetros de água por dia. Por isso, o taguá é considerado um símbolo da vida que resiste no chaco.

Sandro: Os primeiros grupos foram encontrados na década de 70, quando a espécie já estava ameaçada. O taguá desapareceu da Argentina, quase sumiu da Bolívia e tem no Paraguai a única esperança de escapar da extinção. Hoje, a estimativa é de que existam, no máximo, 5 mil taguás em todo o chaco.

O veterinário Juan Campos trabalha com a reprodução da espécie em cativeiro. Ele prepara um anestésico e explica que sem ele não há como capturar o taguá.

“Nós tentamos manter esses animais no cativeiro mais selvagem possível. É muito provável que eles se machuquem se usarmos redes ou laços para capturá-los”. **Juan Campos, veterinário.**

Sandro: O animal escolhido para o exame logo percebe que está na mira do veterinário. O tiro é certo. O taguá reage, agitado. Será que a seringa falhou? A resposta vem aos poucos. O porco-do-mato começa a perder a força até que, finalmente, é vencido pelo anestésico.

A equipe tem pouco tempo para fazer vários exames. O animal está um pouco gordo, mas a pressão sanguínea e a temperatura estão dentro do padrão da espécie. O taguá tem um chip debaixo da pele, colocado pelos pesquisadores, que acompanham a vida dele desde o nascimento. De acordo com eles, o taguá tem seis anos.

Pêlos do bicho são arrancados para um teste de DNA. Um cuidado para evitar que os taguás cruzem com parentes e enfraqueçam a genética da espécie. Quando é solto, novamente, ainda está meio zozado, cambaleante. A ressaca é efeito da anestesia. Logo ele vai estar recuperado e, como bom reprodutor, pronto para espalhar filhotes que assegurem o futuro da espécie.

Desde o início dos estudos, em 1985, 150 animais nascidos em cativeiro já foram soltos no chaco. “O Projeto Taguá garante parte da sobrevivência desse animal. Depende muito da consciência das pessoas. A população deve colaborar não caçando esses animais e conservando o chaco, porque, sem o seu habitat, eles não sobrevivem”. **Juan Campos, veterinário.**

Fala do apresentador Sérgio Chapelin. Encerra primeiro bloco:

A quilômetros do litoral nossos repórteres caminham sobre uma lagoa de sal e o magnífico vôo dos flamingos.

Textos transcritos do segundo bloco do programa.

Sandro: Cruzamos a porteira da Reserva Natural Chaco Lodge e logo se vê um lugar "do outro mundo". A zona úmida é mesmo um ambiente único. A primeira impressão é de que estamos diante de um imenso deserto branco. Ou seria uma praia esquecida bem no meio da América do Sul? A claridade do sol se multiplica e é difícil ficar de olhos abertos.

Por incrível que pareça, esta é uma das lagoas que secam depois do inverno sem chuvas. Uma lagoa especial, diferente de todas da região.

Passagem Sandro: Se durante a seca é possível atravessar a pé essa lagoa do chaco, há 400 milhões de anos, estaríamos andando sobre o fundo do mar. O barulho que se ouve enquanto caminho não é areia nem gelo: é sal. O mesmo sal que se espalha pelos oceanos. E olha que o Oceano Atlântico, o mais próximo, está a 1,5 mil quilômetros da região.

Sandro: O sal ocupa uma área de 3 mil hectares, torna o lugar do imenso espelho d'água que desapareceu. Nas partes mais rasas da lagoa, ele cristaliza e vira pó na palma da mão. Tão seco que os ventos constantes provocam redemoinhos de sal.

Passagem Sandro: O sal forma uma camada tão espessa no fundo da lagoa que dá até para cortar com um canivete, como se fosse a cobertura de um bolo. Sai inteirinho. Puro sal. No fundo, fica o barro, bem argiloso.

Sandro: Várias teorias tentam explicar o fenômeno. Uma delas é a de que as estradas abertas pelo homem interromperam os canais que ligavam as lagoas umas às outras. A falta de circulação da água teria feito o sal aflorar. O professor de ciências naturais Wilfred Giesbrecht diz que a própria natureza contribuiu para o aparecimento do sal.

“A grande superfície de água entrou em contato com as camadas de sal do subsolo e das bordas das lagoas. Aí, o sal brotou e salinizou as lagoas”.

Wilfred Giesbrecht, professor.

Sandro: Hoje, o sal está à flor da terra, mas não vai ficar muito tempo assim.

“Até o fim do ano, tudo será coberto por água, numa profundidade de aproximadamente um metro”.

(repórter pergunta ao entrevistado) - É uma paisagem que tem que se ver pelo menos duas vezes?

(entrevistado) – “É uma paisagem que tem que se ver duas vezes”.

Wilfred Giesbrecht, professor.

Sandro: Quando estão cheias, as lagoas salgadas atraem visitantes que vem de longe. Voam velozes e deixam ainda mais colorida a paisagem do chaco. São flamingos, que saem do Chile fugindo do frio.

Aqui eles encontram dias quentes, alimento de sobra – caramujos e pequenos crustáceos que habitam as lagoas – e não correm perigo. Por enquanto, nenhum outro bicho incluiu os flamingos no cardápio.

“Pode ser que de vez em quando uma raposa ou outro animal parecido ataque os flamingos. Mas, normalmente não”. **Wilfred Giesbrecht, professor.**

Sandro: As lagoas são restaurantes generosos, onde o espaço é disputado por outros convidados: aves graciosas – como a capororoca, uma espécie de cisne – e bandos de marrecas.

“É necessário proteger essas áreas para que essa diversidade possa ficar aqui e ser a alegria da gente, a alegria dos animais”. **Wilfred Giesbrecht, professor.**

Sandro: Um novo dia nasce no peito do fogueiro. Na beira da lagoa de água doce, um cardeal e um azulão despertam. O maçarico real pesca o café da manhã. Para as palomitas, é hora do banho. E quantas aves cabem em uma árvore assim? Pousadas, as aves parecem frutos. Voando, lembram insetos cobrindo o céu da lagoa.

“A medida que vai chegando a seca vão sobrando pequenos espelhos d’água, onde essas aves se concentram em busca de água e alimento. É inexplicável a experiência que alguém tem quando observa toda a beleza desse festival de aves”. **Nélida Rivarola, bióloga.**

Sandro: Vamos explorar a Lagoa General Diaz, uma das maiores do chaco. O lugar é cercado de pássaros, entre eles o tuiuiú – uma das maiores aves voadoras das Américas, que, no chaco, é chamado de jabiru. As asas abertas medem mais de dois metros e meio de uma ponta a outra. Só o bico tem quase 30 centímetros – grande, como o apetite do bicho.

Um gavião sobrevoa os igarapés e quase pára no ar. Parece brincar com o vento – pura ilusão. Ele também está com fome. Primeiro, ensaia um mergulho e volta. Depois, ao encontrar uma presa, desce novamente, mas deixa o petisco escapar por entre as garras. O gavião não desiste e dá um bote

certo. Ele arranca um passarinho que se escondia no meio das folhas. O pouso, agora, é para apreciar a refeição.

Num lugar onde a natureza conduz o equilíbrio entre as espécies, o maior predador das lagoas está ameaçado. O inimigo é covarde e ataca sorrateiro, sem chance de defesa. Os cartuchos espalhados em volta da lagoa não deixam dúvida: os jacarés têm sido a principal vítima da ganância do homem.

Há poucos meses, uma nova lei proibiu a caça de animais silvestres em todo o território paraguaio. Mas, sem fiscalização, os jacarés continuam da mira das cartucheiras.

“Geralmente as peças vão para o mercado europeu. Mas há referências a uma comercialização nos Estados Unidos”. **Bibi Yurrita, pesquisadora.**

A ambição do homem se alastra pelas matas do chaco. O fogo transforma bosques em cinzas, a vegetação dá lugar às pastagens e toda a diversidade da fauna é trocada por um só animal: o boi.

“O solo, sem a sua cobertura, é areia fina. Por isso, devemos deixá-lo com está. Sem a vegetação, é um deserto”. **Wilfred Giesbrecht, professor.**

Fala do apresentador Sérgio Chapelin:

A seguir: onde o Pantanal Paraguaio encontra o brasileiro.

Textos transcritos do terceiro bloco do programa.

Sandro: A passada do guanaco é firme e elegante. Os olhos desse parente das lhamas são grandes, atentos. No Paraguai, eles são poucos – não chegam a 60 animais. O cacto mordido indica que um grupo passou pelo local. Os guanacos habitam a parte mais árida do chaco, quase na divisa com a Bolívia, região de pouca chuva e muito vento, onde apenas plantas muito adaptadas resistem.

A flor negra é uma delas: tem pétalas aveludadas, de um azul intenso. Uma espécie que só agora foi descrita pela ciência. A árvore conhecida como "palo papel" chama a atenção pelo brilho, cor de bronze, que se destaca na paisagem seca. O nome vem da casca fininha que ela solta – lembra um papel envelhecido.

Os pesquisadores também estudam as propriedades medicinais das plantas do chaco. A centenas de quilômetros da farmácia mais próxima, o conhecimento passado pelos índios tem o valor de uma receita médica.

Passagem Sandro: Os remédios podem estar em embalagens curiosas. É o caso desta árvore conhecida como “palo borracho”, ou pau bêbado, comum pela região. O nome dela é uma referência ao jeito torto como crescem os galhos. Em um tronco em forma de garrafa, a árvore guarda água para sobreviver a períodos de seca. O chá dos espinhos é um santo remédio para o tratamento de doenças nos rins e é também antiinflamatório, ajuda a cicatrizar feridas na pele.

Sandro: O “quebracho blanco” é bastante procurado por homens e mulheres. O chá extraído do caule alivia dores de garganta e de estômago. E dizem que é também um anticoncepcional natural.

“A maioria das mulheres do chaco usa esse chá, porque é difícil encontrar uma farmácia na região.” **Mário Torales, chefe do Parque Nacional Agripino Enciso**

Sandro: O caraguatá é uma bromélia completa: o talo é servido assado, como um palmito; as fibras são usadas para fazer bolsas e o chá combate alguns sintomas da gripe.

“É uma planta muito utilizada pelas comunidades locais para tosse compulsiva”. **Entrevistada sem nome.**

Sandro: E não se deve julgar o valor de uma planta pelo seu porte ou tamanho. A substância mais valiosa do lugar pode estar onde menos se espera.

Passagem Sandro: Uma pessoa que não conhece o chaco dificilmente daria importância a um raminho com pouco mais de dez centímetros, seco, com poucas folhas, mas que é um dos tesouros da região. É conhecido com o ywy-a, que quer dizer fruto da terra. Dizem os nativos que ele guarda muita água. “O ywy-a está a cerca de 1,5 metro debaixo da terra. De acordo com o tamanho da raiz, dá para tirar até cinco litros de água. Se for pequeno, contém, no mínimo, meio litro”. **Alejandro Sosa, agricultor.**

Sandro: O índio guarani reconhece o ywy-a com facilidade. O difícil é chegar à parte que interessa. Todo o cuidado é pouco para não partir a raiz. Tirá-la inteira da terra é como conquistar um troféu. O ywy-a é aberto e todos

querem experimentar. Apertar a raiz entre os dedos é matar a sede como faziam os primeiros índios. Com a sabedoria de quem soube colher um veio d'água, guardado no fundo da terra

“Não vai chover hoje, tampouco na próxima semana”. **Peter Harden, pecuarista.**

“Temos que esperar talvez até setembro, mas o certo é a partir de novembro e dezembro”. **Wiebe Abraham, pecuarista.**

Sandro: A cidade que olha para o céu aprendeu a conviver com a seca. Loma Plata tem 5 mil moradores e telhado, na cidade, não serve apenas para cobrir as casas – é, também, um meio de guardar a água da chuva, que só cai no verão. A água vai para as calhas e segue por condutores até chegar a poços gigantes que ficam no quintal.

“O mais importante é fechar completamente as torneiras”. **Wiebe Abraham, pecuarista.**

Sandro: O engenheiro Wilhelm Giesbrecht é um especialista em aproveitamento de água.

“Primeiro para beber. Segundo, para cozinhar; terceiro, para tomar banho; quarto, para lavar roupas; quinto, dar de beber aos animais e molhar as plantas, nesta ordem”. **Wilhelm Giesbrecht, engenheiro.**

Sandro: A água que fica guardada nos poços é consumida sem nenhum tipo de tratamento. Wilhelm garante que ela é boa. Ruim é ficar sem a água.

Ano passado, ela fez falta na casa de dona Maria Clara Donhuarsi e da filha Celita. O poço não deu conta e elas tiveram de comprar 5 mil litros da cooperativa que funciona na cidade. Este ano, mãe e filha economizam como podem.

“De vez em quando, não lavamos a roupa”. **Celita Donhuarsi, dona de casa.**

Passagem Sandro: Ironia do clima do chaco. A mesma água que falta, quando chega, às vezes passa da conta. E é esse o desafio enfrentado pelos moradores de Forte Olimpo. Depois de sofrer com inúmeras enchentes, eles se viram obrigados a construir um muro. Uma enorme barreira de terra que separa o rio da cidade. Uma tentativa de domar a natureza para continuar vivendo aqui.

Sandro: São oito quilômetros de muro que acompanham toda margem do Rio Paraguai. A eficiência da barreira ainda não foi testada. O muro ficou pronto há sete anos, e a última grande enchente ocorreu há mais de 20.

O comerciante Mário Abreu lembra que todos os moradores correram para o morro, conhecido como Monte Olimpo.

“Nunca pensei em ir embora porque tudo o que tenho está aqui: a amizade e a sinceridade, por exemplo”. Mário Abreu, comerciante.

Sandro: O muro está sendo reforçado com pedras e concreto. O serviço começou bem em frente à casa onde o vigia Plácido Gamarra trabalha.

“Durmo aqui com toda a minha família, tranqüilamente”. **Plácido Gamarra, vigia.**

Sandro: Vamos subir o morro onde os moradores se abrigam em enchentes. São 513 degraus até chegar ao topo do morro onde os moradores se abrigam em períodos de cheia. Do alto, enxergam-se as matas e as lagoas do estado de Mato Grosso do Sul. É o lugar em que o chaco paraguaio e o pantanal brasileiro estão mais próximos e mais parecidos. A mesma natureza, separada apenas por um rio.

Fala do apresentador Sérgio Chapelin. Encerra terceiro bloco:

A floresta mal assombrada de onde ouve-se tidos de uma guerra que acabou há setenta anos.

Textos transcritos do terceiro bloco do programa.

Sandro: A região do chaco é infestada de serpentes. Algumas são mortais. Na luz do sol, o brilho delas destoa do mato seco e revela o perigo. A jibóia não é venenosa, mas logo mostra a arma que usa para matar aves e roedores: a força.

“Cada vez que se movimenta, ela aperta mais. Uma jibóia pode chegar a 3,5 metros”. **Mário Torales , chefe do Parque Nacional.**

Sandro: A sucuri também usa a força dos músculos para dominar as presas. O chaco é mesmo uma região cheia de perigos. Imagine, então, o que não era estar no meio de uma guerra. O tempo não recolheu as lembranças de uma disputa sangrenta.

“Há regiões do chaco onde até hoje os indígenas encontram depósitos de armas debaixo do solo”. **Rosana Ramirez, guarda do parque.**

Sandro: Foi no começo de década de 30. A Bolívia havia perdido para o Chile o acesso ao Oceano Pacífico. Ter uma nova saída para o mar significava alcançar o Rio Paraguai. Para isso, era preciso ocupar o chaco, onde os paraguaios já haviam chegado.

Passagem Sandro: Tirar proveito da natureza foi decisivo na guerra. Os soldados bolivianos, por exemplo, usaram o “palo borracho”, uma árvore típica, para fazer esconderijos. Eles não eram muito altos, por isso, é um pouco difícil entrar nos buracos. Além de se proteger dos tiros, eles podiam também atirar em quem se aproximasse, antes que fossem notados.

Sandro: Plantas cheias de espinhos, clima desértico, falta de água. Até hoje, é fácil confundir as trincheiras que abrigavam os atiradores com os rios que secam no inverno.

Passagem Sandro: Setenta anos se passaram e uma trincheira está praticamente intacta. Os soldados se protegiam do ataque inimigo, mas nenhum dos dois exércitos estava preparado para enfrentar um inimigo comum: a seca da região do chaco.

Sandro: Nos momentos mais críticos, soldados de um mesmo exército emboscavam uns aos outros para conseguir água. Três anos de guerra deixaram 90 mil mortos: 60 mil bolivianos e 30 mil paraguaios.

Em Fortín Boquerón, ocorreu uma das piores batalhas. No cemitério, as 42 cruzes sem identificação são simbólicas. Embaixo delas existe uma vala onde foram enterrados 2 mil soldados. O sofrimento marcou o lugar para sempre.

O guia turístico Carlos Agüero conta que viajantes pedem para dormir no Fortín, mas alguns acabam indo embora no meio da noite.

“Eles ouvem ruídos, pedidos de ajuda, gente caminhando, gente que aparece e desaparece”. **Carlos Agüero, guia turístico.**

Sandro: Seriam fantasmas da guerra ou a imaginação alimentada pelas histórias do antigo campo de batalha? É mesmo difícil andar pela trilhas sem pensar no horror vivido pelos soldados.

“Por três vezes, em três oportunidades eu escutei tiros de canhão. É um mistério, porque não há como confundir o som de um canhão”. **Carlos Agüero, guia turístico.**

Sandro: O paraguaio Arnulfo Barrios, de 89 anos, lutou na Guerra do Chaco e lembra que, numa das missões, a sede o obrigou a beber a própria urina.

“Fui com uma patrulha levar uma ordem para outro regimento. Não prestei tanta atenção à bússola e tive que desviar. Isso me custou um dia e uma noite”, **Arnulfo Barrios, ex-combatente.**

Sandro: O Paraguai venceu a guerra, mas para o soldado, vitoriosos são todos aqueles que sobreviveram.

“Vínhamos contentes porque pelo menos até aquele momento estávamos vivos”. **Arnulfo Barrios, ex-combatente.**

Sandro: A garrafa d'água, do tempo da guerra, é uma relíquia guardada no museu. Lembra o valor do que é simples e, ao mesmo tempo, essencial

Fala do apresentador Sérgio Chapelin. Encerra terceiro bloco:

Isolados na imensidão de uma terra selvagem, como vivem os homens do Chaco? A seguir.

Textos transcritos do quarto bloco do programa.

Sandro: No meio da estrada, a passada dos bois dita a velocidade de uma vida sem pressa. No chaco paraguaio, o isolamento e a distância se medem pelo tempo das viagens. Demoradas e, quase sempre, solitárias. Quem mora num lugar assim?

Uemínio Riberos é empregado de uma fazenda. E todos os dias, ele pedala cento e trinta quilômetros para ir e voltar. A câmera de TV é puro encantamento. Ele nunca viu nem sabe para que serve o equipamento.

Impossível desvendar os mistérios de uma região tão isolada e não ver as dificuldades de quem vive lá. Informação é fundamental para quem viaja pelo chaco. Os moradores das fazendas se ajudam, operam rádios transmissores e trocam mensagens todas as manhãs.

As vozes chegam a uma rádio, que retransmite os relatos, ao vivo, para todo o Chaco. O alerta pode evitar que alguém fique encalhado no meio do caminho. Nos piores trechos, os buracos e o mato alto limitam a velocidade a 15 quilômetros por hora. Lento demais para atravessar uma região que tem o tamanho do estado de São Paulo.

Passagem Sandro: Embora seja uma área bastante extensa, o chaco paraguaio é pouco habitado. Apenas 3% da população do país vivem na região. Isso dá, em média, quase três quilômetros quadrados para cada morador. É bastante comum encontrar casas abandonadas na região. O clima e o isolamento espantaram muita gente. Quem fica escreve a história do lugar.

Seu Délio Olmedo tem 23 anos e seu Juavian Villalba, 28. Está na cara deles que a vida difícil faz com que pareçam bem mais velhos. Para chegar à fazenda onde trabalha, Délio atravessa as lagoas a cavalo.

“Não há dificuldades”. **Délio Olmedo, vaqueiro.**

Sandro: Apanhar água numa represa é uma necessidade na vida de Juanvian. É água para toda a família. E que família!

“Tenho seis filhos: duas meninas e quatro meninos”. **Juanvian, vaqueiro.**

(repórter pergunta ao entrevistado) – Vocês não vêem muita televisão por aqui?

(entrevistado)- “Não vemos muita televisão por aqui”.

Sandro: O cavalo arrasta um tambor de 60 litros. No trajeto, Juanvian deixa um pouco de água para o vizinho, um homem mais velho, que não já conseguiria fazer o mesmo esforço.

“Os vizinhos se ajudam para que não falte água. É preciso compartilhar sempre”. **Sandro Alvarenga, enfermeiro.**

Sandro: Só depois, o vaqueiro leva o restante da água para casa.

“Me acostumei a viver assim”. **Juavian, vaqueiro.**

(repórter pergunta ao entrevistado): O que se aprende aqui no Chaco?

“Aqui no chaco se aprendem muitas coisas. Temos que conviver, compartilhar, não pode haver maldade, precisamos ser sensíveis. O mais importante é a convivência, ser sincero, honesto e conviver com a natureza como nós estamos fazendo”. **Silvino Gonzáles, guarda do parque.**

ANEXO C – PESQUISA IBGE

Pesquisa Nacional por Amostras em Domicílio do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Ano de 2002, referente ao ano de 2001.

1998	1999	2001	2002	2003	2004	2005	2006
87,5	87,8	89,1	90,0	90,1	90,9	92,0	93,5

	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Televisão	41 769 994	43 212 179	44 766 984	46 330 935	48 099 202	50 320 330

90,4 90,3 90,4 89,9 88,0 87,9 87,8 88,1 88,4